

DESCRIÇÃO GERAL DO REINO DO PERU, EM PARTICULAR DE LIMA

Tradução de ISABEL ARAÚJO BRANCO * & ANA SILVA **
Notas de ANTÓNIO CASTRO NUNES ***

O Peru, província e reino rico e poderoso¹, onde se encontram ricas minas de prata, ouro, mercúrio, chumbo, estanho e cobre, abastecida de todo o género de sustento. Terra rica e abundante em gado e todas as sortes de sustento e aves e peixes. Terra temperada e limpa de serpentes e animais peçonhentos e bravios. Terra de muitas ervas e substâncias medicinais. Divide-se este reino em três partes, que são planície, serra e Andes. Por planícies, entende-se toda a costa do Mar do Sul. E em toda esta costa e planícies não chove em mais de seiscentas léguas, assim no mar como em terra. Entre o mar e a serra são as planícies, que do mar à serra e partes onde começa a chover não há dez a doze léguas. E da serra descem os rios para as planícies, e por onde correm estes rios é onde ficam as vilas e todo o tipo de povoações. E alcançam as águas destes rios, tiradas em grandes acéguas de ambas as partes das margens dos rios, uma légua e duas e mais, conforme a grandeza do rio. Tudo o mais são areais e despovoados, e cultivava-se tudo quanto a água alcança, que são pastos e bosques e terra aprazível e agradável.

A serra, que é a cordilheira que se estende desde o estreito de Magalhães até à *Tierra Firme*², por mais de mil léguas de caminho, são altas e

* Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos (NEIIA – FCSH/NOVA) e membro do projecto Diálogos Ibéricos e Ibero-Americanos do Centro de Estudos Comparatistas (CEC – FLUL). Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Ministério da Educação e Ciência.

** Bolseira do Centro de Estudos Comparatistas (CEC – FLUL).

*** Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora (CIDEHUS – UÉ). Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia /Ministério da Educação e Ciência.

¹ O autor está a referir-se ao Vice-Reino do Peru, um dos dois Vice-Reinos existentes na América espanhola no século XVII, criando-se na centúria seguinte mais dois.

² Designação atribuída no início da colonização castelhana à região correspondente ao istmo do Panamá (à época também conhecido por istmo de Darién) e à actual costa atlântica colombiana, por oposição às primeiras ocupações insulares.

imponentes montanhas, que, na língua daquela terra, se chamam *punas*³. Há, nestas montanhas, toda a sorte de minas, em diferentes partes, como no decurso desta relação se dirá. A doze léguas de Lima ou do mar, começa a chover; a nevar e tropejar fortemente. Em algumas zonas desta montanha caem raios. Começa o Inverno, nestas montanhas, desde inícios do mês de Outubro até ao fim do mês de Abril. Neste tempo é Verão e fazem grandes calores nas planícies. Nesse tempo, crescem os rios. E quando chove na montanha é nela o tempo menos frio e mais temperado e quando nas montanhas faz maiores frios e neva mais é no Verão, que começa de Maio até ao fim de Setembro. Em umas partes da montanha, começa o Inverno primeiro que noutras, porque são muito variáveis as constelações e climas desta terra, porque, quando numas partes semeiam, noutras estão os frutos nascidos e noutras maduros e noutras colhem-nos e por esta razão se diz que se colhe trigo no Peru duas vezes por ano.

Os Andes são bosques altíssimos e cerrados⁴, com rios caudalosos que descem também das montanhas e vão todos dar ao rio Maranhão, que entra no mar Oceano. Como as planícies estão entre o mar e a serra, assim a serra está entre as planícies e os Andes. Nestes Andes há animais bravos e serpentes peçonhentas. Há uma serpente a que chamam cascavel, que picando um homem o mata, e lhe pôs Deus este guizo⁵ que em estando a serpe perto do homem o ouve e tem lugar de se guardar dela. Há, nestes Andes, índios de guerra, que muitas vezes salteiam os espanhóis que têm *chácaras* ou *estancias*⁶ nas margens destes bosques, e talvez lhes dão na cabeça e os matam. E andam estes índios despidos e pintados de almagre, com arcos e dardos mui pintados, feitos de um pau negro mui forte, a que chamam *chontas*. E se voltam fugindo com grande velocidade e ligeireza. Os espanhóis fazem entradas por muitas partes destes Andes, guerreando os índios, e sempre vão descobrindo e ganhando terra. Nestes Andes entram alguns índios ladinos⁷ do Peru a

³ Nome atribuído a regiões de alta montanha da região dos Andes, que no Peru e na Bolívia se situam acima dos 4 mil metros. As *punas* alternam os relevos escarpados com grandes mesetas, lagos e lagoas. Destacam-se pela conjugação de baixas temperaturas, especialmente durante a noite, e um clima essencialmente seco (embora existam épocas de grandes precipitações). A vegetação silvestre típica é o *ichu* que, entre outros usos, serve de alimento aos camelídeos andinos. Trata-se de um termo de origem *quechua* que significa «lugar de altura», utilizado no período colonial para designar genericamente zonas montanhosas.

⁴ Por Andes o autor refere-se à selva amazónica.

⁵ «Cascavel» no original, em espanhol.

⁶ O termo *chacara*, de origem quechua, denominava pequenas explorações agrícolas, enquanto a instituição colonial da *estancia* era orientada predominantemente para a criação de gado.

⁷ A expressão «índio ladino» era utilizada em referência a indígenas que, no período colonial, falavam castelhano. Podemos considerar que a expressão se generalizaria frequentemente para caracterizar todos os que se relacionavam com os espanhóis.

tratar com os índios, e levam-lhes mercadorias de que eles fazem uso, e, em troca, trazem ouro em pó, a que chamam *volador* e que tem vinte e dois quilates de lei, pelo que se tem por coisa certa que nestes Andes há muito ouro. E diz-se que, para além destes bosques, é a terra plana e muito povoada por muitas léguas, até ao mar Oceano⁸.

As coisas que os espanhóis semeiam e colhem nas margens e faldas destes bosques são grandes *chácaras* de coca, que são umas folhinhas do mesmo tamanho e com aparência semelhante às do sumagre e criam-se e colhem-se numas arvorezinhas pequenas⁹, e levam-na às minas de Potosí e a outras, e é sustento para os índios que nelas trabalham, com só mastigando-a e trazendo-a entre os dentes, com isto andam todo o dia metidos dentro das minas. Também colhem trigo, milho, arroz, mel de abelha e amêndoas, maiores e menores do que as da Europa. Criam-se papagaios e macacos e outras coisas.

Tornando a tratar das planícies e costas do mar, as partes em que eu estive e de que tenho mais notícia são quando se vem do Panamá para o Peru, deixando as ilhas de Rey e Taboga¹⁰, desviando-se da costa para não entrar na górgona, passando os farilhões que há no meio do mar e em toda a costa dos mulatos, e passando a linha equinocial, chega-se (a Manta)¹¹, primeiro porto e lugar do Peru. Este é lugar de índios, onde se faz enxárcia e cabos para os navios¹², não tem nenhuma defesa, tem um bom¹³ porto, e em barcos se salta em terra. A duas léguas por terra adentro fica Portoviejo, vila onde há trinta casas de espanhóis, gente que possui muito gado e pouco dinheiro.

Daqui se vai por terra a Guayaquil. Há muitos lugares de índios pelo caminho e bosques e muita solidão. Guayaquil é vila de espanhóis e de bom trato por mar e terra, de onde se levam as mercadorias que vêm de Lima e outras partes à cidade de Quito. Aqui se fazem grandes naves porque há muita madeira de cedro e carvalho, muita da qual é levada para Lima. Também se fabricam enxárcias e se colhe tabaco e salsaparrilha. E sai desta vila de Guayaquil caminho para Quito e outras partes. Tem boas boticas de mercadores. Daqui se vai por barco a uma ilha que chamam Punna, muito regalada e com alguns lugares de índios, vive

⁸ Oceano Atlântico.

⁹ No original «arbolillos chicos»: possível marca da linguagem andaluza.

¹⁰ Estas duas ilhas situam-se no Golfo do Panamá. A primeira é a maior das mais de cem ilhas que constituem o Arquipélago das Pérolas, enquanto a ilha de Taboga, também denominada Ilha das Flores, está mais próxima da cidade do Panamá.

¹¹ Parênteses do copista, provavelmente indicando que não compreende a letra do original. Fará referência a Manta, lugar onde actualmente se situa San Pablo de Manta, no Equador.

¹² Esta é apenas uma das muitas produções a que os indígenas, pelo seu estatuto, se encontravam obrigados. Ver notas 15 e 38.

¹³ No original «bom», possível lusitanismo.

nesta ilha um cacique muito rico. Daqui se passa a Tumbes, e segue-se o caminho por algumas povoações de índios e vai-se a San Miguel de Piura, primeira cidade que se ganhou no Peru.

Tornando a Payta, tem um porto¹⁴ grande e espaçoso, limpo de escolhos e baixios, seguro de tempestades, podem nele caber e entrar quantas naves se queira. Payta é lugar de índios, vivem aí alguns espanhóis. Têm lojas mais de coisas de comer do que de outras mercadorias. Desde Payta até San Miguel de Piura há doze léguas de areais. Pelo seu vale e pelo meio do lugar, corre um rio com que regam os seus campos. É lugar aberto e de pouca traça. Tem *corregidor*¹⁵ que El-Rei provê por seis anos, todos os *corregimientos* que El-Rei concede são os melhores e de mais honra e proveito, e sempre os concede por seis anos, os que dá o vice-rei não são mais que por três. Payta é deste *corregimiento* e outros lugares que tem da sua comarca, todos de índios. Junto a este rio, há *chácaras* onde vivem espanhóis e criam muito gado, éguas, cavalos, mulas, vacas, ovelhas e cabras, muitas galinhas, trigo, milho e outras coisas, e não faltam mosquitos. Desta vila sai um caminho para a serra e segue-se o caminho das planícies, a sete léguas, junto ao rio, está a *estancia* del Negro, onde se descansa e se toma água para passar a Olmos de los Arrieros, que são vinte e uma léguas de ermo, sem água nem coisa de sustento, há alguns bosques no caminho. Por aqui se anda com índios, e eles sabem as dormidas e onde há erva e alguma água salobra para as bestas. Olmos, que está a quarenta léguas de Payta, é lugar de índios, todos são arrieiros. Têm boas mulas nas planícies e vão com elas a Payta sempre que ali chegam navios, e levam quem quer ir por terra a Lima e a outros lugares. É mui grande avio e descanso para os passageiros.

Voltando a Cartagena¹⁶ para passar dela ao Peru por terra, que são, desde Lima, novecentas léguas, navega-se pelo rio grande desde La Magda-

¹⁴ No original «porto», possível lusitanismo.

¹⁵ O *corregidor* era um oficial nomeado pela Coroa (ou autoridades competentes nas Índias) de implementação local que detinha funções essencialmente judiciais. Os *corregidores* são normalmente entendidos como os representantes do monarca no governo local, sendo que a sua actuação na América nos primeiros tempos da presença castelhana esteve associada à tentativa de controlar a acção dos *encomenderos*. Entre as suas principais atribuições, podemos considerar a administração da Justiça em primeira e segunda instância (dependendo da composição do *cabildo*). No caso de o seu *corregimiento* englobar alguma cidade, este tinha a seu cargo a presidência do *cabildo* municipal. Os *corregidores de indios* tinham algumas atribuições específicas como mobilizar a mão-de-obra forçada indígena, assegurar a produção de determinadas mercadorias necessárias à economia colonial, das quais o autor dá numerosos exemplos, e o *repartimiento* (exclusivo comercial), que obrigava as comunidades a adquirir certos produtos independentemente de serem necessários (ver também nota 38 para o caso das *encomiendas*). Por estes motivos, os cargos, além de se afigurarem vitais para o funcionamento da economia colonial, eram dos mais rentáveis e cobiçados.

¹⁶ Quebra do itinerário, passando para o actual território colombiano.

lena até Mompox e Santa Fé de Bogotá, cidade onde há *Audiencia*¹⁷ e arcebispo, e vai-se para Saragoça, onde há ricas minas de esmeraldas e de ouro fino e muito. Também nesta parte há minas de ouro rico e muito baixa de lei. Estas são chamadas as minas de ouro de Soruro. Este é o Novo¹⁸ Reino de Granada, onde chove e há grandes bosques e muitas províncias e lugares de índios, e há alguns índios de guerra. É terra muito abundante em gados, cavalos e bois. O preço de um cavalo e de um boi gordo não é mais de oito reais, e levam-nos ao Peru, e levam-se muito vistosas e valentes mulas e grande quantidade de fio de pita e pontas e outras coisas. Nestes bosques há algumas serpentes a que chamam cobras boas, tão grandes, grossas e longas como grandes vigas, não fazem dano e movem-se muito devagar, por isto são chamadas boas.

Mina de esmeraldas e ouro fino Soruro, minas de ouro

Chega-se a Quito, cidade do Peru. Dela a Cartagena são seiscentas léguas, e trezentas até Lima. Nesta cidade há Audiência Real, com presidente, *oidores*, *alcaldes de corte* e os demais ofícios pertencentes a uma chancelaria¹⁹, há bispo com *cabildo* de cónegos. É cidade grande e de bom trato, muito abundante em trigo e gado ovino, de cujas lãs lavram grande quantidade de panos, baetas, cordéis, tecidos e cobertores, fazem-se muitos pavilhões e sobrecamas de algodão, fia-se muito fio de pita, e fazem-se muitas pontas dela e outros labores, e faz-se grande soma de sapatos de vaqueta, que são levados a Lima com todas as mais coisas que aqui refiro. Servem estes sapatos aos negros e não valem mais de quatro reais o par. E levam-se esses panos e demais coisas a Cusco e a Potosí²⁰.

¹⁷ As *audiencias* eram um órgão de cariz eminentemente judicial, que seguiam o modelo das chancelarias existentes na Península Ibérica. No Vice-Reino do Peru existiam, na primeira metade do século XVII, as seguintes *audiencias*: Lima, Charcas, Quito, Santa Fé de Bogotá e Santiago. A realidade americana e, acima de tudo, a distância em relação à Corte, fez com que as várias *audiencias indianas* acabassem por ter um conjunto mais vasto de competências de governo. De entre as suas atribuições destacam-se: julgar em segunda instância as determinações de vice-reis e governadores; funcionar como tribunal de última instância nas Américas de apelação cível e crime; e representar o monarca em caso de impossibilidade do vice-rei ou governador. Detinha ainda capacidade legislativa e incumbências em matéria tributária, essencialmente de fiscalização. A sua composição era variável em função da importância da mesma, tendo havido também alterações ao longo do tempo. Ainda assim, podemos assinalar a existência de um presidente enquanto autoridade máxima, de vários *oidores* (ou juízes) e de um conjunto de funcionários de menor importância, como procuradores e escrivães.

¹⁸ No original «Novo», possível lusitanismo.

¹⁹ Esta é uma designação que, por vezes, se confunde com a da própria *audiencia*. Na Península, este era um título que estava adstrito apenas às *audiencias* com um leque mais vasto de competências, enquanto nas Índias esta designação era dada a todas, visto serem depositárias do selo real.

²⁰ A produção e comercialização de panos e manufacturas têxteis era uma das principais actividades económicas da região de Quito, assumindo-se como um elemento estruturante da sociedade quitenha. Esta actividade era indissociável dos diferentes tipos de obrigações das comunidades indígenas de produzirem para as instituições coloniais. A ligação feita pelo autor entre a produção em Quito e a venda em Potosí ilustra o funcionamento

Por todo o reino há terra fertilíssima. Aqui, junto a Quito, fica Latacunga²¹, onde se faz grande parte das coisas referidas e em cuja comarca há muitos lugares de índios. De Quito vai-se a Loxa, vila de espanhóis. Para esta parte da serra fica Jaén de Bracamoros, onde se colhe o melhor tabaco que se leva a Lima. Nesta parte estão os Quixios, onde se colhe canela, não é tão boa como a de Ceilão, serve para doceiros. Aqui ficam as Chachapoyas, onde se faz muito fio de pita e muitas pontas e outros labores. Todas estas províncias são lugares de índios. Por elas tratam muitos mercadores espanhóis. São terras de muitos gados e onde se colhe muito trigo e outras coisas.

Voltando a Olmos de los Arrieros, é lugar de índios²². Tem o seu pequeno rio com que irrigam os campos e colhem o necessário para o seu sustento. Daqui vai-se a Lambayeque, que são doze léguas de grandes areais, que se não (não se) levam índios por guias, se perdem aqui as gentes. Os índios são tão destros que de noite nem de dia não perdem o caminho. De Lambayeque vai-se a Jayanca e a Terrinafe. Todos são lugares de índios e têm rios e colhe-se por esta terra boa cana fístula²³, muito algodão e outras muitas coisas, e é bom *corregimiento*. Têm aqui os índios curas que os doutrinam e ensinam. De Terrinafe, onde há uvas e figos, vai-se à vila de Sana. Esta é uma vila rica de espanhóis, a melhor e mais rica das planícies. Tem grande trato de toda a sorte de mercadorias. Criam-se nesta terra muitas cabras e machos, de que se fazem cordovão, e levam-no a Lima, com cebo, e colhe-se muito trigo, açúcar e algum anil, ainda que não muito bom. Está a vila a cinco léguas do mar. O seu porto chama-se Cherepe, e é porto inquieto, que é a costa rasa e estar desabrigado, sempre se espera que esteja o tempo calmo para embarcar e desembarcar. No caminho do porto para a vila, há muitos bosques de *guarango*, que é a árvore de onde se colhem as alfarrobas. Pelo caminho, há *estancias* e não falta água. De Sana, segue o caminho para a serra, e por ele se vai à província de Caxamarca. O caminho das planícies divide-se em dois, pelo da esquerda, vai-se a Pueblo Nuevo, onde fica guadalupe, mos-

do espaço económico andino, no qual a procura gerada pelos centros mineiros levou a que determinadas regiões alcançassem um elevado nível de especialização, neste caso de têxteis na área de Quito.

²¹ No manuscrito, «La tacunga», erro que indicará a existência de um copista.

²² Quando o autor fala de «lugares de índios» está a referir-se aos *pueblos de indios*. A sociedade da América hispânica estava, legalmente, organizada em *repúblicas de españoles* e *repúblicas de indios*, cada uma com formas próprias de organização e legislação. Na região andina, o vice-rei Toledo (1568-1580) foi responsável pela reorganização da população indígena, agrupando-os em *reducciones de pueblos de indios*, nem sempre coincidentes com o local que antes ocupavam ou cultivavam. O objectivo era assegurar a evangelização, mas também obviamente o seu controlo, taxação e a existência de mão-de-obra disponível.

²³ É uma designação alternativa atribuída à cássia imperial, uma árvore nativa da Ásia e do Médio Oriente, mas que se produz também na América do Sul, região onde normalmente lhe é associada esta denominação. É habitualmente utilizada como laxante.

teiro de frades agostinhos, e, pelo caminho da direita, vai-se a Guanque-tepeque, onde se juntam ambos os caminhos. Depois vai-se a San Pedro de Mama, bom lugar de índios, onde se faz muita roupa de algodão para os índios, camisas e mantas para os homens, e, para as mulheres, *anacos*, que é uma roupa sem nenhuma costura, e muitas índias não trazem mais do que este *anaco*, sem camisa ou outro género de vestidura, nem calçado nem touca. Outras trazem os seus *anacos* e mantas, outras *lliquidas* e algumas mui ricas *faldelines* de bons panos, de veludos e de tecidos de ouro fino, e assim vestem também os índios, conforme a terra e conforme têm o caudal. E faz-se por esta terra grande quantidade desta roupa e outra a que chamam *borrachera*, que é pintada de várias cores, e que levam a todo o reino. Depois, vai-se a Payan, lugar de índios, onde há boas galinhas e capões, que se criam com o muito milho que se colhe nesta terra. De Sana a Lima há cento e dez léguas, setenta a Payta e vinte a Truxillo, cidade fertilíssima e farta.

Truxillo é cidade onde há *corregidor* e bispo, mosteiro de frades e monjas e teatinos, grandes casas de cavaleiros e ricas lojas de mercadores. É cidade abundante em muitos, diversos e bons mantimentos. Situa-se entre dois rios, que regam os seus campos. Tem um vale de quatro léguas que se chama Chicama, o melhor e mais fértil que têm todas as planícies, onde se colhe grande quantidade de açúcar e muito e bom trigo, onde e neste vale muitos moinhos, onde se mói o trigo e se fazem grandes partidas de farinha. E de Truxillo e da vila de Sana levam navios carregados destas farinhas, de açúcar, conservas e outras coisas para o Panamá, e do Panamá fornecem Portobello e outras partes. Estas farinhas (estas), depois de moídas, são metidas em sacos de algodão, de que se fazem muitos nestas planícies, e assim as arrumam junto dos moinhos, muitas são levadas para a praia do mar, onde as têm em grandes amontoados, sem guarda nem defesa, outras são carregadas no porto de Mal Abrigo, a nove léguas de Truxillo. A quatro léguas da cidade está o seu porto, que se chama Guanchaio [sic] e é porto razoável. Por todo este vale há muitas frutas, e muitas sementes e algodão e bons pastos para o gado, e lindas hortas e muitas frutas, marmelos, romãs, azeitona mais gorda do que a de Sevilha. Colhe-se muito pimento, a que chamam *ajís*. Há uvas, laranjas, cidras e limões. Do algodão faz-se muito pavio para velas, que é levado a Lima e a Potosí e a todas as partes onde há minas. Estas gentes tratam-se mui regaladamente, porque têm muitas conservas e boas aves. É cidade de mil e quinhentos vizinhos espanhóis e tem muitos índios e negros que trabalham nos campos e servem na cidade.

Quando estes rios vêm crescidos, que se diz de avenida, atravessam-nos com umas balsas que fazem com *tatora*, que é como a cana que se cria nas margens dos rios e pelas lagoas. Desta tutora fazem dois feixes bem apertados e muito grossos e longos, e ficam estas balsas feitas como

grandes peixes e juntos estes dois feixes e bem amarrados, fica no meio um vazio ou espaço onde se põe as mercadorias e ouro e prata e gentes e tudo o que há-de passar, e os índios conduzem-nos com grande facilidade. Os rios são atravessados sempre junto ao mar, porque ali têm menos corrente, e nestes rios bem se poderia fazer pontes ou trazer barcas, já que vão juntos e não são mui grandes, mas faltam a estas gentes os materiais e o engenho, que é o principal.

A vinte léguas de Truxillo, na montanha, a oriente, fica o vale e província de Caxamarca, insigne e famosa, porque ali foi preso e desbaratado Atabaliba²⁴, irmão de Aspar²⁵, rei inca, por cento e sessenta e três espanhóis, tendo Atabaliba gentes inumeráveis, que, dizem homens que sabem bem destas coisas, que se cada um destes índios que ali se encontraram tomara um punhado de terra e o atirara sobre os espanhóis, puderam fazer sobre eles uma montanha muito alta de terra, e os deixariam ali enterrados. Mas, como cobardes e espantados de ver gentes e coisas que nunca tinham visto nem de que tinham notícia alguma, ao saírem alguns espanhóis a cavalo e disparando alguns arcabuzes, entenderam os amedrontados índios que cavalo e homem eram uma só coisa, e, quando viram tomar fogo aos arcabuzes e ouviram o estrondo, cuidaram que eram relâmpagos e trovões. E assim lhes puseram o nome de *viracocha*, que quer dizer filhos da espuma do mar, porque ao mar chamam *vira* e à espuma *cocha*, pelo qual são chamados hoje entre os índios. E foi tão grande o seu medo que começaram a fugir, e uma muralha de mais de três braços de grossura que tinham no caminho arrancaram-na e levaram-na à frente, com a grande força que puseram, empurrando-se uns aos outros²⁶. Hoje em dia, está esta muralha como sinal. Ali os castelhanos prenderam Atabaliba, que dava pela sua liberdade um *tambo*²⁷, que é como uma estalagem, cheia de peças de ouro e prata, com todos os seus pátios e salas e aposentos até aos tectos. Depois prenderam o seu irmão Aspar inca, rei supremo e poderoso senhor de todos aqueles reinos, e dava dois *tambos* cheios até ao tecto de peças ricas de ouro e prata, para que o soltassem. E os espanhóis foram tão cruéis que mataram ambos os irmãos, perdendo todas aquelas riquezas e outras infinitas que estão hoje

²⁴ Atahualpa.

²⁵ Huáscar.

²⁶ Todas estas ideias são veiculadas pelas crónicas das conquistas, sem que existam outros indícios. Procurava-se apresentar os índios como ingénuos, crédulos e cobardes, explicando assim a facilidade da conquista e ajudando a criar o mito da superioridade espanhola.

²⁷ A esta palavra podem ser atribuídos vários significados. O termo é de origem pré-hispânica e reportava-se às antigas estalagens e armazéns de alimentos existentes junto aos caminhos do antigo império inca. Provavelmente ganhou novos significados durante o período colonial.

escondidas em *guacas*²⁸, que é o que dizemos tesouros. E estas *guacas* serviam aos índios de enterro e fortalezas, e os *tambos* de palácios. Esta província de Caxamarca tem muitos lugares de índios e tem muito gado e muita fruta. É *corregimiento* rico, que fica a noventa léguas de Lima e a oitenta de Truxillo.

De Truxillo são vinte léguas a Santa. Há no caminho dois lugares de índios e uma *estancia* de espanhóis. Chega-se ao rio de Santa, este é o rio maior e mais forte destes vales e planícies. Passa-se numas balsas feitas de abóboras a que chamam mates, que são da espécie das abóboras de que se faz o doce de abóbora. Estes mates são tão grandes como escudos ou rodela, de um palmo de altura, lisos de ambos os lados e redondos, e no meio um pouco ocós. Envolvem-nos com cordéis do tamanho de uma cama, mais longa que larga, põem sobre eles alguns paus, e depois carregam tudo o que têm a carregar, assim gente como roupa, e quatro índios, presos aos quatro cantos, cada um com o seu mate no peito bem seguro com cordéis, vão nadando direitos, como se andassem por terra, sobre os mates, fora de água. Assim passam este rio, onde nem podem andar barcos nem se pode fazer ponte, devido aos muitos canais que tem e muita força com que corre, e às muitas mudanças que faz por diferentes partes. As cavalgadas atravessam todos estes rios a nado, e podem passá-los a vau quando é Verão nas montanhas, que, como já tenho dito, é de Abril a Outubro. Neste tempo, passa-se a vau e por vezes com perigo.

Santa é vila de espanhóis que tem até setenta casas, e algumas de índios, e estes espanhóis têm negros. Por todo o distrito há muito gado e canaviais de açúcar, e colhe-se muito trigo que se leva a Lima, e vale sempre mais quatro reais por fanga²⁹ do que todos quantos nela se vendem. Colhem-se muitas frutas e azeitonas mais gordas do que nozes. Entre a vila e o rio, há um porto em enseada, em forma de meia-lua, muito limpo e seguro e acomodado para nele entrarem navios. Está Santa a sessenta léguas de Lima.

A seis léguas de Santa, fica o vale de Guambacho e, depois, Casma la Baja e Casma la Alta. Todos os três lugares são de índios, e todos se servem de um porto de mar onde acodem fragatas a carregar as coisas que há por estes vales, onde se cria muito gado, cabras e machos, de que se tira sebo e se faz couro e boas *cecinas*³⁰. Há muitos bois e porcos mui

²⁸ Denominação atribuída na região andina a templos, sepulturas, formações naturais ou outras estruturas às quais se atribuíam um carácter sagrado. Desde o início da colonização era frequente o saque destas sepulturas e templos devido aos tesouros que continham. A importância destes saques levou mesmo a Coroa a procurar regular e organizar esta prática.

²⁹ Medida de capacidade utilizada na época. O seu valor era variável consoante a região. Em Portugal, por exemplo, correspondia a quatro alqueires.

³⁰ Carne que foi submetida a um processo de secagem e salga para facilitar a sua conservação e transporte. Esta era muito utilizada na América hispânica como alimento dos escravos e durante as travessias marítimas.

gordos e muitos, muito trigo e milho, frutas e açúcar, de que se fazem ricas conservas. Junto à serra, a sete léguas de Casma la Alta, há boas vinhas de que se faz um cheiroso vinho. Há grandes bosques de guarango, e com a alfarroba engordam muito os gados, e são muito fortes. Faz-se muito carvão destes bosques, que se leva a Lima, com lenha e as mais coisas que se criam na terra. Vivem aqui alguns espanhóis em suas *haciendas*. Casma la Alta está a quatro léguas de Guambacho.

Daqui vai-se a Guarmey, que são doze léguas de areal sem água. Guarmey tem rio pela parte de cima. Até à montanha há boas *estancias*, onde se criam valentes cavalos e mulas, que a alfarroba torna mui fortes, e cria-se gado de porco. Por toda a costa pesca-se muito e bom peixe. Guarmey tem seu porto, onde vêm fragatas carregar os frutos da terra, tudo para a Cidade dos Reis.

Voltando a Caxamarca, caminhando para Lima pela serra, segue-se para a província de Guayras, que é um *corregimiento* bom, rico, onde há muitos lugares de índios e muitos gados ovinos, de cujas lãs, em bons *obrajes*³¹ que há nesta província, se faz grande soma de *fercadas* [sic], baetas e cordões de cores para vestir os negros, toda esta roupa é levada a Lima, que fica a cinquenta léguas. Vivem nela alguns espanhóis, e tem também muito gado, muitos frutos e bons queijos.

Anacos

De Guarmey vai-se a La Barranca, são catorze léguas. A seis léguas de Guarmey está a queda de água de Fraile, que é um passo que corre desde a serra Las Rocas até ao mar, onde se juntam e fazem um mau passo, de maneira que o frade se despenhou dali abaixo, e disso tomou o nome. Vai-se para Jagüey de las Zorras, onde há pasto para as cavalgaduras, não há água doce, por estar Jagüey junto ao mar. Segue-se o caminho para Paramonguilla, que é um lindo rio. Junto do ponto onde ele entra no mar, há uma montanha alta, sobre a qual se vêem uns edifícios antigos, do tempo dos índios, não vive neles ninguém, e por todos estes vales e sopés de montanhas há muitíssimos lugares despovoados e caídos, do tempo em que os índios eram senhores de suas terras. Depois, vai-se ao rio de La Barranca, a duas léguas de distância, e a vinte e quatro de Lima. Quando este rio está crescido, atravessa-se quatro léguas acima, pelo engenho de Dona Bernarda, que é um engenho de açúcar, que se colhe em quantidade por estes rios, e muito trigo e milho e outras muitas coisas. E há por aqui, perto da serra, *estancias* em que vivem espanhóis. Passando o lugar de La Barranca, que assim se chama porque o rio faz barrancos mais altos e direitos que muralhas, vai-se (a Supe), onde fazem lindos jarros, que se levam a Lima. Tem esta terra bons campos. Perto daqui, há uma casa de frades agostinhos, onde têm suas lavouras, muitas crias de gado de toda a sorte e muitas espécies de frutos. Por todos estes

³¹ Oficinas de tecelagem características do mundo andino colonial. O trabalho nos *obrajes* podia ser uma obrigação decorrente do tributo ou do *repartimiento*.

rios, encostados à serra, vivem muitos índios, alegres e contentes, ainda que os espanhóis os tragam muito oprimidos e os seus doutrinantes tirem todo o seu bem.

Passa o caminho a Guaura, vila onde haverá cem casas de espanhóis e muitas mais de índios. Há aqui bons engenhos de açúcar, e colhe-se muito trigo e muitas outras coisas. Fica a vinte léguas de Lima. A duas léguas de Guaura estão as suas salinas, as mais famosas e boas que o mundo deve ter, que para todo ele dizem que pode dar sal. Nesta salina não entra água do mar, nem de rio, nem de fonte, nem outra que se possa saber. Assemelha-se a uma penha, de onde se corta o sal como pedras de uma pedreira, tanto quanto um negro possa levantar, e se leva em cavalgaduras ao porto de Guaura, que está aqui próximo e é um bom porto, e levam-no a Lima. E torna o sal a crescer e torna a mina a encher em poucos dias, como se se não houvesse cortado nada. Por aqui há grandíssimas planuras semelhantes a mares, onde, de longe, um homem parece tão grande como uma torre e um pássaro tão grande como um homem. Situa-se esta mina a dezoito léguas de Lima e a um tiro de mosquete do mar. Aqui se tomam dois caminhos: um pela praia do mar e outro pelas colinas, e ambos vão a Chancayllo, *estancias* onde há água. Adiante, está a vila de Chancay, que tem até cem casas de espanhóis e muitas de índios. Fica a nove léguas de Lima. Tem rio com ponte de pedra, e, por ele acima, muitas *estancias* e *chácaras* de açúcar, trigo, milho, algum vinho, muitas frutas, aves, lenha e gado, que vai tudo para Lima. Depois, passando o rio de Chancay, sobe-se à serra de la Arena, que é uma subida de areia miúda de uma légua, e a serra tem quatro. Em seguida, desce-se para Llacón, num caminho que faz o mar a cinco léguas de Lima, onde há muitos pescadores com seus barcos, e pescam muitos peixes, o qual se leva a Lima. Daqui entra-se pelos campos de Carabayllo e passa-se a vau o rio com o seu nome, a duas léguas de Lima. Tem este rio, perto do mar, uma *estancia* de éguas e mulas muito boas. Aqui nesta *estancia* e pela serra da areia, sói haver negros cimarrões³², que são os que fogem a seus amos pelos maus tratos que lhes fazem, ou porque são ladrões e velhos. Com isto, disse o que sei desta Província Inferior, assim das planícies como da serra, e o dito é o mais principal e a substância de toda ela. Todo o Peru se reparte em duas províncias: Inferior, que é aquela de que temos tratado, e Superior, que é a de cima, a mais rica e melhor. Agora resta dizer de Guanuco de los Caballeros, para concluir a província de baixo e parte da serra, posto que, pelas partes referidas da serra, se vão fazendo algumas expedições com gente de guerra nos Andes, sempre descobrindo

³² Designação atribuída aos escravos de origem africana que se haviam rebelado e fugido. Era frequente estes viverem em comunidades organizadas conhecidas como *palenques*.

índios e conquistando-os. A coca não se colhe por estas bandas, mas sim nas cercanias da cidade de Cusco e Collao, de que tratarei em seu lugar.

Guanuco de los Caballeros é uma vila de trezentas casas de espanhóis, e tem muitos índios e negros. Tem *corregidor* que a governa, mosteiro de frades e monjas e teatinos, e boas casas de cavaleiros. É terra aprazível, do melhor clima que se encontra em todo o Peru. Nos jardins e árvores desta terra encontra-se sempre fruta, porque ordinariamente têm flores e fruta verde e madura, é coisa admirável e de muita consideração que em todos os tempos e meses do ano se encontre fruta madura e sazoadada nestas árvores, particularmente figos, maçãs e marmelos. Aqui se faz doce de abóbora, transparente como cristal, e talhadas tão grandes como telhas. E colhe-se muito açúcar, trigo, milho e outras coisas nesta linda e aprazível terra. Na sua comarca há muitos lugares de índios e uma mina de prata, embora pobre. Situa-se esta cidade a quarenta léguas de Lima, e corre junto a ela o rio Maranhão. Este poderoso (rio) nasce a dezasseis léguas de Lima, numas montanhas a que chamam Bombom, onde pastam muitos carneiros, que são levados a Lima. Aqui se acham as fontes deste famoso rio, que daqui passa ao vale de Xauxa e corre até perto da cidade de Guamanga, e vai recolhendo todos os rios destas altas montanhas, correndo para oriente, e torna a virar para ocidente e volta a passar por junto desta cidade de Guanuco de los Caballeros, que é um paraíso terreal, tanto é alegre e viçosa e regalada.

Mina de prata

*Descrição de Lima, comumente chamada Cidade dos Reis, porque foi ganha no Dia de Reis, a seis de Janeiro*³³

Cidade dos Reis é cabeça de todo o Reino do Peru, e é assento e corte de vice-reis. Aqui se encontra a Audiência Real e aqui vive o arcebispo, que é este um arcebispado grande e rico³⁴. Aqui está a Inquisição, tão temida e aborrecida de todas as gentes³⁵. Aqui assistem os prelados

³³ Esta designação decorre da data da fundação da mesma, como o autor refere. No entanto, é considerado que o dia 6 de Janeiro (Dia de Reis) terá sido o dia da decisão da criação da cidade, que apenas terá sido oficialmente fundada dias mais tarde, a 18 de Janeiro.

³⁴ Apesar de, logo em 1504, o papa Júlio II ter decretado a criação de uma arquidiocese nas possessões americanas da Coroa de Castela, a mesma nunca chegou a existir por oposição do monarca. Apenas alguns anos mais tarde foram efectivamente criadas três dioceses *indianas*, todas na dependência da Arquidiocese de Sevilha. Durante toda a primeira metade do século XVI assistiu-se à multiplicação de novos bispados na América espanhola. Em 1546, são fundadas as arquidioceses de Lima, Santo Domingo e México, sendo colocadas sobre a sua jurisdição todos os bispados entretanto criados, em detrimento de Sevilha. Até à data em que o texto foi escrito foram ainda fundadas as arquidioceses de La Plata (Charcas) e a de Santa Fé de Bogotá, para além de se terem verificado algumas alterações nas já existentes.

³⁵ As Inquisições do México e do Peru foram criadas por decreto real em 1569. A cerimónia de estabelecimento no Peru decorreu em Janeiro do ano seguinte. Os índios

das quatro ordens mendicantes, que são dominicanos, franciscanos, agostinhos e mercedários, não entraram outros no Peru, nem El-Rei deu licença. Aqui moram oficiais de El-Rei, tesoureiros e contadores reais. Aqui ocorrem todos os ofícios e cargos principais do reino. Aqui assiste o Correio Maior de todas as Índias³⁶. Aqui há tribunal de Consulado de Mercadores³⁷ e muitas e abastadas casas de cavaleiros feudatários, *encomenderos*, vizinhos, senhores de *encomiendas* de índios³⁸, que apenas aos senhores que têm renda de índios chamam *vecinos*, e não a outros quaisquer, pois aos mais que vivem na cidade chamam habitantes³⁹. Situa-se

estavam fora da sua jurisdição, sendo que, entre os casos julgados pelo Tribunal de Lima se encontravam, principalmente, acusações de ofensa ao dogma cristão, bigamia e práticas judaizantes (por esta ordem). No entanto, entre os condenados à morte predominavam as acusações por práticas judaizantes.

³⁶ Criado em 1514, o *Correo Mayor de las Indias y de las Islas y Tierra-Firme del Mar Océano descubiertas y por descubrir* foi outorgado a Don Lorenzo Galíndez Carvajal de forma vitalícia. A este competia assegurar a troca de correspondência entre as várias colônias e entre estas e o centro da monarquia. Tanto este como os seus descendentes foram responsáveis pelo estabelecimento de algumas das principais rotas de troca de correspondência, embora em alguns casos subcontratassem terceiros para desempenhar o serviço. A concessão deste privilégio duraria até à chegada ao trono dos Bourbons, altura em que se procurou fazer regressar à Coroa a responsabilidade pelos Correios.

³⁷ Embora criado em 1593, apenas no ano de 1613 este começou efectivamente a funcionar em Lima. Baseado no modelo de instituições semelhantes existentes em Sevilha e no México, entre outros locais, este tribunal tinha por objectivo a resolução de diferendos de cariz comercial entre os mercadores da capital do vice-reino. Além de um conjunto mais vasto de atribuições, importa destacar o facto de este ter representado um pólo de poder em torno do qual os comerciantes limenhos se organizaram, enfrentando assim os interesses de corporações mercantis de outros locais, especialmente de Sevilha.

³⁸ A *encomienda* na América consistia na concessão pela Coroa de contingentes de população autóctone aos conquistadores e seus descendentes, aos quais se dava o título de *encomendero* ou *encomendera*, embora houvesse casos de indivíduos a quem se atribuíam estas mercês que nunca haviam saído da península. Estes estavam habilitados a receber o tributo indígena em nome da Coroa e usufruir do trabalho dos *indios repartidos*. Em contrapartida, deveriam oferecer protecção a estes indígenas, ensinar-lhes castelhano e a doutrina cristã e pagar salário pelo trabalho que estes realizassem.

³⁹ A condição de *vecino* no mundo hispânico implicava diferentes direitos e obrigações. São exemplo de deveres a necessidade de residir na comunidade, a contribuição para o pagamento de obras públicas e a disponibilidade para servir na milícia. Entre os privilégios podem ser considerados a utilização da propriedade comunal e a participação na eleição do *cabildo*. Apesar da aparente universalidade do conceito, a condição de *vecino* adquiriu significados diferentes na península e nas Américas, como têm demonstrado os trabalhos de Tamar Herzog (*Defining Nations: Immigrants and Citizens in Early Modern Spain and Spanish America*, New Haven, Yale University Press, 2003). Identificam-se ainda algumas especificidades locais nos territórios ultramarinos, como no caso de Lima, onde se distingue entre *vecino encomendero* e *simple vecino* (ou *caballeros sin indios*). Parece ser esta a distinção apresentada pelo autor quando refere que apenas os *encomenderos de indios* tinham acesso à *vecindad*, o que nos leva a pensar que eram os primeiros que detinham maior reconhecimento social no seio da comunidade. Como a mesma autora refere, era uma especificidade limenha o facto de ser o vice-rei a e não a comunidade local a definir quem era *vecino*. Sobre as suas atribuições e capacidade de concessão de mercês trataremos mais adiante.

Lima a doze graus e dois terços a sul. A sua traça e repartimento desta cidade está toda dividida em quarteirões de cento e quarenta passos de homem, cada um. Todos se andam à volta, e em todas as quatro partes têm uma medida e igualdade. Todas as ruas têm uma mesma largura, e todas se encaminham direitas ao campo, sem fazer volta nem esquinas. Estão postas de oriente a ocidente, e de norte a sul. De oriente a ocidente, tem a cidade vinte e dois quarteirões, de norte a sul catorze. Passa um rio muito grande e de muito forte corrente perto da cidade, do lado do norte, e tem uma sólida ponte de pedra, construída em tempo do Marquês de Montes Claros, vice-rei do Peru⁴⁰. Este rio e esta ponte estão no meio de Lima, no bairro da cidade que se chama San Lázaro⁴¹, que é povoação somente este bairro ou arrabalde de mais de seiscentas casas, divididas também em quarteirões. Lima tem, a oriente, o *cercado* dos índios⁴², que é povoação de oitocentos vizinhos. Todos estes índios são ricos e ladinos. Por ladinos entende-se que sabem falar espanhol. Chama-se *cercado* porque tudo em seu torno está vedado por um muro feito de terra, que se fecha de noite com suas portas. Todos estes índios têm jardins dentro de suas casas, com água que corre do rio. Dentro deste *cercado*, os padres jesuítas, que doutrinam e ensinam os índios, têm uma rica e boa casa e igreja. Este *cercado* é um lugar de índios, que se divide da cidade. Tem seu *corregidor*; e deste *corregimiento* são todos os lugares de índios que se encontram na comarca de Lima, conforme iremos referindo nesta história.

Na Chancelaria ou Audiência Real de Lima assistem, pelo menos, oito *oidores*, quatro *alcaldes de corte*, dois fiscais, um do crime, outro do civil, secretários, relatores e todos os mais ofícios convenientes. O vice-rei preside aos negócios mais importantes. Há um secretário de governo com quem o vice-rei despacha todos os cargos e ofícios que provê. O vice-rei tem dois secretários que ele mesmo nomeia, cujo officio dura o tempo

⁴⁰ Juan de Mendonza y Luna (1571-1628) foi o 3.º Marquês de Montes Claros. Foi vice-rei da Nova Espanha entre 1603 e 1607, ano em que foi nomeado vice-rei do Peru, cargo que ocupou até 1615. É habitualmente associado às obras e alterações urbanísticas que promoveu em Lima, das quais a referida ponte de pedra é um exemplo. Alguma historiografia tem ainda enfatizado a ideia de que este teria combatido e denunciado a excessiva riqueza das ordens religiosas na região.

⁴¹ Inicialmente a área que se veio a denominar bairro de San Lazaro era ocupada por um grupo de índios *yunga* dedicados à pesca. Em 1563, um grupo de escravos com lepra foi enviado para esta zona, criando-se então a paróquia de San Lazaro. Este acabou por se tornar um bairro de população negra, índia e mestiça, apesar das tentativas de transferir os índios para o *cercado* de Lima.

⁴² O *cercado* era uma *reducción de indios* situada nos arredores da cidade de Lima onde se agrupou a população indígena dispersa. Criada em 1571, esta tinha, tal como as restantes, o intuito de, por um lado, proteger e evangelizar e, por outro, controlar e evitar sublevações e outro tipo de contestação por parte da população nativa, de que são exemplo os conflitos verificados em San Lazaro. O autor faz ainda menção à presença de jesuítas, situação que reflecte a prática recorrente de atribuir a uma ordem religiosa a responsabilidade pela doutrinação nas *reducciones* e *pueblos de indios*, neste caso à Companhia de Jesus.

do mandado do vice-rei que os nomeia, pois que cada um que entra no governo do reino nomeia secretários novos. Com eles despacha todos os seus negócios. Um dos secretários é da Província Inferior, que é a de Quito, e o outro da Província Superior, que é a das Charcas.

No centro de Lima está a sua Praça Maior. Nesta praça, fica o palácio, que está do lado sul, e, do lado do norte do palácio, passa o rio. Nestes palácios, que são muito bons, vive o vice-rei, tem dois pátios grandes. Num deles, que fica a oriente, estão todas as salas e tribunais onde se despacham os pleitos e se consultam todas as coisas e se julgam todas as causas, assim criminais como cíveis. Aqui têm os *oidores* e *alcaldes de corte* suas salas e tribunais, onde presidem. Aqui estão os tesoureiros e contadores e o Tribunal do Consulado de Mercadores. Aqui têm seus escritórios todos os secretários destes ofícios de palácio. Todas estas salas comunicam com a praça. No pátio a ocidente encontram-se as caixas reais, onde entra o ouro e a prata de El-Rei⁴³. Pelo outro lado, que comunica com estas caixas reais, está a capela do palácio, onde dizem missa ao vice-rei e demais senhores. Sobre a capela e caixas reais há um passadiço por onde passa o vice-rei às salas e tribunais que comunicam com a praça. Neste pátio a ocidente há umas escadas muito largas, por onde se sobe ao quarto do vice-rei e da vice-rainha. Aqui tem o vice-rei sua guarda, que são trinta alabardeiros, e sempre aqui tem algumas peças de artilharia e alguns pedreiros. Defronte das caixas reais há uma porta, a ocidente, por onde se entra neste pátio. Nesta esquina do palácio, que dá para a praça e corresponde com as Casas *del Cabildo*⁴⁴, nesta esquina está a Casa de Armas, que ali se têm para armar as gentes da cidade quando seja mister tomar armas, e há toda a sorte de armas. Desta Casa de Armas e esquina da praça sai uma rua, que não tem de comprimento mais de um quarteirão, direita ao rio e à ponte. Em meio do palácio há um jardim. Por detrás do palácio, da parte do rio, estão casas de criados do vice-rei. E, na

Artilharia

Casa de
Armas

⁴³ As Caixas Reais recolhiam o dinheiro proveniente de impostos e outras contribuições económicas na sua jurisdição. No início do século xvii existiam no Peru dezanove Caixas Reais. Exceptuando a parte correspondente ao Rei, a restante (a maior parte no século xvii) custeava a manutenção do império. Para além de fortemente guardadas, estas tinham ainda a particularidade de ter de ser abertas por mais do que uma chave, variando o número de chaves de local para local (em Lima e Potosí eram três e nas restantes cidades do vice-reino apenas duas).

⁴⁴ O *cabildo* era o órgão local de governo dos municípios, cuja implantação na América hispânica seguiu, em grande medida, o modelo castelhano. Apesar de, no plano teórico, o mesmo ser entendido como o representante da comunidade, o mesmo não significa que este tivesse efectivamente um carácter «popular». A historiografia tem alertado para a forma como este era controlado pelas oligarquias urbanas que viam no *cabildo* um garante do seu poder e um modo privilegiado de negociação com a Coroa. As casas mencionadas no texto eram um dos mais importantes edifícios das cidades. Nestas reuniam-se os *cabildantes*, em sessões que, podendo ser fechadas (as mais frequentes) ou abertas a alguns *vecinos* convidados, eram o espaço mais importante de discussão e tomada de decisões relativas à gestão do município.

esquina que comunica com os açougues e as casas de Dom Francisco de la Cueva, encontra-se a prisão da corte, que foi construída em tempo do Marquês de Montes Claros. Desta prisão à praça há outra rua, e, a meio, para entrar no paço, uma porta, que fica a oriente. E nesta esquina da praça, que comunica com as casas do arcebispo, estão a sala e Tribunal dos *alcaldes de corte*, que é do crime. Todo o palácio anda em redondo por todas as quatro fachadas. Nele vivem alguns criados do vice-rei, e todos são ricos e poderosos. E dentro do paço há mui grandes riquezas.

O vice-rei nomeia o capitão da sua guarda, o maior amigo e privado que tem, e o capitão nomeia o seu tenente. O vice-rei nomeia ainda o general de Callao e Terra, e sempre dá este cargo a um filho ou sobrinho ou ao parente mais próximo, pois é o melhor cargo que há em Lima depois de vice-rei. O vice-rei concede cargos de mordomos, mestres-sala, gentis-homens da sua câmara e outros ofícios, que todos quantos ele dá e há no paço são de grande proveito⁴⁵. Servem sempre de pajens do vice-rei os filhos dos senhores mais ricos e maiores do Peru. O vice-rei nomeia um confessor, com quem se confessa. Eu conheci o frade Pedro Ramírez, da Ordem dos frades agostinhos, que foi confessor do de Montes Claros, e que trouxe a Sevilha trezentas barras, que valem todas juntamente trezentos mil pesos correntes, e o companheiro deste confessor, que também se chamava frei Pedro, trouxe cinquenta. Estes são os que melhor se aproveitam no Peru, os que melhor sabem furta, em bom romance. O vice-rei pode dar rendas e *encomiendas* de índios, e dá-as a quem as merece ou lhe parece, por vidas ou perpétuas⁴⁶. Concede mais de cem *corregimientos*; estes *corregimientos* dão-se por dois anos, e alguns por três, fora os que provê El-Rei, que são por seis anos. E há *corregimientos* que, em três anos, rendem cem mil pesos⁴⁷.

Barras de
prata

⁴⁵ A capacidade do vice-rei distribuir cargos e mercês fez com que, em seu redor, se constituísse uma verdadeira corte, composta pelos *criollos* que, em retribuição dos seus serviços ou dos seus antepassados, esperavam que estes lhes fossem concedidos. Sendo esta uma competência do monarca que, pela distância, se via obrigado a delegá-la, o seu exercício contribuiu para que a figura do vice-rei adquirisse um especial simbolismo, bem patente nas cerimónias em que participava. O melhor exemplo seriam as entradas em Lima após a sua nomeação, para as quais se construíam efémeras barrocas ornamentações, como os muitos conhecidos arcos triunfais que exaltavam a figura do novo governante. A recorrência com que estes cargos eram atribuídos a parentes e criados do vice-rei, e não a *criollos*, fez com que, como explica Eduardo Torres Arancivia, se tivessem publicado várias cédulas reais que recordavam a proibição desta prática (*Corte de Virreyes: el entorno del poder en el Perú del siglo XVII*, Lima, PUCP, 2006).

⁴⁶ As *encomiendas* podiam ser atribuídas de forma perpétua ao agraciado e seus sucessores ou num determinado número de vidas, habitualmente duas, ou seja, no beneficiário e seu sucesor imediato. As primeiras eram concedidas essencialmente na primeira fase da colonização, pese embora o facto de posteriormente a Coroa ter voltado a concedê-las em períodos de maior necessidade financeira ou quando as circunstâncias o aconselhavam.

⁴⁷ Os *corregimientos* eram dos ofícios mais procurados pelas avultadas rendas que, directa e indirectamente, proporcionavam. Ver nota 15.

Em todos estes *corregimientos* há caixas reais, em algumas das quais estão depositados cem mil pesos, não baixando a que menos tem de vinte mil. Todo o dinheiro destas caixas entra em poder dos *corregidores*, e todos dão fianças boas e abonadas de que não tocarão neste dinheiro nem tratarão com ele, porque estas caixas reais são depósito para necessidades do reino e dos índios. Porém, tratam os *corregidores* com estes dinheiros, e com seus tratos se fazem ricos. Porque de salário não têm mais de oitocentos pesos ensaiados, excepto alguns *corregimientos* particulares.

O vice-rei provê e dá protectores de índios⁴⁸ e aguazis de minas, e dá índios e mercúrio a todos os mineiros, senhores de minas. Pagam aos índios que trabalham nas minas, cada dia, quatro reais, e um mais para que comam, e, por *quintal* de mercúrio, pagam trinta e cinco pesos ensaiados. Não podem os senhores que têm minas de mercúrio vendê-lo senão a El-Rei, sob pena de perderem seus bens, nem pode ninguém, em todo o reino, negociar em mercúrio fora El-Rei⁴⁹. O vice-rei provê visitadores que vão pelo reino visitar os *corregidores* e *obrajes* e minas e todos os demais ofícios, e a desagravar os índios. Mas todos vão forrados quando partem, pois aquele que menos rouba se tem por mais apoucado, e o que mais rouba se tem pelo melhor e mais honrado. Tem o vice-rei outros muitos cargos que dá e de que faz mercê a quem ele quer. Tem tributos vagos, que são rendas de pessoas que morreram, que voltam ao poder de El-Rei; entram estas rendas nas caixas reais, e delas pode dar o vice-rei dinheiro a quem queira, e dá-o a muitos netos de conquistadores e a cavaleiros pobres, que nunca faltam em Lima.

Prossegue a traça da Praça Maior de Lima

Por outro lado da praça, da banda do oriente, situam-se as casas do arcebispo e a igreja maior, que é igreja catedral e que foi erguida pela traça da igreja maior de Sevilha. As portas principais dão para a praça, são três e têm, em ambas as esquinas, duas torres feitas de tijolos, fortes e altas, onde estão os sinos. A parte a sul tem outra porta, e diante desta porta há outra grande praça, que é o cemitério da igreja. Nesta praça celebram muitas festas das suas devoções. Há outra porta a oriente. A norte estão as casas do arcebispo. Tem muitas capelas e muitas riquezas de

⁴⁸ Eram oficiais nomeados para assistir os índios nas suas queixas e reclamações e faziam chegar, caso considerassem necessário, estes diferendos às *audiencias*. Apesar de o autor referir que a sua nomeação cabia ao vice-rei, estão identificados casos em que esta era uma atribuição do *cabildo* municipal.

⁴⁹ A utilização do mercúrio permitia a obtenção da prata pura a partir do mineral extraído nas minas. Em 1563, descobriu-se a mina de mercúrio de Huancavelica que passou a abastecer todo o vice-reino do Peru. O mercúrio era um monopólio real, podendo apenas ser comprado ao rei e por um valor fixo.

ouro e prata lavrada dentro de si, e o mesmo casas do arcebispo. Eu conheci um homem que se chamava Monterio e pedia esmola para as almas que estão no fogo do purgatório, e todos os anos juntava, destas esmolas, de dezoito a vinte e dois mil pesos, por conta e assento de livros. O arcebispo de Los Reyes tem de renda trinta mil pesos ensaiados⁵⁰ cada ano, os cónegos e prebendados, de cinco a seis mil e em alguns anos mais, raçoeiros dois mil, padres, oitocentos, muitos outros comem renda desta igreja maior, e há alguns cónegos que têm trezentos mil pesos.

O vice-rei tem quarenta mil pesos ensaiados todos os anos, e, quando vai a Callao despachar a armada para Terra Firme, dão-lhe três mil pesos ensaiados, e, se vai a algum negócio de importância pelo reino, dão-lhe dez mil pesos ensaiados para ajuda de custas. O general de Callao e Mar e o capitão da guarda do vice-rei, *oidores*, *alcaldes de corte*, inquisidores-gerais, mestres de campo, todos estes têm três mil pesos ensaiados de renda por ano, tesoureiros e contadores dois mil. Todos são ricos e poderosos, todos gastam como príncipes, e são temidos e venerados.

Na banda sul da praça há muitas lojas de mercadores e chapeleiros. Em meio deste quarteirão está o beco dos chapeleiros, que dá para a praça, e a rua dos ourives. Todo este beco é uma rua estreita, pejada de lojas de mercadores, onde há grandes riquezas. Vão estes portais até às que chamam as quatro ruas de mercadores, porque aqui se reúnem a tratar de seus negócios e mercadorias. Dobrando a quarta fachada da praça, a ocidente, são tudo portais. Abaixo deles estão os escritórios e ofícios de escrivães e secretários da cidade, algumas lojas de luveiros, e, ao fim, as Casas *del Cabildo*, e, abaixo, o cárcere da cidade. Estas Casas *del Cabildo* comunicam com a Casa de Armas, que fica no palácio. No centro da praça há uma fonte de água que verte sobre uma grande taça de pedra.

Mosteiros

Lima tem quinze mosteiros de frades e monjas e teatinos. Tem quatro hospitais onde se recolhem pobres e se curam enfermos de todos os males. Tem seis paróquias e muitas outras igrejas de suas devoções. Tem três colégios e uma casa de caridade para recolher mulheres e donzelas pobres, de onde saem todos os anos, a quinze de Agosto, algumas donzelas para casar. A parte mais alta da cidade fica a oriente. Por aqui correm duas grandes acéguas de águas claras que saem do rio. Com esta água moem os moinhos que há dentro da cidade, e conduzem-na para o interior de todas as casas e quarteirões, que por todas, em geral, se

⁵⁰ Moeda imaginária muito utilizado no vice-reino do Peru que era habitualmente denominada «peso de minas». Não tendo sido uma moeda cunhada, o peso ensaiado correspondia a um valor (450 maravedis) com que normalmente se quantificavam as barras de ouro e prata fundidas que, antes do início da cunhagem de moeda na América, eram utilizados em grande parte das transacções. De referir ainda que, mesmo após a criação de Casas de Moeda no Peru e da cunhagem de moedas, os pesos ensaiados mantiveram-se regularmente utilizados.

reparte a água. E há um alcaide de águas, que é um bom cargo, que tem a função de repartir a água, assim na cidade como fora dela, no campo.

Todas as casas de Lima têm pátios e currais, que servem para se guardar neles as bestas, as aves e todo o serviço da casa. E nestes currais estão os ranchos onde dormem os negros, que sempre se situam nas traseiras das casas. Por aqui corre a água, e a maioria das casas tem jardins que se regam com água destas acequias. E todas as casas têm nos pátios muitos vasos de cravos, goiveiros, alfavacas, hortelã silvestre, que se emaranham nas janelas, rosas e outras mil formosas flores, aromáticas e agradáveis à vista. As damas *criollas*⁵¹ têm nas janelas uma erva a que chamam *congona*, dentro de lindos vasos. Esta erva é a coisa que elas mais estimam e guardam, as suas folhas sabem a cravo-da-índia, a sua virtude só as galhardas damas *criollas* alcançam.

Acéquias de
água
Casas
Mulheres

As *criollas* de Lima e de todas as planícies do Peru são as mulheres mais formosas e de mais linda cintura que tem o mundo, são discretas, de lindo brio, airosas, galhardas, falam desenfadadamente, com boa graça, são limpas, curiosas, desenvoltas para trabalhar, lavram lindos labores, fazem bem qualquer tipo de comida, para tudo têm graça. Vestem-se galharda e custosamente, todas em geral vestem seda e mui ricos tecidos e veludos de ouro e prata fina. Têm correntes de ouro grosso, feixes de pérolas, anéis, gargantilhas, sortilhas de diamantes, rubis, esmeraldas, ametistas e outras pedras de valor e de estima. Têm cadeirinhas, em que são transportadas pelos negros quando vão à missa e às suas visitas. E têm carruagens ricas e muito boas, mulas e cavalos que as puxam e cocheiros negros que as conduzem. Em conclusão, as senhoras de Lima gozam de um paraíso neste mundo, pois Lima tem o melhor tempo, que nele sabe-se pois se sabe o dia que há-de fazer amanhã.

Se as mulheres são formosas e galhardas, os homens são galantes e bizarros. Todos, em geral, usam boas roupas de seda, finos panos de Segóvia e golas ricas com pontas custosas da Flandres, todos calçam meias de seda. São discretos, afáveis e bem-criados, observam muito a lei da cortesia. Quase todos são mercadores, tão hábeis em toda a sorte de mercancia, que não se conhece outros que saibam mais que eles. Os *criollos* são muito enamorados e gastadores. Sabem mais de mentir do que de coragem. É seu atributo mui próprio serem trapaceiros. São muito aficionados a tratar com negras, como elas os criam a todos ao peito, são-lhes mais afeiçoados do que às espanholas. São pródigos no gastar, gastando sem conta nem razão. Todos jactam de grande nobreza, não havendo nenhum que se não tenha por cavaleiro e todos andam

Homens

Criollos

⁵¹ Tendo a palavra outros significados na actualidade, na América espanhola designava quem, tendo nascido neste continente, era filho de indivíduos de origem europeia. No início da colonização, esta designação era frequentemente utilizada de forma pejorativa pelos peninsulares, no sentido de vincar a diferença em relação a si mesmos.

pela cidade a cavalo, afora alguns muito pobres, e, sempre que saem da cidade, percurso longo ou curto, havendo de dormir fora de suas casas, todos levam boas mulas e suas camas dentro de um almofreixe, e louças e todas as coisas pertencentes ao seu serviço, bem como negros ou índios que os sirvam.

Negros

Dizem que Lima tem quarenta mil escravos negros, entre eles há alguns livres, posto que poucos. As mulheres, todas na sua maioria, servem na cidade, e muitos negros, e alguns alugam-nos e pagam, cada dia, quatro reais a seus amos. Grande multidão destes negros trabalha no campo, ocupada na sua agricultura. Os negros são mais fortes que os espanhóis, que como sempre se exercitam em trabalhar são mais rócios. Os espanhóis sempre folgam, e o seu trato não é de força, são muito delicados e para pouco trabalho. Estão sempre temerosos de que os negros se levantem, pelo que se lhes não permite que tragam armas. A alguns negros de *oidores* e capitães e outros ministros de justiça permite-se que tragam espada, e aos negros que vão à lenha no monte e à erva no campo e aos arrieiros consente-lhes uma faca. Qualquer outro negro que seja achado com uma faca ou outro género de arma é açoitado. O que mais assegura a cidade que não se levantem os negros é serem eles de muitas nações e castas, de jeito que quase todos são inimigos uns dos outros, e nunca chegam a acordo. Tem-se grande cuidado com eles e são castigados por qualquer delito rigorosamente.

Índios

Para além dos índios do *cercado*, vivem na cidade muitos outros. Os mais deles são oficiais alfaiates, sapateiros, ourives e de outros ofícios, porque aprendem facilmente qualquer ofício. São bons escrivães e muitos tocam bem qualquer instrumento, servindo como músicos em suas igrejas.

Casas

A maioria das casas de Lima são baixas, não têm mais que o piso térreo e o telhado de cima, que é feito⁵² e sobre as vigas uma esteira, tecida de uma cana brava que abunda nas planícies, sobre ela põe-se um pouco de estrume ou uma camada de barro, e nalgumas casas põem-se tábuas bem trabalhadas. As paredes são feitas de adobe de terra crua. Na praça e rua de mercadores e outras ruas perto da praça, são de um sobrado de altura as casas, as portas e as janelas são de pedra ou de tijolo. Têm muito lindas varandas e boas portas. Por fora têm pouca traça, e por dentro são muito bem traçadas, muito curiosas e todas grandes. Como não chove não têm telhados, e assim são tão planos os seus cimos que sobre todas se poderia caminhar e passar de umas para as outras, as de cada quarteirão por si, entenda-se, pois que todas as ruas são muito amplas e direitas e empedradas, afora a meio, que não tem pedras, por mor das carruagens e bestas que caminham nelas.

⁵² No original «feito», possível lusitanismo.

A gente de guerra e toda a outra gente branca que tem Lima, contando com clérigos e frades e todo o tipo de gente que nela habita

Toda a cidade tem oito capitães de infantaria. Cada companhia destas tem cento e cinquenta homens. De cavalaria, tem seiscentos homens. E, assim os da infantaria como os de cavalaria, entenda-se que não são soldados assalariados, porque a cidade não tem presídio nem gente de guarnição, nem paga. Os peões são mercadores, sapateiros, alfaiates e de outros ofícios. Os cavaleiros são arrieiros e *chacareros* (que, em nome espanhol, são *labradores*), mordomos de *chácaras* e *estancias*, e de outros ofícios, que não são gente tão boa como os peões. A cidade tem, ademais, cem cavaleiros, a que chamam vizinhos, porque a maioria deles tem rendas que os índios lhe pagam. Vinte e quatro são os regedores⁵³ da cidade, que entram na conta dos cem fidalgos, porque todos os regedores o são e são os mais principais, porquanto são eles o governo da cidade. De frades, clérigos, colegiais, estudantes, letrados e gente forasteira, haverá, ademais, duas mil e quinhentas pessoas. Há uma companhia de gentis-homens de lanças e outra de arcabuzes. Estas duas são permanentes porque fizeram algum serviço a El-Rei, e dão-lhes uma praça de lança, e mais oitocentos pesos ensaiados de renda por ano. Esta companhia tem o seu capitão, com três mil pesos de renda anual. Aos de lanças e arcabuzes, que têm quatrocentos, juntamente com seu capitão, pagam-lhes mal, contudo aos capitães pagam-lhes quando pedem. Estas duas companhias têm, cada uma, cem homens, com suas armas e cavalos. São para guarda do reino, e acompanham o vice-rei quando sai da cidade e têm muitos privilégios.

Esta é a gente branca que Lima tem. E bem entendo que digo antes a mais do que a menos, porque vi as matrículas e nunca houve tanta quantidade de homens⁵⁴. As mulheres são sempre o dobro, visto que não fazem viagens por mar nem por terra, nem vão à guerra, pelo que se conservam melhor e vivem mais.

⁵³ Oficiais dos *cabildos* municipais responsáveis pelo governo local. Estavam encarregues de assegurar o abastecimento da cidade, controlar preços, acompanhar o policiamento, etc. Em conjunto, com os *alcaldes ordinarios* (que tinham a cargo a justiça em primeira instância) e o *corregidor* (quando existia) formavam o *cabildo*. O seu número era variável, essencialmente em função da importância da cidade, o que explica que, só em Lima, existissem vinte e quatro, como refere o autor; número bem superior à maioria dos casos. Atribuídos, numa primeira fase, pelos fundadores da cidade, os cargos de *regidor* rapidamente se tornaram vitalícios e hereditários, contribuindo assim para que os mesmos fossem ocupados, como o é dito no texto, pelos fidalgos «mais principais» de cada terra. Numa fase posterior, a venda dos mesmos tornou-se prática comum, fazendo com que apenas os ocupasse quem tinha possibilidades económicas de o fazer.

⁵⁴ Provavelmente o autor está a referir-se a censos de homens disponíveis para integrar as milícias.

Os pesos ensaiados de El-Rei valem doze reais e meio, não sobem nem descem. Os pesos ensaiados dos mercadores valem treze reais e um quartilho. Estes pesos ensaiados são em barras, que no Peru não há tal moeda. A moeda que se cunha e corre no Peru e Terra Firme são oito reais, e quatro, dois, e um e meio. Pesos correntes são de nove reais. Também é conta de barras, que de marcos as reduzem a pesos ensaiados, e de ensaiados a correntes, e de correntes a oito reais, que é conta fácil.

Moeda

Pouco dados
às armas

De jeito que Lima terá, de gente branca, quatro mil e seiscentos homens, e estes pouco destros nas armas, pois que o maior exercício que nelas têm é sair em alguns alardes que fazem pelas ruas da cidade e na praça maior, onde eu me encontrei no ano de seiscentos e quinze, houve alarde geral, onde entraram os oito capitães, cada um com a gente da sua companhia, e o vice-rei, com todos seus cavaleiros, que não chegaram, cavaleiros e soldados, a mil e trezentos homens. No domingo seguinte, vi a gente da Cavalaria, que toda se adornara mais de gala do que de bravura. E quanta gente tinha a cidade estava admirando este ensaio desta gente bisonha, que o mais que sabem manejar é um arcabuz: que mosquete, nem o gozam, nem o sabem disparar. Quando saem aos alardes, dão-lhes arcabuzes e lanças da armaria de El-Rei, que em suas casas não os têm.

Propriedade e clima e temperança de Lima. Quando se colhem os frutos e outras coisas

Já disse como Lima está a doze graus e dois terços a sul, e de Lima não se consegue ver o norte. É a cidade e todas as planícies a terra mais temperada que se pode desejar, porque sei o dia que há-de fazer amanhã, que se diz, porque se sabe, que não há-de chover nem fazer frio nem haver mudanças de tempo. Em nenhum sazão do ano faz frio nem os calores são tão grandes que, desde que o homem não saia ao sol, não lhe faz dano. Com a roupa que se põe sobre as camas, para as gentes se cobrirem, no primeiro dia do ano, podem passar sempre, porque nunca se sente frio nem calor de noite, nem velhos nem meninos têm necessidade de se chegar alguma vez ao lume. Os maiores calores do ano e os mais compridos dias são desde o começo de Dezembro até ao fim de Março. São os dias maiores desta terra de catorze horas, e os menores de não menos de doze, pelo que as noites nunca são fastidiosas nesta cidade.

O trigo ceifa-se pelos meses de Dezembro e Janeiro. E neste tempo estão maduras e tragáveis todas as frutas de Castela que em Lima há. Dizem-se frutas de Castela, porque no Peru não havia nenhuma fruta, nem vinho, nem trigo, nem coisas das que há em Espanha, levaram os espanhóis todas as plantas e plantaram tudo quanto tem o Reino do Peru nestas nossas partes. Sempre em vinte e cinco de Dezembro há uvas frescas

em Lima, de jeito que a vinte e seis, segundo dia do Natal, dá o vice-rei de comer à Audiência e sempre para este banquete há uvas e outras frutas colhidas das árvores. Pelo mês de Abril corta-se a uva e vindima-se, por que se colha novo vinho, que o há bom nas planícies do Peru, conforme direi em seu lugar. Quando é Verão nas planícies, é Inverno na serra, e com as águas que chovem na serra se aumentam os rios que descem aos campos, regando-se toda a terra com grandes acéguas que saem destes rios. Com estas águas se semeia e colhe em abundância todas as coisas. Assim, todo o ano estão os campos verdes, pois nunca lhes falta água, e, no Inverno, há umas *guaruas*⁵⁵ que dissipam o pó.

As frutas que se criam no Peru, das que conhecemos em Espanha, são as seguintes: uvas muito boas, grande cópia de figos, pêssegos, nectarinas, muitas sortes de camoesas e maçãs, marmelos, romãs, damascos e pêras mouras, não há outras frutas de Castela no Peru. Também se criam hortaliças, repolhos e alfaces, as melhores que se podem encontrar, rábanos, escarola, borragens, nabos, alhos, cebolas, abóbora das grandes, de que se faz o doce de abóbora, outras abóboras amarelas a que chamam *zapallos*, de que há muita variedade, pepinos, favas, outros vegetais a que chamam *pallares*, melhores do que favas, que são a conhecida hortaliça de Espanha, e beringelas.

Frutas de
Espanha

Começa o Inverno em Lima no princípio de Maio e dura até ao fim de Setembro. Pelos meses de Junho e Julho são os dias mais breves e têm doze horas. Nestes meses de Inverno, em particular nestes dois meses referidos, há umas neblinas muito densas, de tal modo que acontece estar-se quatro dias sem se ver o sol. Destilam elas uma espécie de chuva a que chamam *guarua*, que não é mais grossa que quando nesta terra há brumas, aquela brandura que sai delas. Com esta *guarua* criam-se pelas *lomas*, que são colinas que estão pelas planícies, erva muito alta e onde pascem os gados, fazendo-se mui nédios. E este é o tempo mais aprazível e melhor das planícies, em que amadurecem as frutas da terra.

Verão e
Inverno

Frutas e coisas que se criavam no Peru antes que ali chegassem os espanhóis. As suas qualidades e virtudes que têm.

Olivais há muitos na jurisdição de Lima, e colhe-se azeitona maior do que a de Sevilha, e faz⁵⁶-se azeite dela.

A bananeira é uma árvore cuja folha é tão alta como um homem, de uma alna de comprimento⁵⁷. A fruta que dá é um cacho com algumas

Bananas

⁵⁵ *Garuas* na ortografia actual: espécie de chuva que praticamente não molha, típica de Lima, como o autor explicará mais à frente.

⁵⁶ «Faz» no original, possível lusitanismo.

⁵⁷ Antiga medida de comprimento equivalente a 1,20 metros.

centenas de bananas, pelo menos, que têm um terço de alna de comprimento e são grossas como o braço de um menino de oito anos, e redondas e são um pouco torcidas, em forma de arco, e de muito bom⁵⁸ gosto. A sua carne tem cor de manteiga amarela, e tão mole quando estão bem maduras. Estas árvores ou planta são cortadas assim que dão fruto e depois ao pé nascem outros muitos. E há cerrados e grandes bananais. São as árvores mais formosas e mais agradáveis à vista que o mundo tem, e sempre perpetuamente as há, sem nunca faltarem. Nestes bananais, por serem tão cerrados, escondem-se os negros cimarrões. Depois de cortada, esta árvore desfaz-se tudo em correias como correias de couro de boi, fortes e duras. Com elas atam a erva, o trigo, a lenha e outras coisas.

Abacates Os abacates são tão grandes como pêras, do seu feitio e muito maiores, porque há abacates que pesam mais de uma libra⁵⁹. São como manteiga por dentro. O caroço que têm é tão grande como um ovo de galinha. Esta é fruta mui sadia e saborosa, e sempre a há, sem nunca faltar. As suas árvores são tão grandes como grandes pereiras e são as folhas do tamanho das suas.

Lucumas As *lucumas* são tão grandes como os abacates e do mesmo feitio, e, por dentro, da mesma cor do pêssego; por fora, são meio verdes e amarelos. Têm bom odor e dois caroços, que são aquilo a que chamamos castanhas das Índias⁶⁰. É fruta que nunca falta.

Pepinos da terra Dos pepinos do Peru semeiam-se grandes campos. Criam-se nuns arbustos pequenos como aqueles em que se criam as beringelas. Estes pepinos são a fruta de que há maior abundância em Lima, e em todo o tempo, sem nunca faltar, os há. O seu feitio é a modo de um ovo grande e estreito nas pontas, mas são maiores e de cores diversas, mui saborosos e são, e tiram muito a sede; são baratos e há deles grande abundância.

Batata-doce É a batata-doce o que nós chamamos batata. Há muitas e muito grandes, doces e baratas, e continuamente os campos estão cheios delas.

Iúcas As iúcas⁶¹ são aquilo de que se faz o *casabe*, do qual, diz-se, se produz a farinha de pão. Cria-se debaixo da terra uma raiz branca, longa como cenoura, e sai dela uma cana alta. Comem-se assadas e cozidas, e faz-se delas uns bolos delgados que, postos em caldo gordo de carne, crescem como arroz. Sempre as há.

Batatas As batatas semeiam-se e criam-se debaixo da terra. São da cor da mesma terra, terra avermelhada, do tamanho de maçãs e igualmente

⁵⁸ «Bom» no original, possível lusitanismo.

⁵⁹ Medida de massa correspondente a 0,4536 quilogramas.

⁶⁰ A *lucuma*, uma fruta nativa do mundo andino, é identificada no texto como castanha-das-índias, uma espécie do género *aesculus* que não tem nenhuma relação com a *lucuma*. No entanto, o caroço deste fruto assemelha-se muito a uma castanha, o que pode explicar a relação estabelecida pelo autor.

⁶¹ A iúca é utilizada como árvore de decoração na Europa. Na América Latina, o seu tubérculo é consumido habitualmente na alimentação.

redondas. Comem-se cozidas e assadas, e nuns *locros*⁶² que se fazem com elas, milho e outras coisas. Secam-nas como castanhas e fazem delas *chuno*⁶³, da qual se confeccionam mezinhas para os doentes e gentes regaladas. Sempre se encontram verdes e secas, e são mui sadias e de grande sustento.

As goiabas são uma fruta que se parece muito com a maçã, e a árvore parece-se com as árvores de maçãs. De muitas sortes as há. Têm sabor diferente das maçãs. As melhores são umas que se dizem do mato e outras que têm um ácido mui gostoso. Há delas muitas.

Goiabas

As *pacajes* são árvores tão grandes como o castanheiro, e a sua fruta é longa como a bainha de uma espada, com diferentes compartimentos; e, dentro tem uma fruta do tamanho de uma alna, branca como a neve e doce como açúcar.

Pacajes

Os ananases têm aparência semelhante à dos pinheiros na casca e na cor, a sua casca é mui tenra e molda-se com um cutelo. A sua comida é mui saborosa. Fazem-na em talhadas redondas e põem-na em água com sal, e depois comem-na, tem o gosto como de boas ginja. E fazem com elas ricas conservas, em particular em Havana, onde há muitas.

Ananases

De ameixas há duas espécies, umas a que chamam da Nicarágua, que são amarelas e vermelhas, do tamanho das de Espanha, sãs e saborosas, e, por serem boas, as dão aos doentes, e há muitas. Outras que dizem pardas têm dois caroços e são por dentro vermelhas como grená e saborosas.

Ameixas

Os *palos* são semelhantes a pêras pequenas e têm outro sabor. As árvores parecem-se com as das pêras.

Palos

As *guanabas* são tão grandes como melões. A sua comida é branca e mui saborosa. Colhem-se em grandes árvores.

Guanabas

As *tunas* são o que chamam figos das Índias. Tem por fora muitos espinhos e cria-se numa coisa que tem as folhas muito grossas e muito grandes, de uma cor como verde-mar. E a planta é muito pequena e boa para estar nas vedações dos jardins, que com seus espinhos defende a entrada.

Tunas

O maracujá é uma planta que sobe pelas árvores, como as parreiras, e faz latadas onde se enrola. Dá uma fruta do tamanho de um ovo de pata,

Maracujás

⁶² O «cozido de carne» a que o autor faz referência é o *locro*, um ensopado tipicamente andino, embora tenha algumas variações regionais. Identificam-se como ingredientes principais os referidos batata, milho e carne, embora se possam incluir muitos outros.

⁶³ *Chuño* na ortografia actual: batatas que, de acordo com o método de produção tradicional, após colhidas são expostas durante três dias a temperaturas negativas durante a noite e ao calor do sol e pisadas de forma a que toda a água seja removida durante o dia. Posteriormente, são uma vez mais congeladas com recurso ao frio de duas noites. Esta secagem tem a vantagem de preservar as batatas por um longo período de tempo. Para além de diversas utilizações alimentares, estas serviam ainda, como o texto refere, para a produção de mezinhas.

e a sua casca é tão fina como a do ovo e tão fácil de quebrar. A sua comida é doce e tenra, torna-se⁶⁴ com um ovo.

- Laranjas Laranjas e limões, doces e ácidos, há em grandíssima abundância, tanto que nas hortas não se leva dinheiro por eles. E assim os limões como as laranjas são muito grandes e bons.
- Cidras Há outros limões seutis do tamanho de ovos pequenos. A sua casca é fina, são muito sãos e de bom cheiro. Há limões reais e muitas outras espécies de limões, limas e muitas cidras. De toda esta fruta de cratego há grande abundância.
- Flor de laranjeira Da flor da laranjeira faz-se grande quantidade de água perfumada de flor da laranjeira e muita água de anjos. Há grandíssimos rosais, e faz-se muita água de rosas, muito açúcar rosado e favos de rosa com açúcar.
- Água de cheiro Há *romarino*⁶⁵, a que chamamos alecrim, e muitas sortes de ervas medicinais e de flores aromáticas e deleitosas.
- Açúcar rosado
- Melões Melões há muitos e bons. A força deles é em Março, Abril e na Quaresma, e em todo o ano não faltam, pela variedade e bondade da terra.
- Melancias Melancias ou melancieiras ou melões de água há muitos e muito grandes. A sua carne é muito fresca e doce.
- Sementes Há muitos tipos de sementes, tais como feijões, lentilhas, ervilhas verdes e secas de mil modos, amendoim saboroso, amêndoas, *acelga*, espinafre, beldroegas, alho-porro e *llanones* [sic], que se comem crus como nabos. Tamaña é a diversidade de sementes, hortaliças e manjares extraordinários, que dizem que o Peru se pode sustentar sem trigo.
- Trigo Trigo semeia-se e colhe-se todo quanto é mister, e, se se quisera, pudera colher-se um ano para comer dez. Porém, não se semeia mais do que o necessário; pois que, ficando de um ano para o outro, o gorgulho e a traça o comem.
- Milho O milho é o melhor sustento do Peru, assim para os índios como para os negros, e também para os espanhóis, e para todo o tipo de bestas. As bestas comem o grão, e as que trabalham, com comê-lo uma vez ao dia, andam mui fortes e robustas; e, nesta vez que o comem, é mister que lhes dê primeiro a beber e que estejam bem fartas de água, porque se beberem duas ou três horas depois de comer, incham muito e poderiam rebentar, como já se viu. Come-se a cana do milho que é de grande sustento. A esta cana chamam *chala*. Deste milho, que é o que chamamos trigo das Índias, fazem-se muitas coisas. Tosta-se no fogo e chama-se *cancha*; e, deste modo, é mui saboroso e consome-se sobre a comida. Coze-se e chama-se *mote*; os índios e os negros comem-no muito desta forma. Pisa-se em pilões de madeira e faz-se em farinha; e desta farinha preparam os negros bolos redondos como bolas, que cozem numa caldeira
- Trigo das Índias

⁶⁴ «Se suelve» no original, interpretado como «se vuelve».

⁶⁵ É nítido que o autor faz referência ao alecrim, mas esta pode ser uma designação da época, na medida em que a palavra latina para laecrim é *rosmarinus officinalis*.

cheia de água, e assim os comem, que é o seu sustento ordinário. Da farinha fazem-se umas papas a que se chama *masamorra*⁶⁶, em que se deita mel das canas-de-açúcar; muitas pessoas comem esta *masamorra*, em particular as mulheres que criam, e toda se lhes transforma em leite; e sempre pelas manhãs a vendem na praça e por muitas ruas. Faz-se outra *masamorra* com açúcar e ovos, muito salutar, para gente regalada e doentes. Do milho torrado, que se chama *cancha*, faz-se farinha, a que se junta açúcar, e é de delectoso gosto e sustento. Faz-se, sem picar a carne, uma espécie de pastéis a que se chama *tamares*⁶⁷, com galinha e carneiro, envolvem-se em folhas de bananeiras e cozem-se numa caldeira de água, e são mui bons. As espigas, a que se chama *choclos*, comem-se assadas e cozidas, e põem-se em *locros*, que é um assado ou ensopado que se faz de carne com outras coisas. Este é o mantimento mais comum que o Peru tem, e o milho é comido em *cancha* e *mote* pelos *criollos* e todas as gentes do Peru.

O principal alimento que se faz do milho é a *chicha*, que é uma bebida como a *vira*, e faz-se em grande quantidade. Nas planícies e na serra, os índios bebem-na e embebedam-se fortemente e também os negros, e também a bebem os espanhóis. Na cor e no paladar parece-se com a *vira*. Faz-se outra *chicha* de milho torrado, tão clara como vinho branco. Esta é mais apurada e é bebida pelos espanhóis, é muito fresca, faz-se com água e coze-se como a *vira*. Estas são as coisas que se fazem do milho; e com ele se cevam também muito as galinhas e perus e todas as aves.

Bebida

Também se colhe muita cevada no Peru.

Cevada

A alfafa é a melhor erva e de mais sustento que comem as bestas. É uma erva muito alta, que tem as folhas como trevos, a flor azul como a do linho, a vara grossa como um cálamo de escrever e a semente como a do linho. Vale uma fanega desta semente trezentos pesos, porque quem semeia uma fanega pode colher dez anos e cobrar dez mil pesos de rendimento. Com um feixe que custa um real, tem bem que comer um cavalo por um dia e uma noite, e é este o seu mantimento, pois que a palha não se estima e quase toda a queimam nas eras [sic], sendo as terras tão densas e nutridas que não têm mister de esterco.

Alfafa

De pimentos, a que se chama *ajíes*, semeiam-se vastos campos. Comem-se verdes, existem de muitas espécies, e não há comida a que se não juntem, nem mesa onde se não ponham. Depois de secos, os índios levam-nos a diferentes lugares como mercadoria. Deles se faz o *achiote*, que se deita nas panelas, usam-se como açafraão, desfazem-se em caldo, comem-se com carne e com peixe, e juntam-se ao chocolate. São muito

Pimentos

⁶⁶ Actualmente, mazamorra.

⁶⁷ Tamales.

estimados nas Índias. Se não os põem na comida de jeito que queimem muito, dizem as *criollas* que não está boa.

Grão-de-bico

Há abundante e bom grão-de-bico. Há uns a que se chama *caguas* [sic], que se deitam nos *locros*, fazendo-os mais saborosos. Há rabanetes tão grossos como a perna de um homem. Repolhos e alfaces há todo o ano e tão bons, que não existem melhores na terra.

Rios

Lima tem dois rios, que, com o da Seneguilla, são três. Situa-se este vale quatro léguas a oriente de Lima. Todos os campos de Lima são banhados por estes três rios e todos se situam a meia ladeira, com que a água entra e sai, podendo-se regá-los conforme se queira. Desde a curva de Late são seis léguas até Carabayllo, tudo com formosas campinas, irrigadas por infinitas acéquiás, que extraem a sua água dos rios. Todas estas acéquiás estão cheias de erva boa, de que há muita por todos estes campos, que sempre se mostram verdes. Há muitas casas, hortas, jardins e mil primores de flores e de frutos, muitas aves, coelhos e outro gado que por aqui se cria. É tudo terra aprazível, sem espécie alguma de animal peçonhento, nem piolhos; nem há percevejos em todo o Peru, nem se sabe nele que coisa sejam. Só têm nígua ou *piques*, que é o bicho que entra na planta dos pés, entre as unhas e partes mais fracas. E há muitos mosquitos, uns que andam de dia e outros a que chamam pernilongos, que fazem grande zunido de noite. Assim que sentem no pé o bicho, que come muito, há pessoas destras que o tiram com a ponta de um alfinete, e, em estando fora a cabeça do alfinete, molham-no ou untam-no com cebo das candeias e esquentam-no no seu lume, e com aquilo cauterizam o sinal de onde tiram o bicho, e depois saram. Se não querem queimá-lo com sebo, põem-lhe cera do ouvido, e também saram. É esta nígua mais miúda que uma pulga e da mesma cor, e, se não se adiantam a caçá-la vai-se encorpendo, e faz-se tão grande como um grão-de-bico. Alguns meninos descuidados padecem com elas. Pequenos inimigos são estes para tamanha virtude quanta tem a terra; e na serra e em muitos lugares das planícies não há estes bichos, e em muitas terras não sabem que coisa é um mosquito.

Nígua

Açúcar

Açúcar colhe-se em abundância em todos os vales do Peru, nas suas planícies e em muitos vales da serra. Em Lima, têm os teatinos uma *estancia* chamada de San Juan, a duas léguas da cidade, onde têm grandes canaviais de açúcar, e toda a fazem em mel. E têm aqui estes jesuítas olivais, de que produzem azeite. Se transformassem toda a cana-de-açúcar em açúcar, custaria muito mais barato; mas fazem em mel as duas partes dela, de que se consome em Lima, por ano, mais de cinquenta mil potes, pois que todos comem deste mel e guisam com ele. Os *criollos* apreciam-no muito, e por isso são chamados «pão e mel». Costuma valer em Lima vinte e quatro reais e vinte e oito a arroba; nas planícies são mais baratos. Como há muito açúcar, há muitas sortes de conservas, boas e baratas.

Mel

Há muitos figos secos e passas. Um a que chamam «das margens» são melhores que as de Málaga e Almuñécar, na Andaluzia.	Passas
Em Lima, boi ou vaca valem seis reais a arroba. Na serra um boi possante e gordo vale quatro pesos de a oito reais, e em alguns lugares menos.	Carnes
Um quarto de carneiro vale dois reais e meio; um carneiro vivo vale dez reais, e em muitas partes do reino vale quatro reais; um cabrito vale dois reais. Há sempre vitelas e baratas. O porco custa muito barato, e os mais derretem-se para se fazer deles manteiga, com que se fritam peixe e outras coisas e se fazem guisados. Há muitas cabras. Nunca falta leite, delas e de ovelha, e faz-se manteiga e muitos e bons queijos por todo o Peru.	Carneiro
Pavos que chamam perus ⁶⁸ valem de dois pesos até ⁶⁹ quatro, conforme sejam. Galinhas de gordas e boas valem dez reais, e daqui para baixo, até quatro; nas planícies, valem de dois a quatro reais. E, na serra, de um real a dois, capões em relação a galinhas e patos ⁷⁰ , quatro reais. Não faltam perdizes, rolas, pombos domésticos e selvagens, patos de água, papagaios dos pequenos e dos grandes, canários, pintassilgos e outra grande variedade de pássaros, não faltando alpista que comam.	Aves
Falcões, os do Peru, são os melhores de quantos se conhece no mundo, e todos os anos se trazem muitos a Madrid para El-Rei.	Falcões
Peixe há abundância deles, e são bons. Os mais vulgares são corvinas, robalos, chitas, ruivos, mugens, linguados, cabinzas, machetes, sargos, camarões, bagres, cachuelos, sardinhas, peixe-rei, que, segundo tem o nome, tem a aparência e o sabor. Anchovetas, <i>questas</i> e peixe-rei há em grande abundância, todos os dias e muito baratos. Peixe branco, atum e congro vêm de fora de Lima, secos e salgados. Se pescadores houvesse assim como há peixe no mar, não se poderia consumir tanto quanto se pode pescar.	Peixe
O sal é muito barato em Lima, que se abastece das minas de Guaura e de outras muitas que por todo o Peru se acham. E em todos os lugares e vilas do Peru é mui barato, porque há dele muito nas planícies e nas serras. E, sem haver ninguém – nem El-Rei, nem a Justiça – que o	Sal

⁶⁸ De entre as várias explicações para a denominação atribuída no mundo português a estas aves, uma delas está directamente relacionada com a história da expansão castelhana na América. Originárias da região mexicana, terão sido trazidas para a Europa pelos primeiros navegadores a chegar ao continente. Apesar de não serem originárias do Peru, estas aves receberam o nome do vice-reino uma vez que, à época em Portugal, era frequente atribuir esta designação a todas as possessões americanas da Coroa castelhana. Efectivamente, o vice-reino peruano era então o mais importante dos territórios ultramarinos hispânicos pela riqueza das suas minas. O uso por parte do autor deste termos mostra, quase de certeza, a sua origem portuguesa, assim como o interesse que este território despertava para muitos portugueses que para aí migraram.

⁶⁹ «Até» no original, possível lusitanismo.

⁷⁰ Deve estar a referir-se a pavos (perus), animal a que acabou de fazer referência.

defenda, quem o quer toma-o, sem haver dono que o tolha, que a todos é comum como a água dos rios.

Trigo Trigo e milho são sempre a um preço: vale deles uma fanga de dez a doze reais.

Vinho Vinho há muito, que se colhe pelo reino, onde há grandes vinhas. Um odre de uma arroba de bom vinho novo vale três pesos de oito reais; o de dois anos vale mais; e quanto mais velho, mais caro custa, e há-os de um ano até dez. Um quartilho vale sempre dois reais. A razão de ser caro é trazer-se de fora por mar e custarem muito os transportes. E assim beneficiam as vinhas, já que, nos lugares onde se colhe, é o vinho assaz mais barato. No lugar onde se criam e colhem, todas as coisas são baratas em todo o Peru. Também há muito bom vinho, que se leva de Sevilha, e custa um quartilho quatro reais. Por um quartilho de vinho do Peru, deitam outro de água, e ainda fica forte, vigoroso e bom.

Aguardente No Peru faz-se muita aguardente e muito boa, muito vinho de Arrobe alecrim e vinho cozido, doce, muito lindo. Faz-se muito arrobe, a que se junta marmelos e camoesas, as quais, quando se comem, sabem assim como conserva.

Vontade de comer não há no Peru, que a comida sempre sobeja. Bendito seja Deus e louvado, que tanto bem concedeu àquelas terras.

Tabaco De tabaco chegam a Lima as naus carregadas, da Nicarágua, Sonsonate e Realejo, e gasta-se muito em pó e fumo. Vem tabaco de Jaén de Bracamoros, e no Peru colhe-se muito.

Mel Também se traz cera e mel da Nicarágua, muito bálsamo, *tacamaca*, Bálsmo madeira de Mechoacán, anil e armadilho destas províncias da Guatemala e Nicarágua. E destas terras se trazem muitas naus carregadas de breu Pez para as embarcações e para brear os odres e as pipas de vinho, pois que todo o vinho do Peru é transportado em odres de barro.

Chocolate O chocolate faz-se do cacau, e junta-se-lhe cravo, canela, pimenta, *achicote* e água de cheiro, e há quem lhe deite almíscar e âmbar. É uma bebida de grande substância, quente, e sustenta muito. Ajuda muito à compleição, faz expectorar, dá boa cor à face, revigora muito o corpo. Quando há necessidade faz engordar a pessoa. É bebida de substância. Também lhe deitam açúcar. Todos os homens ricos e regalados o bebem e com ele se sentem bem com ele. Não há mais segredo do que tomar um pouco de chocolate e desfazê-lo; pôr uma panela com água ao lume, e, por quartilho de água, deitar a quantidade de onze onças de chocolate e açúcar, que fique bem doce (quanto mais, melhor); deixá-lo arrefecer depois do primeiro fervor. Quanto mais quente se bebe, de maior proveito é. Se quiserem meter-lhe um biscoito, não será por isso pior.

Maneiras
de fazer
chocolate

Pelas fartas riquezas que o Peru tem e abundância de todas as coisas, umas que produz e outras que vêm de províncias comarcadas e de todos os reinos e partes do mundo. Por isto diz-se quem vai ao Peru, de cem, não volta um, porque, para além da sua grande abundância e fartura,

há nele poucos tributos, poucos direitos, poucas fronteiras, poucas alca-valas⁷¹. Terra bem temperada e onde nunca se viu peste nem males contagiosos. As gentes socorrem-se muito umas às outras. Terra que quantos querem trabalhar ganham de comer e onde se dão grandes salários. A mim deram-me de salário, cada ano, nove mil reais, que são, ao dia, vinte e cinco, para estar numa loja de mercadorias. E são muito estimados os homens honrados e de confiança. Por estas razões não querem os homens regressar a Espanha – que voltar, em havendo dinheiro, fora coisa fácil.

Salário

Em Lima, sempre há muitas festas, grandes procissões com muitas danças e muito estrépito de instrumentos, e com tantas invenções, que em Espanha não há cidade onde façam tantas coisas como em Lima, nem onde aderecem as ruas com mais riqueza. Touros e canas⁷² jogam-se todos os meses; comédias e músicas são ordinárias. Nas entradas de vice-reis, afunda-se a cidade com festas e todos se empenham em mostrar galas. Doutores que são feitos pelas universidades⁷³ há bem que ver neles e ouvir os seus epigramas. Passeios de cavaleiros e mercadores pelas ruas e ao campo, que todas as tardes campeiam todos a cavalo. Saídas a folgar ao campo, e, pelos hortos, há merendas e banquetes. Abraça-se a glória neste mundo em terra tão temperada que nunca se ouve trovão nem há borrasca nem se molha a planta em todo o ano. Sempre corre um vento (sul), amoroso e fresco, e os campos estão sempre verdes e floridos e as árvores com fruta. Eu tinha um horto defronte do *cercado* dos índios de Lima, dito o horto do doutor Franco, que era avô da minha mulher⁷⁴, onde havia camoesas oito meses no ano, umas em flor, outras verdes, outras maduras, colhendo-se umas, começavam outras, e tinha mil pés de olivais com tanta azeitona que era alegria, e tão gordas como as de Sevilha, há sempre abundância delas em Lima e em todo o Peru, e havia nesta horta todas as frutas de Espanha e do Peru, como vão enumeradas nesta relação, toda a espécie de verduras, sementes e flores, e quanto se

Festas

Azeitonas

⁷¹ Imposto régio cobrado pela Coroa castelhana cuja origem ainda não foi possível datar. Era um imposto indirecto, cobrado sobre as transacções comerciais internas realizadas em todo o espaço da monarquia hispânica.

⁷² Jogo de canas: jogo de origem medieval que simula uma batalha.

⁷³ À época existia em todo o vice-reino do Peru apenas uma universidade, a Universidad de San Marcos, fundada pelos dominicanos em Lima. Esta foi criada em 1551, com o nome de Universidad de Lima, que viria a ser alterado em 1574. Apenas algumas décadas mais tarde se estabeleceriam outras instituições de ensino universitário. Existiam, no entanto, na restante América espanhola (não no vice-reino do Peru) outras universidades. De notar que esta política contrastou com a seguida pela Coroa portuguesa, que optou por não fundar nenhuma universidade no Brasil, promovendo a deslocação de alunos para o reino.

⁷⁴ Esta referência é um dos principais indícios referidos pelo historiador peruano Guillermo Lohmann Villena para defender a sua posição em relação à identidade do autor (como mencionado na Introdução).

pode desejar havia neste horto. Com isto se entenderá bem a bondade do Peru, em particular de Lima.

Trata-se das oito ruas que saem da praça de Lima e dos caminhos reais que delas saem e outras coisas

Na Praça Maior de Lima entram oito ruas, as mais importantes da cidade, duas em cada esquina. São estas ruas muito direitas e direitas seguem todas ao campo. Sai primeiro uma rua da Praça Maior, junto ao paço, entre a esquina da Casa de Armas e as *Casas del Cabildo* da cidade. Esta rua vai direito ao norte, ao rio e à ponte. Vai até ao bairro de San Lázaro e, voltando à esquerda, segue por uma rua muito comprida, o Caminho Real das Planícies, que passa pelo rio de Carabayllo e por todas as suas *chácaras* e campos. Daqui, passa a Chancay, pela serra de La Arena. A quatro léguas de Lima acha-se Carabayllo, lugar de índios.

Carabayllo Tornando à ponte de Lima, segue a rua direita a San Lazaro, igreja e hospital onde se recolhem os que têm o mal de São Lázaro, e, voltando à direita, chega-se à alameda que há entre San Lazaro e a colina de San Cristóbal. Há aqui muita variedade de árvores, como são laranjeiras, cedros, limoeiros, oliveiras, macieiras, álamos e outras árvores. Há oito fileiras de árvores, e, em meio, quatro fontes de água que verte sobre taças de pedra, e acéquias de água do rio, com que se rega. Todos estes caminhos de árvores se encaminham ao mosteiro de frades franciscanos descalços, que está edificado junto à colina de San Cristóbal. Estes frades têm uma boa casa e horto. Pelo rio acima e através da colina de San Cristóbal, avança o caminho para Lurigancho, lugar de índios que se encontra por detrás da colina, a uma légua de Lima. Por aqui há muitas *chácaras*. E segue o caminho para a serra.

Alameda
Colina de
S. Cristóbal

Mosteiro
de descalços

Outra rua
Mosteiro de
franciscanos

Caixa da
água

Vale de
S. Inés

Sai outra rua da parte oriental do paço, dirigindo-se aos açougues, e desemboca numa praça que está junto do mosteiro dos franciscanos, que é um grande mosteiro e muito rico. Dois quarteirões ocupam o mosteiro e seu horto, está junto ao rio. Passa a rua pela igreja de San Pedro e chega ao mosteiro de Santa Clara, que é de monjas, rico e grande. Perto destas monjas corre a maior acéquia de água que passa pela cidade, de norte para sul. Passa a rua ao *cercado* dos índios pela parte do norte, e aí principia o caminho que vai direito à caixa da água, que é uma fonte de muita água, que, desde aqui, conduz, por meio de canais, à cidade, onde se reparte por fontes que há nas praças, no paço, nos mosteiros e nas casas de cavaleiros. Bebem esta água na cidade, considerando-a melhor que a do rio. Está esta caixa de água no meio de um verde prado e campo. O caminho passa por muitas *chácaras* e vai ao vale de Santa Inés, que é vale lindo e regalado em frutas e águas, e onde há muitos índios. E avança o caminho para a serra.

Outra rua sai de entre o paço e casas do arcebispo, indo direita ao oriente. Passa junto ao Colégio de Santo Toribio e pelas casas do Correio Maior, e segue para a praça da Inquisição. Aqui se encontram os cárceres secretos, aqui estão os presos, e aqui vivem os inquisidores e têm sua capela, que ocupa todo um quarteirão da parte a sul. Na parte oriental desta praça, que se situa a três quarteirões da Praça Maior, estão a igreja e a Casa da Caridade, que é uma vasta casa onde se curam mulheres pobres doentes e se recolhem muitas donzelas pobres, que daqui saem para casar, e mulheres que vivem desonestamente. Encostado a esta Casa da Caridade, a norte, está o colégio d'El-Rei. Daqui passa a rua à praça de Santana⁷⁵, onde se encontra o mosteiro das monjas descalças e o hospital e paróquia de Santana. Este hospital é de índios, e aqui os curam de todas as suas doenças. Tem de renda trinta mil pesos ensaiados. Passa a rua pela igreja das descalças e pelo penhasco perfurado, e segue pela Igreja do Prado, junto da porta do *cercado* dos índios. Diante desta porta acha-se o horto do doutor Franco, de que o autor desta relação foi dono. Vai o caminho direito sempre ao oriente, por entre *chácaras* de trigo e alfafa, ficando, para o lado direito, a duas léguas de Lima, o lugar de Late, que é de índios. E por aqui dirige-se outro caminho para Santa Inés e para a serra. Voltando ao Caminho Real, passa pela encosta de Late, onde há muitos pepinos, batata-doce, milheirais e muita hortaliça. É boa saída de regozijo para as gentes de Lima. Passa a Seneguilla o caminho, que, em seu lugar, tornarei a seguir este caminho.

Outra rua sai da praça, perto da Igreja Maior, dirigindo-se ao mosteiro de La Concepción, que é de monjas, rico e aprazível. Vai ao hospital de San Andrés, hospital grande e boa casa de espanhóis, onde os curam quando estão enfermos. Passa à praça de Santana e une-se ao caminho grande que vai à serra, e, voltando junto da Igreja de Santana, sobre o lado direito, vai esta rua direita ao caleiro e aos fornos de tijolo. É seu proprietário Alonso Sánchez, caleiro que tinha, em meu tempo, quatrocentos negros seus escravos. Este caminho vai ao campo e ao Caminho Real das Planícies, vira outra rua para oriente e sai à *guaquilla*⁷⁶ de Santana. Há aqui um vasto campo, tudo em redor cheio de hortas e vai dar a uma acéquia grande de água. E vai por aqui um caminho que vai entre o oriente e o sul. Este caminho vai dar à casa da pólvora, onde se faz muita e muito fina e têm aqui o seu moinho de água onde se lavra e casa apartada onde a encerram. Está esta casa da pólvora a um quarto de légua da cidade. E vai o caminho por *chácaras* e ao vale de Seneguilla.

Sai outra rua pela rua dos roupeiros. Estes são lojas que têm roupas para os negros. Esta rua vai direita ao sul e passa por um lado do mosteiro de frades de La Merced, e vai direito ao mosteiro de monjas de

Colégio
Inquisição

Caridade

Colégio
d'El-Rei
Monjas
descalças
Hospital
de índios

La Concepción
Mosteiro
Hospital de
espanhóis

Caleira
e fornos
de tijolo

Acéquia
de água

Casa onde se
faz a pólvora

⁷⁵ «Santana» no original, possível lusitanismo.

⁷⁶ Pequena *guaca*.

Monjas de La
Encarnación

La Encarnación, a mais famosa casa de Lima, onde há mais de quatrocentas mulheres, as mais delas monjas professoras, e onde estão recolhidas muitas filhas de senhores ricos, que ali as deixam para que aprendam bons costumes e dali as tiram para casar. Têm todas, monjas e leigas, escravas negras que as servem. Há neste convento lindas e discretas mulheres, dotadas de mil graças. Fazem conservas e colações de tantos modos e tão boas, que não se pode imaginar coisa de maior regalo. Têm um amplo e regalado horto, e o mosteiro e o seu horto ocupam duas quadras de comprido e uma de largura. Qualquer monja que, em Lima, queira entrar num convento custa-lhe só a entrada, com coisas de que há mister para tomar o hábito, seis mil pesos; e monja que queira ter cela apartada e uma negra que a sirva e cem pesos de renda, custa-lhe tudo doze mil pesos; e a outras custa-lhes mais, conforme as suas riquezas. Porém, sempre lhes falta o melhor. Deixando este convento, chega-se ao mosteiro de frades recolhidos dominicanos, e passa ao campo e por *chácaras* e ao caminho das planícies.

Rua dos
mercadores

Outra rua sai pela rua mais principal, que é a rua dos mercadores, onde há sempre, pelo menos, quarenta lojas cheias de mercadorias diversas, de quanta riqueza tem o mundo. Aqui tem lugar todo o principal negócio do Peru, porque há mercadores em Lima que têm, de fazenda, um milhão, e muitos quinhentos mil pesos, duzentos e, muitíssimos, cem. E destes mais opulentos, poucos têm lojas. Envia seus dinheiros a investir a Espanha, ao México e a outras partes, e alguns há que têm negócio na grande China⁷⁷. Muitos mercadores têm renda. Aqui fiam as mercadorias, pelo menos, por um ano, e, se são mercadorias grandes, fiam-nas por um ano, dois ou três, e por seus terços as pagam. O trato de Lima é o mais nobre, bom e sem pesares que se pode no mundo achar, pois que a ordem de vender e comprar é a que há muitos anos instituiu o corso Dom Nicolás, que foi o maior comerciante e o mais abastado que o Peru teve, cujos filhos são marqueses de Santillana, perto de Sevilha⁷⁸. Este corso criou uma taxa ensaiada de quantas mercadorias se lavram e se

⁷⁷ A prata do Peru permitiu a aquisição de produtos de origem asiática, em especial da China, obtidos a partir das Filipinas. Durante os anos em que o autor residiu no Peru, os primeiros três quinquênios do século XVII, estas mercadorias podiam adquirir-se legalmente através do eixo Acapulco-Manila. Não obstante a oposição do *Consulado de Mercaderes de Sevilla* ao estabelecimento de uma rota directa entre o Peru e Manila, tal como refere Margarita Suárez, o comércio ilegal manteve-se. Mesmo com a proibição do comércio com o México em 1634, continuaram a chegar ao Peru produtos asiáticos.

⁷⁸ Durante este período há referencia a famílias originárias da Córsega que, aproveitando as carreiras das Índias, fizeram fortuna no Peru. Este Dom Nicolás, embora exista pouca informação, é referido por Fr. Juan Melendez, na obra *Tesoros Verdaderos De Las Yndias*, como sendo irmão de um outro rico comerciante, Juan Antonio Corzo, também ele oriundo da mesma ilha. (*Desafíos transatlánticos: mercaderes, banqueros y el estado en el Perú virreinal, 1600-1700*, Instituto Francés de Estudios Andinos, Pontificia Universidad Católica del Perú-Instituto Riva-Agüero, Fondo de Cultura Económica, Lima, 2001).

produzem em todo o mundo, e todas se obrigou a dar por aqueles preços, e umas mercadorias pôs muito altas e outras muito baixas, conforme o valor que naquele tempo tinham. E às mercadorias que não houve em seu tempo, e depois se fabricaram e se lhes deu nome, põem os corredores seu preço e taxa. Conserva-se esta taxa até aos dias de hoje, pois a ordem que têm os mercadores para comprar suas mercadorias é tomarem os memoriais das mercadorias que lhes dão os carregadores, para as comprarem pelos preços que custaram em Espanha ou no México; e depois as vão retaxando, baixando umas mercadorias e subindo outras, conforme correm e valem na terra. Assim fazem a taxa em corrente, dando a cada género o valor pelo qual se pode vender no tempo em que compram. E, feita⁷⁹ a conta e a retaxa pelo preço dos pesos ensaiados (por isto se entende a taxa, que faço também pela conta corrente), são estes os preços por que se podem vender as ditas mercadorias. E, somada uma conta à outra, reduzidas ambas as contas em corrente, depois se vê se se pode ganhar ou perder. As próprias retaxas e contas fazem-nas os senhores que vendem; e, conforme sobe a taxa ou baixa, assim estas mercadorias se compram a tantos por cento, mais ou menos, da taxa. E, depois de ajustados os preços, enviam os fardos, como vêm de Espanha, a casa do comprador, e ali lhe vão entregando tudo por conta e razão. E sempre se tiram proventos quando se compra, pois que se há-de cobrar danos e adições. Danos são as coisas que vão estragadas, podres, molhadas ou manchadas, e adição serem os géneros da mercadoria que se vende de diferente qualidade, ou declarar-se que são de um mestre sendo de outro, ou dizer que um pano é vintequatro sendo vintedozeno, ou não terem a marca, e coisas semelhantes, por isto se entende dano e adições. Pois para os acertarem nomeiam de cada parte um terceiro, a quem mostraram tudo o que tem dano ou adição. E estes, que sempre são mercadores de boa consciência, tiram o que lhes parece que é razão, e desconta-se ao valor das mercadorias. E, com isto, nunca se convertem géneros de mercadorias e escusam-se pleitos e tristezas. Outros compram à taxa corrente e outros um tanto por cento sobre os custos de Castela ou México. E algumas vezes compram-se géneros soltos, mas, em sendo memoriais grandes, sortidos, de que há alguns de cem mil pesos, sempre se compram pela taxa. Todos os mercadores são destríssimos no comprar, havendo mercadores tais que recolhem todos os memoriais que saem à praça a vender e as retaxas todas, em pouco tempo, e por ali escolhem e compram os que melhor lhes parecem. Por isto se pode entender quais são os mercadores de Lima. E, desde o vice-rei até o arcebispo, todos negociam e são mercadores, ainda que por mão alheia e dissimuladamente. Prosseguindo com esta sexta rua, vai ao mosteiro de La Merced, que é de frades, grande e rico, e passa depois a San Diego, paróquia e hospital de convalescentes,

⁷⁹ «Feita» no original, possível lusitanismo.

que são os enfermos que curaram das suas doenças no hospital de San Andrés, quando se podem levantar e estão sãos, enviam-nos a este hospital de convalescentes, onde lhes dão o necessário até que estejam vigorosos para ir trabalhar. Daqui passa a uma praceta e aos mercedários recolhidos. Vai direito ao campo e ao mar, e ao lugar de índios de La Magdalena, onde chega o mar a três quartos de légua de Lima, a sul.

Rua das
mantas

Outra rua sai por entre os portais onde desembocam as quatro ruas e a rua dos mercadores, entrando pela rua das mantas, que também está pejada de lojas de mercadores. Têm esta rua e a dos mercadores, cada uma, uma quadra. Por toda esta rua, que vai em direcção ao ocidente, há muitas lojas de diferentes ofícios: cerieiros, confeitores, caldeireiros, que trabalham muito cobre, ferreiros e outros ofícios. E passa junto ao Espírito Santo, hospital dos marinheiros, onde os recolhem e curam quando estão doentes. Passa ao arco e à igreja de Monserrat, e segue direita aos hortos e ao rio, que vai contornando. E, junto à igreja de Monserrat, há outra rua que vira para sul e vai direita ao caminho de Callao, de que falarei em seu lugar.

Hospital dos
marinheiros

A última das oito ruas que saem da praça principia junto da Casa de Armas, que está no paço, das Casas *del Cabildo* e das casas de Dom Alonso de Carabajal, pois que em todos os cantos da praça há três esquinas. Daqui vai direita a rua ao mosteiro dos frades dominicanos, que é o melhor e mais rico de Lima, em cujas muralhas, a norte, bate o rio. Situa-se aqui a Casa das Comédias, num pouco de campo que os frades não ocupam, os quais têm duas quadras de casas com sete pátios dentro do seu convento. Esta rua vai direita ao rio. Por todas estas últimas ruas, voltando ao lado esquerdo, como quem vai para sul, pode-se ir para Callao.

Frades
dominicanos
Casa de
comédias

De outras ruas, para que melhor se entenda a traça de Lima

Companhia
de jesuítas

Uma rua vai de San Francisco, duas quadras a oriente da praça, e corre de norte para sul, até à casa da companhia dos padres jesuítas, a mais rica e mais poderosa casa de Lima, que os mesmos frontais dos altares tem talhados em prata fina e grossa. Na semana de endoenças⁸⁰ fazem um monumento todo de veludo carmesim guarnecido de prata fina, com mil laços lavrados a buril, tão alto que chega ao tecto da igreja e tão largo que alcança de uma parede à outra, com mui altos pilares e arcos. Neste convento e casa há riquezas infinitas. Noutra rua que passa pelas traseiras desta casa de jesuítas está o Colégio de San Martín, que também é seu. Tem mais de quinhentos colegiais, filhos de senhores de todo o reino, que os mandam a estudar, e cada um paga, cada ano, cento

Colégio de
San Martín

⁸⁰ Semana Santa.

e cinquenta pesos correntes aos jesuítas, que, por este pagamento, lhes dão de comer. Estes jesuítas têm mui grande estudo de muitas ciências. Prosseguindo, a rua passa junto ao mosteiro de La Trinidad, que é de monjas, e encaminha-se, depois, para a paróquia e casa de meninos órfãos, que estas são as crianças deixadas pelas mães, que as tiveram sem licença de seus pais e não quiseram que se soubessem suas ruindades. Seguidamente, passa a outro convento e casa de jesuítas, que tem não poucas riquezas. Aqui entrou, estando eu em Lima, Antonio Correa, secretário da Inquisição, com trezentos mil pesos, o que por sua ordem se fez, que destes bocados engolem muitos no Peru e não se afogam, porque têm estômago para tudo. Há um lindo horto e muitas riquezas nesta casa, que não há nenhuma de jesuítas que seja pobre. Passa a rua a Guadalupe, mosteiro de frades franciscanos. Por aqui segue, para sul, o Caminho Real das Planícies, direito ao (sul) e que dá ao mar do lado direito, e por aqui vai direito a Pachacama, lugar de índios, a quatro léguas da cidade.

Trinidad
mosteiro
de monjas

Casa de
jesuítas

Convento
de frades

Outro caminho vai direito de oriente a ocidente. Passa junto à companhia dos jesuítas e segue pela rua dos ourives, que se estende desde a esquina da rua das mantas até à esquina da rua dos mercadores. Nesta rua dos ourives desemboca a viela dos chapeleiros. Vai a San Agustín, neste quarteirão há muitas boticas, que não ficam a mais de uma quadra da praça. É San Agustín um convento de frades agostinhos, casa e igreja ricas. Passa a rua a San Sebastián, paróquia grande e abastada, e vai até aos moinhos de Monserrat. Por aqui corre uma acéquia grande de água, com que moem os moinhos e regam hortas. E vira a rua à esquerda para Callao, porto de Lima.

Rua dos
ourives

Agostinhos
S. Sebastián

Moinhos

Outras duas ruas principiam perto de La Encarnación e junto de San Diego, de oriente a ocidente, e passam junto a San Marcelo, paróquia principal de Lima. E aqui, na ala esquerda, estão os agostinhos recolhidos. Estas duas ruas saem direitas ao caminho de Callao. Isto é o mais importante de Lima, que, apesar de ter muitas outras ruas, nas referidas estão todos os mosteiros, igrejas, praças e todo o bom da cidade, que as outras não cumprem ao nosso propósito.

S. Marcelo
Recolhidos

Que trata de Callao, porto de mar de Lima, principal em todo o Peru e bom para entrar e estar nele seguros os navios

Situa-se o porto de Callao a duas léguas de Lima. Tem, como vizinhos, até seiscentas casas de espanhóis, assim como casas de negros e de índios. Os mais dos vizinhos deste porto são marinheiros e gente do mar. Tudo está edificado junto ao mar, e quase todas as casas que se acham nesta praia são tabernas de vinho e armazéns de mercadoria. Por detrás da praia, há algumas casas que se estendem de norte a sul e outras que vão a oriente, as quais também se repartem em quarteirões, como Lima.

Estas dirigem-se para o campo e para o caminho de Lima. E há nele mosteiros e casa de jesuítas. Todas as mercadorias, vinho, madeira e todas as coisas que devem passar a Lima levam-se em réguas de bestas e carretas, que todo o dia está o caminho cheio, pelo avio assim das mercadorias que se levam de Callao para Lima, como das que de Lima se levam a Callao. Pois que, embora as mercadorias vão desembarcar a Callao, todas seguem para Lima, que em Callao não fazem mais que registá-las para pagar os direitos de El-Rei, que são bem poucos. E as mercadorias que irão por mar a outras terras tornam a ser embarcadas em Callao para onde as quiserem enviar. O mesmo se faz com a prata e o ouro e todas as mais coisas, assim que estas duas léguas de caminho são as mais frequentadas e percorridas que o mundo tem e por onde mais riquezas passam. O caminho atravessa hortos e *chácaras*, e há nele muitas acéguas de água.

Peralvillo

À entrada de Lima está Peralvillo, que é onde os negros malfeitores espreitam. Aqui entra-se na cidade por muitas ruas e vai-se à praça e onde cada um quiser ir, porque a cidade não tem muros, nem porta, nem presídio, nem guarda de dia ou de noite. É aberta de todas as partes. Todas as acéguas de água que Lima tem vêm do rio, e todas correm de norte para sul. E destas acéguas grandes saem as que entram em todos os quarteirões e passam pelas ruas, que estão postas de norte para sul, todas as acéguas correm de oriente a ocidente, e todas desembocam nas ruas por onde se entra em Lima, vindo-se de Callao.

Lima não tem guarda

Rio

Pachacama é um lugar de índios que se situa a quatro léguas de Lima. Por aqui corre o rio conhecido por Seneguilla. Este é um vale mui regalado, onde há muitas *estancias* de gado, como são bois, vacas, éguas, cavalos, mulas, muitos carneiros, ovelhas e cabras, e ainda galinhas e outras aves. Nestas *estancias* têm casas boas, em que vivem as gentes. Têm grandes hortas, colhem muito trigo, milho e diversas outras coisas, como são grandes meloais e pepinos da terra. Tudo se encontra neste vale, que é muito fresco e muito aprazível, e abrange nove léguas. O rio entra no mar frente a uns antigos edifícios de índios, que, no seu tempo, devem ter sido muito ricos palácios⁸¹. Aqui faz o mar uma boa praia, acomodada para a gente saltar em terra. Daqui a Lima são quatro léguas, parte de areais e parte de bom caminho, que entra por meio de umas pedras que não servem de mais que de assinalar aquele que foi o antigo caminho dos incas, reis do Peru. Todos os caminhos que por aqui se encontram vão

⁸¹ Pachacamac é um complexo arqueológico perto de Lima. As investigações demonstram que este foi ocupado de forma contínua desde os primeiros séculos da nossa era (cultura Lima) até à conquista inca, tendo servido como um dos maiores santuários do mundo andino. Com a chegada dos primeiros castelhanos, Pachacamac foi saqueado e destruído na busca de metais preciosos. No entanto, o autor refere a existência de estruturas habitacionais e uma intensa actividade agrícola. Não deixa de ser curiosa a forma como este se refere aos antigos templos como «antigos edifícios de índios», indiciando um certo estado de abandono dos mesmos.

dar a Lima. Volvendo a Pachacama, seguindo a costa, chega-se perto do lugar de Surco, que é de índios, a duas léguas de Lima. E, por esta parte, correndo para Callao, há por esta costa do mer uns despenhadeiros ou barreiras muito altas, talhadas como muralhas, que se não pode subir por elas. E, do meio delas, por muitas partes, jorram fontes de água doce. Mais abaixo está Surquillo, que se situa a uma légua, ou pouco mais, de Lima, também lugar de índios, muito próximo do mar. Depois está o lugar de índios de La Magdalena, um pouco desviado do mar. É esta a parte onde mais próxima do mar se encontra Lima, que são três quartos de légua. Segue-se outro lugar de índios no meio de La Magdalena e Callao, que se chama Maranga. Corre a costa até à ilha de Lobos, onde a terra faz uma ponta, estreitando-se com a ilha de Lobos, e pelo meio corre o mar tão estreito, que não entram por aqui senão fragatas e barcos que vêm do sul para Callao. Aqui a costa é rasa. Começa aqui a alargar-se o porto de Callao, que é porto mui seguro e limpo de baixios, que nele podem entrar e caber todos os navios que se queira. Ao longo de todas as barreiras que referi, que há por esta costa, na volta de Pachacama há muitas partes por onde se desce ao mar, caminhos largos e muito fáceis. Todos os índios que vivem nos ditos lugares de Pachacama a Callao são pescadores e pescam por toda esta costa muito peixe, e entram a pescar numas balsinhas feitas de *titora*. E, sempre que entra um navio em Callao, sai um índio numa destas balsas a reconhecer e perguntar que navio é e de onde vem, e volta a terra para dar aviso. Os navios grandes que vêm do sul para entrar em Callao dão volta por detrás da ilha de Lobos, que assim se chama por haver nela muitos lobos-marinhos.

Magdalena
a meia légua
de Lima

Neste porto de Callao fez o príncipe de Esquilache dois fortes na praia de mar, para defesa de Callao e porto. Callao não tem muros, o mar bate nas barreiras levantadas diante das Casas Reais, que se encontram na praia. Por todas estas barreiras se desce ao mar, e, sobre elas, algo desviadas, fazendo uma praça no centro, estão todas as adegas e armazéns onde entram todas as coisas que se trazem por mar. Defronte das casas reais, sobre as barreiras do mar, havia até trinta peças de artilharia de bronze que avisadamente haviam posto nos fortes.

Fortes

Artilharia

Achei-me eu nesta praia e porto de Callao no ano de mil seiscentos e quinze, em vinte e dois de Julho, dia da Madalena, porque entraram pelo estreito de Magalhães cinco navios destas terras, depois de terem lutado com a Armada Real do Peru, perto da vila de Cañete, que está a vinte e quatro léguas de Lima. E os cinco navios deitaram a fundo o navio Almirante, que era uma poderosa nave, onde ia Pedro de Pulgar como almirante. E disse-lhe o almirante contrário que considerasse que ele e quantos estavam em sua nau iriam a pique, mas que, se quisessem salvar as vidas na sua nave, lhes dava ele palavra de os pôr a todos em terra, salvos e sem lhes fazer agravo nenhum. O almirante Pedro Pulgar respondeu que não quisesse Deus que ele desamparasse o navio de que

Nau que foi a pique seu rei o havia feito almirante. E assim se afundou a nau e se afogaram todos quantos iam nele, que foram quinhentas pessoas. Dom Rodrigo de Mendoza, general de Callao, foi fugindo com a capitânia e uma fragata, e meteu-se no porto de Callao. Toda a Cidade dos Reis se alvoroçou, como se já o inimigo nela entrara e a fora saqueando. Toda a gente acudiu prontamente a Callao a defender a entrada ao inimigo, que em dia da Madalena surgiu no porto com seus cinco navios, diante de Callao. E todos estávamos postos na praia, com as armas nas mãos e que nenhum se mexesse do seu posto, sob pena de morte, esperando que o comedido contrário começasse a disparar a sua artilharia e nos despachasse para o outro mundo. Andou ele tão cortês, que disparou duas peças por alto. Uma bala deu na esquina de San Francisco, derrubando alguns adobes, e a outra passou pelo alto das casas. E, sem fazer mais dano, zarpou as âncoras, içou as velas e foi-se, dizendo que não ia matar nem roubar os vassallos de El-Rei, senão que ia fazer sua viagem para a Índia. E assim se foi, com o que em Lima se fizeram mais festas e alegrias do que se fizeram em Roma quando Pompeu, o Magno, triunfou nas três partidas do mundo e sobre os corsários do mar de Levante⁸².

Naves que estão no porto Capitânia e almirante estão sempre no porto de Callao. Saem somente quando têm notícia de que há navios de inimigos na costa e quando vão por prata a Arica e a levam ao Panamá, que em ir a Arica e descer ao Panamá passam sete ou oito meses. Sempre há no porto de Callao mais de quarenta navios e fragatas, que andam tratando por toda a costa do Peru, Chile, Terra Firme, Nicarágua e México. Apenas as naus capitânia e almirante têm artilharia de bronze, de que há muita no Peru. Fabrica-se artilharia em Lima, de que era mestre Juan Bernardino de Texeda, que a fazia junto de San Agustín. Tem Callao uma galera que não serve senão de cárcere para malfeitores e para negros, e de onde os levam a trabalhar nas obras de El-Rei. Seguindo a costa, chega-se ao rio de Lima, que está a meia légua de Callao e entra no mar; e depois entra o rio de Carabayllo, dando a costa volta aqui, junto de um outeiro. E há aqui uma pequena enseada, que se chama Llancón, onde os pescadores pescam e têm seus barcos. Está a cinco léguas de Lima. Já tratei desta enseada quando se vem de Chancay e se desce a serra de La Arena e se entra pelos campos de Carabayllo.

⁸² Batalha naval travada ao largo da vila de Cañete (a sul de Lima) entre a Armada del Mar del Sur e uma frota comandada pelo holandês Joris van Spilbergen, em 1615. Procurando antecipar-se às notícias que davam conta da aproximação a Lima de navios com a intenção de atacar a cidade, o Marquês de Montes Claros, vice-rei do Peru, deu ordem às suas embarcações para que saíssem do porto de Callao em direcção a sul para aí enfrentar o inimigo. A batalha saldar-se-ia por uma derrota da frota peruana. Após a batalha, acreditando nas debilidades do porto do Callao, o comandante holandês fundeu junto ao mesmo e bombardeou a cidade. No entanto, um contra-ataque a partir de terra do exército peruano acabaria por forçar a armada de Joris van Spilbergen a seguir em direcção a Norte.

Dito de Lima e seu porto de Callao tudo o que se pode dizer em geral, direi em particular algumas coisas das gentes dela. A propriedade desta gente de Lima e do Reino do Peru é prezarem-se muito de não darem o braço a torcer a ninguém, mesmo que seja mais rico e poderoso do que eles. São soberbos, jactantes, prezam-se de descender da grande nobreza e de serem fidalgos de solar conhecido. É tanta a sua loucura, que quem em Espanha foi pobre oficial, passando do pólo Ártico ao Antártico, logo lhe crescem os pensamentos, e cuida que merece, pela sua linhagem, juntar-se com os melhores da terra. E, por esta razão e loucura que em si concebem, dão muitos em perdidos, sem querer sujeitar-se ao trabalho. Outros, que lhes diz melhor a sorte, vêm a alcançar casamentos com que se fazem ricos. E, vendo-se com bens de fortuna, crescem-lhes maiores pensamentos, e tomam-se títulos de cavaleiros. Que eu bem conheci alguns que estavam nesta opinião, e, por émulos e inimigos que tiveram e pelas ocasiões que deram, caíram de seus estados, descobrindo-se serem gente humilde e de pouco valor. E a causa destas coisas é não se quererem conhecer, e, assim, não faltam outros, invejosos de seus bens e honras, que os façam cair pela menor ocasião que lhes dão. E há também pobres soberbos que, se morder não podem, ladram, e sempre andam com a cabeça baixa procurando onde possam fazer presa, nem se querem sujeitar nem há como tratar de razão com eles. A esta gente chamam «soldados», não porque o sejam, mas porque são bem andantes de uns lugares para outros, sempre com os naipes nas mãos, por não perderem ocasião de jogar com quantos topam. E, se acaso topam com algum noviço ou *chapatón*⁸³ que não seja hábil e bem disciplinado em sua malícia, ou que não a perceba, com naipes falsos dão-lhe mates e tiram-lhe o dinheiro e a fazenda, e talvez o deixam a pé, porque até as cavalgadas lhes ganham. São grandíssimos trapaceiros, cujo cuidado não é outro senão entender na arte de enganar. Anda muita desta gente pelo Peru. São quase todos inimigos da gente rica, e não desejam senão novidades, alterações e alvo-rosos no reino, por roubarem e meterem os cotovelos nos bens de que não podem alcançar nenhuma parte senão com guerra e desavenças. É gente que não quer servir. Todos andam bem vestidos, porque nunca lhes falta uma negra ou uma índia ou ainda algumas espanholas (e não das mais pobres) que os vistam e lhes dêem sustento, por que de noite as acompanhem e de dia lhes sirvam de bravos. Aos velhos a quem já, pela idade, faltam as forças e o brio, acomodam-se a servir de escudeiros, e vão com as senhoras à missa e acompanham-nas quando saem a fazer suas visitas. Tem o Peru mais gente vagabunda do que laboriosos e do que trabalhos para eles, pois poucos são os senhores que querem criados em suas casas, pelo que cada dia experimentam em cabeça alheia. E assim

Propriedade das
gentes do Peru

⁸³ Termo despectivo aplicado aos espanhóis peninsulares.

Soldados

todos se servem de negros, e os espanhóis rodam e procuram vida como melhor puderem. Há outra sorte de gentes, de menor quantia e que não podem usar tão bem nem com tanta liberdade a arte da adulação, nem têm caudal para andarem⁸⁴ vagabundos de umas terras a outras; e, porque também se inclinam mais ao trabalho e ao exercício das armas e a comer à conta de El-Rei, fazem-se soldados, porque todos os anos se recruta em Lima gente para ir ao Reino do Chile⁸⁵. Levam-nos sob as suas bandeiras a pelejar contra os araucanos. Dão-lhes, em Lima, duzentos pesos, com que se vestem. Com isto, limpam a terra e enviam gente contra os indomáveis araucanos. Poucos destes soldados tornam ao Peru.

Se os homens são soberbos, são as mulheres presunçosas, pois que, com serem formosas e se prezarem de discretas, têm-se por mais nobres que Cleópatra, rainha do Egipto. E em serem lascivas e gastadoras parecem-se-lhe bem, porque todas querem vestir bem e comer melhor, e querem todas ser iguais. Há mui grande desproporção e desigualdade entre umas e outras, todavia onde falta o seu caudal supremo nos seus galãs, que nunca elas se acomodam com pobres, para quem não faltam negras e índias. E, visto que nunca lhes escasseiam galas nem regalos, são grandes campeadoras e amigas de passear. Se querem seus maridos saber de suas vidas e lhes pedem contas, logo metem tudo a vozes; e, se as apertam com rigor, procuram invenções com que apartar-se deles e exigem o divórcio e apartam-se dos seus maridos. Em meu tempo chegaram ao arcebispo e seu provisor mais de vinte pleitos de mulheres, que pediam que as apartassem de seus maridos, por não fazerem vida com eles. E entrava nesta conta uma cujo marido possuía mais de quinhentos mil pesos. Em querendo correr pelo caminho de seus apetites e desonestos passatempos, não fazem reparo nem consideram mais do que seguir seu gosto, sem considerar o que adiante lhes possa suceder. E quantas seguem este caminho vêm a ter mau fim, segundo manifesta a experiência cada dia.

É grande a variedade desta gente. São de pouco engenho, pouco amigos de trabalhar, fracos com o vício e amigos de festas, que sempre abundam. E em todas as festas e alegrias se encontram as senhoras damas, tendo-se por mais apoucada a que menos sabe falar e ostenta piores galas. E assim ensaiam como hão-de falar, por ganhar nomeada, e dão ordem de como se hão-de pôr em efeito seus tratos. Pela cupidez e pelos vícios, e porque poucos são os que se conhecem, perdem o temor a Deus e a vergonha às gentes. Não há embuste ou enredo que não façam, nem o pai perdoa ao filho nem a mulher ao marido, nem o irmão à irmã,

⁸⁴ «Andaren» no original, possível lusitanismo.

⁸⁵ Findo já o período das grandes conquistas no vice-reino do Peru, a guerra de Arauco, que opôs as forças militares da capitania do Chile aos índios mapuches até ao século XIX, significou oportunidades para homens como os que o autor está a referir.

que, como os índios, em estando ébrios, se acomodam com todas as mulheres, sem reserva nenhuma, assim o espanhol não repara em nada quando acha ocasião. Conheci eu um pai que acusou seu filho, dizendo que dormira com a madrasta, para o fazer degolar e herdar cem mil pesos que tinha de herança de sua mãe, primeira mulher de seu legítimo pai. E conheci uma mulher, das mais principais do reino, que, a fim de deserdar seus filhos legítimos, sendo casada pela segunda vez com um fidalgo dos mais nobres de Lima, pedindo os filhos sua herança perante a justiça e sendo-lhes adjudicada e mandada entregar por sentença definitiva, saiu a boa e legítima mãe, declarando que tivera aqueles filhos de adultério, sendo casada com o primeiro marido. Tudo isto fez para engolirem ela e o segundo marido uns cento e cinquenta mil pesos que os filhos tinham de legítima herança de seu pai. Conheci mulheres com dois maridos, que elas sabem urdir tais teias, que se descasam e tomam outros maridos mais a seu gosto, e logo acham notários tão desembaraçados de consciência que ordenam os pleitos pelos quais os matrimónios se dão por nulos, conforme bem se tem visto em Lima. E, ao cabo de algum tempo, esclareceram-se as falsidades, porque entraram outros notários em lugar dos que as engendraram, e os primeiros maridos alegaram de sua justiça, de jeito que foi revelada a aleivosia. Conheci uma mulher que se conluiou com seus galãs para conceberem algum ardil e acusarem o marido, dizendo que ele consentia que ela fosse má e tratasse com quem lhe pagasse; e, enfim, fê-lo açoitá-lo, encapuzar⁸⁶ e desterrar de Lima, ficando livre para os vícios a mulher má. Conheci pais que dormiram com suas filhas legítimas, irmão que dormiu com a sua irmã, e homem que dormiu com mãe e filha; e escrivães conheci e vi açoitá-lo, e pô-los nas galeras por falsários. Ouvei e vi e experimentei coisas neste reino que dos antigos cananeus e amorreus não se dizem maiores vícios e maldades. Pois os que governam, assim o secular como o eclesiástico, são mais ladrões que o ladrão (caco)⁸⁷ e mais artificiosos para juntar dinheiros que o governador Floro, o qual deu motivo a que se levantassem os judeus contra os romanos, no começo da destruição de Jerusalém. Conheci um frade mercedário que cortou a cara ao seu comendador-maior, e conheci outro dominicano que cortou com uma navalha as duas queixadas ao seu vigário-geral, e alvorçaram-se estas ordens, que o diabo os tinha a todos revoltos. Quantos milagres fingidos se fazem. Que eu vi um soldado que veio do Chile, fingindo-se coxo de ambas as pernas; foi ter a um novenário e a velar numa capela deserta (devoção que está no mosteiro dos dominicanos), e, ao cabo de nove dias, fingiu que por virtude daquele santo se havia

⁸⁶ No original, «encorozar». Ou seja, foi colocado o chapéu em bico que os indivíduos castigados eram obrigados a utilizar, como forma de humilhação pública.

⁸⁷ Termo utilizado para designar um ladrão, numa alusão à personagem da mitologia romana com o mesmo nome conhecida por roubar.

curado, e levantou-se saltando e correndo como quem não tivera mal nenhum. E por aquele milagre fizeram procissão, vindo, ao fim, a saber-se ser aquele soldado um grande embusteiro. Vi encapuzar, açoitar e sair em auto público da Inquisição uma feiticeira que enredou com seus embustes as senhoras mais principais de Lima, e vi queimar sodomitas e um capitão dos que tinham maior reputação.

Pois os negros e os índios são mais bárbaros do que eram antes que conhecessem os espanhóis, porque então não tinham quem os encaminhasse e agora são supersticiosos e feiticeiros, e adoram o diabo, a que os índios chamam *supai*. Eu vi na praça de Lima fazer um auto da Inquisição de índios. Os inquisidores não tratam com os índios, pois assim têm ordem de El-Rei e do Papa, só as justiças seculares tratam com eles. Neste auto havia muitos ídolos dos que noutro tempo os índios adoravam. E queimaram os ídolos numa grande pira, e açoitaram e tosquiaram os índios, que aquilo que tomam por maior afronta é cortarem-lhes o cabelo. Os negros, se dão em velhacos e em envilecer-se, não pode o diabo com eles. Assim como digo estas coisas em geral, pudera dizê-las em particular. E digo-as para que se entendam e conheçam os tratos desonestos e ilícitos destas gentes, como não há maldade que não intentem e ponham em efeito, e o pouco temor que têm a Deus. E todo o reino e gentes que ao Senhor não temem não podem deixar de ter mau fim, pois que todas as coisas deste mundo chegam aos seus fins limitados.

Em Lima e por todo o Peru vivem e andam gentes de todos os melhores lugares, cidades e vilas de Espanha, havendo gentes da nação portuguesa, galegos, asturianos, biscaios, navarros, aragoneses, valencianos de Múrcia, franceses, italianos, alemães, flamengos, gregos, ragusanos⁸⁸, corsos, genoveses, maiorquinos, canários, ingleses, mouriscos, gentes da Índia e da China, e outras muitas mesclas e misturas. E, assim como são diferentes em nações, são-no também em condições e vontades. Particularmente, são inimigos os estremenhos dos biscaios, porque os estremenhos ganharam o Peru e os biscaios são nele agora a gente mais rica e a que alcança melhores cargos de El-Rei. E, não podendo os estremenhos sofrê-lo, são grandes inimigos. São os pobres muito inimigos dos ricos, propriedade antiga do mundo.

Como os *criollos* são pouco afeitos ao trabalho, perdem o sentido perante a fidalguia. E assim se dão muitos ao estudo e se fazem frades e clérigos, e as *criollas* fazem-se monjas muitas delas, pois no convento têm a comida e o vestuário seguros. Não se querem aventurar nem pôr-se em perigo por mar nem terra para ganhar a vida. Se a comunicação das gentes que vão de Espanha não tivessem aos *criollos* ficariam de outra natureza e condição bárbara.

Criollos são os filhos dos espanhóis que nascem no Peru

⁸⁸ Oriundos da república de Ragusa, actual cidade de Dubrovnik, na Croácia.

Tem Lima, em todos os quatro cantões ou esquinas que se fazem nas quatro quadras de todas as ruas, *pulperías*, que são casas de coisas de comer e tabernas onde se vendem vinhos. E todas são ricas, porque tiram grande proveito de tudo o que vendem. Tem Lima fornos onde se lava vidro e outros onde se fabrica muita loiça de barro, bilhas, vasilhas e toda a sorte de loiça, de que se servem os pobres. E nenhum há, por mais pobre que seja, que não tenha alguma peça de prata e algum negro ou negra a seu serviço. No *cercado* dos índios de Lima, todos os meses trabalham os índios que estão assinalados por cédulas dos vice-reis. E repartem-nos pelos senhores que têm *chácaras*, para que trabalhem nelas, pagando-lhes três reais cada dia. No Verão, servem índios yungas, dos planaltos, e, no Inverno, serranos da serra. Estes índios não podem faltar, tendo os *corregidores* do seu território obrigação de os enviar, e os *alcaldes* dos índios, de os trazer⁸⁹.

Muito grande é o trato de Lima, assim por mar como por terra, porque de todo o reino lhe trazem frutas e mercadorias que se colhem e se aproveitam nele. E de Lima saem mercadorias por terra e por mar para todo o reino. De Lima vão mercadorias ao Novo Reino de Granada, a Tucumán e ao Reino do Chile, e levam por conta de El-Rei, todos os anos, cem mil pesos de mercadorias e coisas pertencentes ao serviço dos soldados e gente de guerra do Chile. De Callao saem navios carregados de vinho para toda a costa da Guatemala e Nicarágua. De todo o Reino do Peru acodem os mercadores a negociar a Lima, desde o mês de Dezembro até ao de Abril, e, despacham as mercadorias para suas casas e outros barras de prata para Espanha, tornam às suas terras.

Lima e as planícies do Peru são mui sujeitos a tremores de terra. Eu vi, no ano de seiscentos e nove, sábado, pelas sete da tarde, a dezanove de Outubro, um tremor que derrubou, em breve espaço de tempo, mais de quinhentas casas, e não deixou nenhuma que não abrisse como uma romã. Só o estrago que fez na Igreja Maior foi estimado em duzentos mil pesos. E encontrei-me, no ano de seiscentos e cinco, em vinte e seis de Novembro, numa vila que se chama Ica, a cinquenta léguas de Lima, onde foi a terra abalada por um tremor que durou um quarto de hora e derrubou muitas casas. Em Arica, porto de Potosí, tremeu o mar e deu um tal solavanco, que alcançou a terra, alagou toda a vila e derrubou as casas, deixando-as arrasadas de areia. As gentes salvaram-se acorrendo a um monte que está perto da vila. Foram alagados todos os armazéns de El-Rei e adegas de vinho, e houve grande estrago por toda a costa.

Tremor

Outro tremor
 Todo este
 tremor foi a
 um tempo

⁸⁹ Trabalhar para a Coroa e para *espanhóis* a troco de um pagamento reduzido era uma das obrigações que, para além do tributo, os *índios* tinham, devido ao seu estatuto no mundo hispânico. Este trabalho era organizado num sistema rotativo por turnos chamado *mita*. Com o retrocesso das *encomiendas*, a distribuição da força de trabalho indígena passa a estar a cargo do *corregidor*. Ver também notas 15 e 38.

Quando em Lima se sentem os tremores, saem as gentes, correndo, para as praças, para o meio das ruas e para os pátios e currais. As montanhas não são tão sujeitas a tremores.

Assim como no Peru e em Lima há gente ruim, há boas pessoas e distintas, tementes a Deus, amigas de fazer bem, muito dadas à virtude e honradas. Digo também que, em quinze anos que estive e residi em Lima, faliram e faltaram a seus créditos mais de sessenta comerciantes. O que faliu por menos foi por mais de cem mil pesos, e houve mercadores que faliram por mais de duzentos mil. E a causa de assim falirem tantos, foi haverem comprado muitas mercadorias fiadas, e, não podendo logo vender tantas, fiaram-nas a outros mercadores, que lhes faltaram com os pagamentos. Faziam também muitos gastos supérfluos e metiam maus moços em suas casas. Por estas causas faliram. Assim que todas as coisas das Índias são variáveis, não havendo coisa firme nem estável nelas, somente Deus é firme e firmes Suas coisas, e a Sua palavra Verdade. Encaminhe-nos Ele em todo o bem e aparte-nos de todo o mal, e nos encaminhe pelo caminho do Santo Serviço, Ámen.

Erva-do-diabo Encontra-se no Peru uns grãos semelhantes a sementes de cebolas, são maiores, chamam-se erva-do-diabo, e que se cozem com água ou vinho. Se se quer burlar alguém ou roubá-lo, dá-se-lhe a beber esta água ou deita-se-lhe no vinho, e, em a bebendo, adormece a pessoa por vinte e quatro horas; e, se estava rindo ou chorando ou de outra maneira, assim fica chorando ou rindo, e, do jeito que estava, assim fica. E com esta invenção roubaram a fazenda de alguns e a outros fizeram excessos e demasias com a bebida desta erva-do-diabo.

Pinhões Há uns pinhões tão grandes como amêndoas. Com estes pinhões purgam-se algumas pessoas quando estão doentes, e é purga muito, muito forte, e outras mandam-nos cristalizar e dão-nos a comer àqueles que querem burlar, e fá-los andar do corpo mais do que o passo.

Resina Há uma resina a que chamam *quinoa quina*, muito olorosa e medicinal para curar feridas e outros males, que tem umas pepitas tão grandes como as das cabaças, as quais, postas ao lume, dão bom cheiro, e são mui sãs para tirar a dor de cabeça.

Óleo Na vila de Cañete faz-se um óleo a que chamam de mexia. É o melhor óleo para curar feridas que se pode achar no mundo. Aquece-se este óleo ao lume, e, se se põe na ferida quando está aberta, com sangue quente, cura-a, por mais penetrante que seja. E confeccionam também os boticários em Lima este óleo contrafeito, de cor verde.

Aloé Encontra-se no Peru aloé em abundância.

Semente Há uma semente, semelhante ao arroz e que se guisa do mesmo jeito, chamada *quinua*. Diz-se que as minas do monte de Potosí se descobriram desta forma: uns homens acenderam fogo com a planta desta *quinua* para se aquecerem, e, com o calor, começou a derreter a prata. E assim foi descoberta a mais rica mina de prata que o mundo teve até este dia, se

Minas

não faltassem índios e mercúrio no Peru. Minas de prata há muitas que não se trabalham, por falta de gente e mercúrio.

Também há no Peru muitas *guacas*, que serviam aos índios para os seus enterros e fortalezas. Nestas *guacas* estão enterrados e escondidos muitos tesouros que ali metiam com os índios quando os enterravam, e que ocultaram quando os espanhóis entraram no Peru. E sempre são procurados, e se vão descobrindo alguns, porque as riquezas dos índios e aquelas covas cheias de peças de ouro e prata que davam Atahualpa e Huascar aos espanhóis pela sua liberdade, tudo está sepultado sem nunca, nunca, haver sido descoberto.

Guacas

Também gastaram muitos homens suas fazendas nos contornos de Lima, procurando os baús de Francisco Fernández⁹⁰, tirano que se quis levantar com o Peru, e, quando se viu com poucas forças, escondeu estes baús cheios de pedras preciosas e grandes riquezas, que, por mais que se procurem, não se podem achar. Muitas grandezas tem o Peru mais do que as que eu conto, as quais quem nele está vai experimentando e descobrindo a cada dia.

Baús

Trata-se do caminho principal que sai de Lima para as montanhas, até chegar à cidade de Cusco, com todos os lugares e coisas que há no caminho

Saindo de Lima pelo Caminho Real da Serra, sempre se vai andando para oriente. Quatro léguas adiante, encontra-se o vale da Seneguilla, e vai-se a Chontayo, que é um lugar de índios a nove léguas do mar. E, desde o mar até este lugar, tudo é o vale da Seneguilla, onde há muitos hortos, estancias de gado e *chácaras*, onde sempre se colhe, por Março e Abril, muito milho, trigo, pepinos da terra, melões e outras frutas. E deste vale se leva a Lima muita lenha para queimar. Em Chontayo vive um rico cacique e há lindos hortos e vergéis. São mais sazonados os frutos deste vale do que os de Lima, porque é vale mui temperado. De seguida atravessa-se o rio e vai-se a um lugar de índios a dez léguas de Lima, que se chama Sisicayo, *corregimiento* que abrange muitos lugares de índios que se encontram por estes vales e sopés da serra. Daqui segue-se pela margem do rio, água acima, e talvez se passa o rio. Há por este caminho bosques e árvores de fruta, e percorrem-se bons e maus troços, até à subida da costa de Chorrillo, que são duas léguas de ruim caminho. Chama-se Chorrillo a este lugar de índios que se situa a treze léguas de Lima, porque, desde o alto da montanha até este lugar, desce um ribeiro

Sisicayo

Chorrillo

⁹⁰ Nas guerras civis iniciadas após a tentativa de aplicação das *Leyes Nuevas* no Peru, em 1544, Francisco Hernández Giron, apesar de inicialmente ter apoiado o vice-rei, acabou por se posicionar do lado dos *encomenderos* e conquistadores que se opunham às mesmas. Foi executado em 1554, após ter sido capturado na sequência da batalha de Pucara.

através de um canal aberto ao longo de um penhasco, de mais de um quarto de légua. Em Chorrillo chove e troveja fortemente.

Guadachería

Daqui vai-se a Guadachería, lugar de índios a dezoito léguas de Lima, rico e muita lavoura. Daqui vêem-se pelos vales e montanhas muitos lugares de índios chapiungas. Chamam a esta terra entre frio e quente, porque a alcançam poucos frios da serra e não as fustiga o calor das planícies. É terra temperada, onde chove e se colhem por aqui batatas, trigo, milho e outras coisas. Descendo encostas e subindo montanhas, chega-se a uma *tambillo* que se chama Lo Caliente, por estar ao pé da *puna*, cujo cume se chama Pariacaca. Daqui a Lima são vinte e duas léguas, sempre subindo, pela maior parte. Aqui enjoam os homens e sentem as mesmas revoluções que no mar provam os que de novo entram nele, deixando-os como bêbados, e a outros de melhor cabeça não lhes fazem mal. Aqui são as montanhas tão altas que parece que atingem o céu, todas cobertas de neve. Esta é a *puna* mais temida e rigorosa que tem o Peru, porque nela nunca faltam tempestades, e tem grandes morasas [sic], lagoas, rios, passagens más e despenhadeiros. Ao pé desta *puna*, separam-se dois caminhos. Um segue pelas escadinhas, que assim se chamam porque sobem uma encosta toda feita de degraus de pedra; e, se daqui caem as mulas, vão a dar a uma lagoa de água mui profunda. Dirige-se este caminho a Atum Xauxa, lugar de índios do vale de Xauxa. Passa por este lugar o rio Maranhão, que se transpõe por uma forte ponte de pedra. O outro caminho chama-se o atalho, e transpõe um grande rio. Aqui onde é atravessado, este rio entra todo por uma grande boca e avança mais de uma légua por debaixo de terra, e, voltando a sair, tornam a transpô-lo por uma ponte feita de natureza. Chega-se a uns penhascos que se chamam Pachacaca, onde de novo se some o rio pela boca de um penhasco e segue sob terra e penhas, fazendo grande ruído. Nestes penhascos faz-se uma grande concavidade, onde dormem as gentes e se ouve o grande estrondo do rio, que aturde os que ali dormem. Bem podem dormir doze homens sob esta penha, cada um em sua enxerga, e acende-se fogo, pois que todos levam lenha e carvão, e muito de comer e melhor de beber, já que nesta montanha não se acha nem lenha nem que comer. Quando passa muita gente, os criados e gente de serviço e as cavalgadas dormem sobre a neve.

Altas montanhas de Pariacaca

Do lado esquerdo

Do lado direito

Pachacaca

Vicunhas
Pedra bezoar

Nestas montanhas, e por todas as que tem o Peru, há grande quantidade de vicunhas⁹¹, que é o animal em que se cria a pedra bezoar fina. Este animal, quando pasta no campo, come uma erva peçonhenta, e,

⁹¹ Espécie da família dos camelos da região dos Andes. Distingue-se dos restantes pela sua menor estatura e por algumas pequenas especificidades ao nível da dentição e dos cascos. A grande qualidade da sua lã explica a grande procura pela mesma, já existente na época pré-colombiana. A caça intensiva destes animais pelo elevado valor comercial da sua lã colocou-os em vias de extinção.

assim que se sente tocado daquela peçonha, como conhece a contra-erva, procura-a e traga-a, e logo fica são. Desta contra-erva forma-se a pedra bezoar⁹², que se vai criando nas entranhas deste animal e crescendo, até que o matam, e, conforme o tempo que vive, assim crescem as pedras, de que há no Peru grande abundância, valendo bons dinheiros. A lã destas vicunhas é escabelada, mui amorosa e fina. É como a lã do castor, e dela se fazem chapéus e outras coisas. A carne come-se e é melhor que carne de carneiro. Seca-se ao sol e ao vento, e faz-se dela *charques* sem sal (que são como *cecina*) e um guisado a que chamam *locro*, em que se deita pimentos, batatas e milho, e que é mui são e saboroso. Não há animal mais lindo nem mais ágil: são do tamanho de cabras, andam pelos campos sem dono, e quem puder apresa-os, sem que ninguém os defenda. Quando os índios querem festejar⁹³ seus *corregidores* e alguns senhores principais, fazem um modo de caça a que chamam *chaco*. Juntam-se muitos índios e cercam quatro ou seis léguas, por planícies e montes; e logo se vão aproximando, em torno destas vicunhas e outros animais no meio, até que as cercam e as apanham com as mãos e com varas, conforme querem, porque são tantos os índios que as não deixam fugir. É esta uma caça de grande entretenimento e gosto.

Lã

Caça

Nestas montanhas andam muitos guanacos, que são os carneiros do Peru e nem estes nem as vicunhas se criam nas planícies. São estes carneiros muito maiores que os nossos, mais altos e mais largos; têm o pescoço mui comprido e a cabeça bem feita; a sua lã é branca ou pardo-escura. Este é o melhor gado e o mais proveitoso que se conhece no mundo, porque trabalha e carrega de peso até sete arrobas e põem-lhes o seu aparelho como a outras bestas de carga, e levam quatrocentos, quinhentos ou mais por manada. Carregam-nos de vinho nas planícies, transportando, cada um, duas bilhas cheias de vinho, que pesam sete arrobas. Levam-nas dentro de umas cangalhas feitas de *ichó*, que é uma erva rija como esparto, de que estão as montanhas cheias, que se carregam de trigo, milho, farinha e tudo o que se quiser. O mais que caminham, quando vão carregados, são duas a três léguas ao dia. Caminham por qualquer caminho, por ruim e áspero que seja, e passam os rios, por grandes que sejam, com suas cargas, não sendo outro o seu sustento senão o que comem no campo. E, se se cansam no caminho, não se pode senão deixá-los descansar, pois que, ainda que os matem à paulada, não se querem levantar até se sentirem descansados, e aquele que dá em fugir

Guanacos

Ichó

⁹² Consiste num cálculo que se forma no intestino de vários animais, principalmente ruminantes. Apesar de o autor mencionar as ervas ingeridas como sendo a origem destas formações, a verdade é que o aparecimento destas «pedras» pode dever-se a outras substâncias. Era crença generalizada que estas tinham poderes curativos, o que as tornava bastante valiosas.

⁹³ «Festejar» no original, possível lusitanismo.

Tapeçaria

corre mais que um cavalo. Das suas lãs fazem-se ricas cobertas, lindos *cumbes* (que são panos de armar), tecidos de delicadíssimas cores e de muito valor; e também fazem destas lãs vestidos para os índios. E neles se encontram pedras bezoares. A sua carne come-se, e é um tanto doce. A sua pele aproveita-se, de jeito que com eles não se faz despesa: o que custa um, que são de seis pesos até doze, ao cabo, com sua carne e pele, paga o que custa. Há senhores que têm seis mil carneiros, e alguns carregam-nos todos de coca nos Andes e levam-na a Potosí. E há carneiros destes que, com oito arrobas, caminham por terra plana dez léguas num dia. Também por estas montanhas há muitos veados, vizcachas, que são como lebres, e andam muitas vacas e carneiros, porque há grandes pastos onde comem. A neve está nas *punas* altas, que nas planícies e vales logo se derrete.

Tambo é
hospedaria

Serviço pessoal

Desde Pachacaca, caminha-se por estas montanhas despovoadas e chega-se a uma *estancia* de gados que se chama Veláustegui, e aqui se dorme uma noite. E, através de vales e por um rio abaixo, vai-se ao famoso vale de Xauxa. E, passando o caudaloso (rio) Maranhão a vau, em balsas ou pela ponte de Atum Xauxa, alcança-se Guancayo, lugar de índios. É este vale de Xauxa mui celebrado pelo mundo, e dele se contam algumas fábulas. Há, em todo o distrito deste vale, catorze lugares de índios. É um grande *corregimiento*. Tem mosteiros de frades franciscanos e dominicanos, que doutrinam os índios. É um vale rico e abundante em trigo e milho; tem o melhor toucinho do reino, muitas galinhas, ovos e muitos pêssegos. Tudo se leva a Lima, que são quarenta léguas. Têm aqui os índios um grande *tambo* para os passageiros. Na montanha de Pariacaca não os há, porque se não pode habitar nela. Desde este lugar de Guancayo, por todo a Estrada⁹⁴ Real, há *tambos* a cada cinco a seis léguas, a que chamam *tambos* reais, porque todas são de El-Rei. Em todas os *tambos* há *mita* de índios, que ali estão depositados para serviço pessoal dos passageiros que caminham de umas terras a outras. E, em entrando o passageiro no *tambo*, acode um *alcalde* de índios, que ali assiste, e lhe dá um índio para que o sirva. Tem este índio encargo de trazer ao caminhante água, lenha, pimentos, sal e *ichó*, sobre o qual faça a sua cama, e tudo isto sem dinheiro, e serve-o e guarda a sua roupa. Outros índios vão buscar galinhas e tudo o que se lhes pede, levam também as mulas ao pasto, trazendo-as pela manhã. Se lhes querem dar alguma coisa, dão-lha, e, se não, seguem o seu caminho. Há este serviço de índios por todos os *tambos*, e, em alguns lugares, só há índias, porque os índios andam ocupados noutras coisas. A pena que recai sobre um espanhol que leva a honra de uma índia são quatro pesos de nove reais, por lei de Dom Francisco de Toledo, vice-rei que foi do Peru.

⁹⁴ «Estrada» no original, possível lusitanismo.

Os índios são a gente mais cobarde e medrosa que tem o mundo. Tremem com a voz de um espanhol, e basta um homem branco para fazer fugir cem. Por bem, não querem fazer coisa que se lhes peça, mas, por mal e à paulada, fazem tudo quanto lhes mandam. São grandes feiticeiros e bebedores, e, em estando bêbados, deitam-se com suas mães, irmãs e filhas, e negociam com todas, e tais são elas como eles. As mulheres índias, em acabando de parir, vão logo lavar-se em água fria, a si e aos meninos que parem. Este é o seu costume. É gente mui miserável, fraca, pequena de corpo e feia. Os índios deste vale de Xauxa são de melhor parecer. Embebedam-se muito. Quando caminham, muitos levam as cavalgaduras pela rédea e vão a pé, com a bagagem às costas. Têm grande respeito ao diabo, a que chamam *supai*: dizem que bem sabem que é mal, mas que lhe têm reverência por que lhes não faça mal.

Os índios do Peru não têm barba

Propriedade dos índios

Está este vale de Xauxa entre duas altas montanhas. Saindo deste vale, vai-se ao *tambo* de Acos. E, desde ali, seguindo umas encostas que estão à beira do rio Maranhão, chega-se a Casma, onde há muito lindos hortos. E, caminhando junto ao rio e por alguns maus passos, torna-se a passar o rio por uma ponte de pedra. Aqui se aparta do caminho real outro caminho que vai para a vila de Huancavelica, onde há umas ricas minas de mercúrio, que daqui se leva para todas as minas de prata que tem o Peru. Situa-se a boca por onde entram na mina a tirar o mercúrio a meia légua da vila. Aqui carregam o mercúrio em carneiros e conduzem-nos ao porto de mar de Chíncha, onde o embarcam para Arica e de onde o levam a Potosí e outras minas. Esta vila é chamada de Oropesa de Huancavelica, encontra-se a sessenta léguas de Lima e tem duas mil casas de espanhóis e três mil de índios. Há nela muitos índios que trabalham nas minas, e nunca faltam mercadores e outras gentes, que vêm comerciar na vila, porque é rica e tem mui grande trato de mercadores, que gastam e vendem cada ano muitas mercadorias. Tem mosteiros de frades e sua igreja maior, bem como outras paróquias de índios. Sempre assiste aqui, por *corregidor*, um grande cavaleiro, e há tesoureiro e contador de El-Rei. Criam-se pelos seus campos e altas montanhas, de que está cercada, muitas vacas e ovelhas, de que fazem boníssima manteiga e muitos queijos, e das suas carnes fazem boas *cecinas*. Há muito açúcar, que se colhe nos profundíssimos declives por onde passa o rio Maranhão, onde nunca o frio chega. E há mui regaladas *estancias* por estes declives e muitas frutas. Nesta vila troveja, chove e neva fortemente, e é terra mui sã.

Huancavelica

Nesta vila, na outra banda de um rio que junto dela passa, cerca de um monte alto numa planície, nasce uma fonte de água quente a que chamam *puquio*, onde se vão banhar todos os que querem gozar do seu calor. A esta água deu Deus a propriedade de se transformar em pedra. Mas não se há-de entender que toda faça pedra, pois que da fonte sai um razoável fio de água, que se junta com a do rio. Aquela que se quer trans-

Água quente sua propriedade

formar em pedra faz-se entrar num vasto cercado ou cova, que está feita para este efeito; e, em pouco tempo, se faz uma penha de pedra muito dura. E daqui a cortam e lavram-na. Todas as casas da vila são feitas desta pedra, é de cor amarela e um pouco branda.

Castrovirreina A catorze léguas desta vila situa-se Chocolococha, ou, em nome espanhol, Castrovirreina. Há aqui ricas minas de fina prata, de toda a lei, custando a mais valiosa dois mil trezentos e oitenta maravedis de lei, e daqui para baixo, que nenhuma vale mais. Novecentas barras de prata desta mina, seladas e marcadas com os selos reais, valem, umas com outras, mil pesos de a oito reais, pelo menos. Afora estas mil barras, extrai-se muita prata, que se desfaz em vasilhas e para prateiros, que a furtam sem pagar os quintos de El-Rei, que são de cinco um. Mas os mineiros desta mina não pagam mais que dez um, porque são minas mais pobres e de muito trabalho. Acham-se as minas numa alta montanha, toda coberta de neve, a duas léguas da vila. Os metais são trazidos das minas, para serem depurados, aos moinhos de prata, que estão num pequeno rio que passa junto à vila, são trazidos por carneiros. São os melhores destes metais umas pedras de um azul mui escuro e de um branco pardacento. Queimam-nos em fornos que aquecem e acendem com *ichó* e excrementos de carneiro (que abunda por toda a montanha), porque a terra é mui falta de lenha. Depois de estarem queimados os metais, moem-nos com pedras como as de *ataoña* e andam com água do rio. Quando os metais estão feitos em pó, deitam-nos numas pias e aí os encorporam com água e mercúrio: o mercúrio atrai a si toda a prata, e o que sobra são lamas, que algumas pessoas arrendam para as tornarem a crivar e tirarem prata delas. Faz-se destas lamas aquilo a que se chama o metal negrito, para o que nunca se encontrou benefício, por mais que muitos o tenham procurado, pois que, se se pudera fazer, não têm número as riquezas que dele que tiraria. De seguida, com fogo tiram o mercúrio da prata, não tendo este mercúrio mais proveito. Fazem, depois, umas pinhas de prata, tão grandes algumas como um pão de açúcar. Para as fazerem em barras, metem-nas em crisóis de barro, e, depois de derretidas, deitam-nas em suas formas, a que chamam *callanas*; depois de feitas, mergulham-nas num poço de água fria. Depois as levam a dois oficiais de El-Rei, selam-nas, põem nelas o seu número, atribuem-lhes a lei que têm e pagam o quinto a El-Rei. Os números que põem nas barras vão de um até mil e até seis mil, e assentam-se desde o primeiro dia de cada ano até ao derradeiro, e, por esta conta, todos sabem as barras que se extraem de cada mina, todos os anos, e não pode furtar nem perder uma barra, porque logo se descobre em dizendo seu dono que lhe falta. E assim também os mercadores que as compram lhes põem suas marcas, e às barras tiram uma porção, que é direito do ensaiador que as ensaia.

É Castrovirreina uma vila que terá quinhentas casas de espanhóis e muitas mais de gente índia. Aqui tem El-Rei um governador, pessoa

de qualidade, que daqui saca um tesouro de riquezas. É vila de grandes tratos de mercadores, onde existem ricas lojas. Há muitos e regalados vinhos, que se trazem das planícies, e, posto que nelas haja maus vinhos, em sendo levados para a montanha fazem-se bons e regalados. Esta é a montanha mais fria de todo o Peru, e é terra mui sã e de gente mui robusta. Não se criam aqui vermes danosos, nem se sabe que coisa seja um piolho, nem uma pulga, nem um rato⁹⁵, nem uma aranha, nem um mosquito, nem uma nígua, nem uma cobra, nem nenhuma espécie de animal que dê enfado ou pena. As mulheres espanholas que aqui empre-nham vão parir a terras quentes, pois que o frio desta *puna* matou muitas, e, por muito que contra ele se precatem, não lhes aproveita, por ser o frio terribilíssimo. Os vinhos gelam, e, se aqui matam um boi e o dependuram à porta, podem comê-lo pouco a pouco, sem lhe deitarem sal nem outra coisa; e, posto que ali permaneça todo o ano, não se corrompe.

Sai desta vila um caminho para Ica, Pasco, Chíncha e Lima, e outro caminho, através da *puna*, para Guamanga, que está no caminho real. E, regressando a Huancavelica, segue-se por entre três lagoas de água doce, caminha-se por terra, entenda-se, ficando as lagoas de ambos os lados. São fundíssimas e alvoroça-as o vento, levantando as suas ondas tal como no mar. Mede cada uma mais de uma légua de comprido. Vai-se por um engenho de prata e passa-se junto de outra lagoa, cerca de umas montanhas altíssimas cobertas de neve, que são as mais tremidas em todo o mundo. Todas estas montanhas se ligam às de Pariacaca. Passa-se, de seguida, por uma morraça⁹⁶, que se chama cenaga [sic], onde se afundará quem não souber o caminho, pois que, como os carneiros são ligeiros andam por cima dela e têm caminho aberto, o que engana quem não sabe que nestes caminhos é muito importante levar por eles guia de índios. Chega-se a uns penhas a que chamam Las Vizcachas, e tantas são as que por ali andam, que os cobrem. Seguidamente, cruza-se uns prados e vales, onde andam pastando grandes manadas de carneiros de El-Rei, que trabalham no transporte do mercúrio. Nesta terra, convém que se viaje no Verão, pois no Inverno há muitos tremedais, morraças e rios que tudo é difícil de passar.

Tornando a Huancavelica, tem o seu caminho para Guamanga, entra na Estrada Real e prossegue por ele. Depois de se passar o rio Maranhão pela sua ponte de pedra, atravessa-se o rio de Huancavelica, sobe-se uma encosta, por mau caminho e muito grande, e alcança-se o *tambo* de Picois, desde onde se descobrem tantas e tão altas montanhas, que parece não haver saída por nenhuma parte. E pelas suas ladeiras, vêem-se alguns lugares de índios, e vê-se o rio Maranhão metido nos profundos vales, que parece um pequeno rio. Deste *tambo* vai-se a uns penhascos que se

⁹⁵ «Rato» no original, possível lusitanismo.

⁹⁶ «Morraça» no original, possível lusitanismo.

chamam Los Frades⁹⁷, porque há neles pedras tão altas e tão delgadas como um homem. Aqui vem dar o caminho de Huancavelica, seguindo até ao *tambo* de Parcos. Por todas estas encostas e ladeiras vêem-se muitos lugares de gente índia.

Daqui desce-se uma encosta de duas léguas e meia, desde onde se vê uma ilha que há em meio do rio Maranhão. Chama-se esta ilha Guamanga, e tem muitos lugares de índios e grandes minas de chumbo. Até chegar a esta ilha, corre o rio Maranhão para oriente, tornando aqui a dar volta para ocidente. Nas faldas desta encosta corre um rio que entra no Maranhão e passa sob uma ponte de corda, feita desta forma, tecem-se uns cabos muito grossos, com o comprimento apropriado, e, prendendo-os a um estribo de pedra, passam-se à outra margem do rio, sobre eles, deitam-se gravetos e, depois, uma esteira muito grossa e comprida (cabos e esteira são feitos de agave, que é a planta de que fazem a pita), de ambos os lados colocam-se outros cabos, enleados com gravetos. Apertam-se estas pontes com um cabrestante, e ficam estas pontes no ar, sem ter no meio sobre o que sustentar, pelo que sempre estão arqueadas para o rio, sendo mister descarregar as mulas e fazer passar as mercadorias em ombros de índios ou de negros. Quando há pouca água, atravessa-se o rio a vau. Daqui vai-se ao *tambo* de Azángaro, que fica do lado direito. O lugar de Ganta, com outros lugares de índios, fica do lado esquerdo e é *corregimiento*. Se os rios são passados a vau, vai-se por um vale chamado Vinagua, onde existem lindas *estancias*, muitos hortos, coutadas e muito gado, tudo de senhores de Guamanga e é um alegre vale. Segue-se para a cidade de Guamanga, cidade rica e de bom trato dos mercadores, terra mui temperada, onde se colhe muito trigo e milho e onde se acham todas as coisas que se criam no Peru. E por todas as montanhas e vales que os rios fazem andam cheios de gado, bois e ovelhas, e tudo barato. Tem a cidade *corregidor* e bispo, mosteiros de frades das quatro ordens que tem o Peru, mosteiros de monjas e teatinos, e muitas casas de cavaleiros. Situa-se a setenta e oito léguas da cidade de Lima.

Seguindo a Estrada Real, passa-se por alguns lugares de índios, pela *estancia* de Dona Teresa e por muitas *estancias* de vacas. E, subindo e descendo encostas e atravessando rios pequenos, alcança-se Vilcas, lugar de índios, terra que se diz ser a mais alta do Peru. Vêem-se aqui relíquias de grandes edifícios do tempo dos incas, em cujas paredes estão as pedras mais bem lavradas e assentadas nas paredes que se pode encontrar em todo o mundo. É este um *corregimiento* que tem muitos lugares em sua comarca. Segue-se daqui para o rio de Uramarca e desce-se uma grande encosta. É este rio um dos maiores que entram no Maranhão. No Verão, atravessa-se a vau, e, no Inverno, por uma ponte de corda. Junto a esse

⁹⁷ «Los Frades» no original, possível lusitanismo.

rio, há muitas plantações de cana-de-açúcar. Sobe-se, depois, ao *tambo* de Uramarca, e segue-se o caminho, passando por alguns lugares de índios e por muitas *estancias* de vacas. E, cruzando um pequeno lugar de índios, chega-se a Andaguailas La Grande, que é um vale famoso no Peru. Abrange a sua comarca muitos lugares de índios, e é terra onde se colhe em abundância trigo, milho e, junto aos rios, muito açúcar. É um *corregimiento* muito rico. Daqui, passando algumas *estancias*, chega-se ao *tambo* de Pingos, e, subindo uma grande encosta, a Guancarama, onde se fazem boas alpargatas para todo o Peru. Seguindo o caminho, sempre subindo e descendo encostas e quebradas, alcança-se o *tambo* de Cochacajas, que daqui descem-se duas léguas de uma áspera encosta e colhe-se por aqui trigo e milho. E depois vai-se ao rio de Abancay, e passa-se por uma boa ponte de pedra. Entra-se no vale de Abancay, onde há uma infinidade de plantações de cana-de-açúcar e outras muitas coisas, e chega-se ao *tambo* que está a vinte e quatro léguas da cidade de Cusco. Junto deste famoso vale, há uma montanha altíssima, coberta de neve, onde se diz que existem ricas minas de prata, que não se lavram. Por aqui caminha-se à vista de altos montes e vales profundos, e chega-se ao *tambo* e lugar de índios de Curaguasi. Desce-se, depois, ao soberbo rio de Apurima, que é o rio que com mais força corre no Peru.

Trata-se da laje e da ponte de Apurima, até chegar à cidade de Cusco

A laje e ponte de Apurima são dois dos passos mais perigosos de atravessar que tem todo este caminho. E pode pouca gente defendê-los de muita outra. O rio, que é mui caudaloso e corre com grande força, bate na laje. E erguem-se aqui umas penhas muito altas, talhadas e lisas como uma grande muralha. Sobre estas penhas, abriu-se caminho à força de ferro. Aqui levanta-se um monte de penhas tão alto, que tem, de altura, mais de quatro léguas, de jeito que por nenhuma parte se pode passar estas penhas. Romperam-nas por mais de quatrocentos passos de homem, descendo-se como por uma escada, e pode, em cada degrau, descansar uma cavalgadura, porque são muito largos e há, da parte do rio, uma parede que defende que não caia nenhuma pessoa ou besta ao rio, porque é uma passagem estreita.

Na outra banda do rio há montanhas e bosques muito altos. É terra onde não pode andar gente, pela sua aspereza e pelas muitas lajes e despenhadeiros que tem. Devido a estes maus passos, tinham os incas um caminho muito bom, e iam folgar e desenfadar-se a uma quebrada que há a quatro léguas desta laje e ponte, pela margem do rio abaixo. Nesta quebrada, toma-se por coisa certa que há muito ouro, em grossas pepitas, porque têm transposto o rio a nado, em alguns tempos do ano, homens que nadam bem, dali trazendo pepitas de (ouro) fino, tão grandes como

uma noz. Passa o rio tão ásperas terras e de tantas penhas que tem em ambas as margens, que homem nenhum se atreve a atravessá-lo, senão com grande risco. E por terra não se pode caminhar, tais são os maus passos.

A ponte é de muito artifício e engenho, de uma parte sustenta-se numas penhas, da outra num torreão de pedra e argamassa, e, de um pilar ao outro, toda está no ar, porque não se lhe pode fazer estribo de pedra nem de madeira sobre o rio, por ser muito fundo e ter uma muito forte corrente. Tem mais de cento e oitenta passos de comprido. Para fazerem esta ponte, tomaram uns madeiros de um forte pau e cada madeiro de duas alnas de comprido e um terço de grossura, bem talhados e cortados. Depois, atravessaram-nos com uns pregos muito compridos, grossos e fortes, e assim fazem um bom modo de cadeias. Colocaram, por baixo, três destes madeiros, sobre eles, sólidas tábuas, e mais duas de cada lado, ficando assim forte e segura por baixo e dos dois lados. Quando a passam, sempre treme. E, pelo perigo que se corre sobrecarregando-a muito, não deixam passar por ela mulas carregadas, nem passa mais do que uma de cada vez e assim vão passando uma a uma.

Andam por este caminho grandes récuas de mulas, muito fortes e valentes. Compõem cada récuá destas setenta ou oitenta mulas, havendo, por cada dez, um índio ou negro que as tem à sua guarda. Saem de Lima estas récuas carregadas de mercadorias para a cidade de Cusco. E todos os senhores de récuas são obrigados em Lima às pessoas que lhes fretam as mercadorias, que, nesta ponte e laje de Apurimac e em todas as pontes de corda e rios de enxurrada, passam os fardos em ombros de índios ou negros e assim descarregam nas partes em que têm obrigação, e, se se perderem nas partes referidas algum fardo, são obrigados a pagar. Muitas diligências se têm feito e tem-se juntado pedra e todos os materiais para fazer uma ponte de pedra sobre este rio, mas não se tem podido, posto que bons mestres o tenham procurado. E tem-se pretendido quebrar uma montanha para fazer passar por dentro dela o rio, mas não se pôde, por serem muito resistentes e fortes os penhascos. Têm esta ponte e laje um *alcalde* para que se ocupe em adereçá-los, e todas as mercadorias que por ali passam pagam cinquenta por cento para o seu adereço. Ali conheci eu por *alcalde* um flamengo. Por serem esta ponte e laje tão celebradas no Peru, conto tão em particular a sua traça.

Pelos flancos deste rio acima, acha-se a província e *corregimiento* dos alimaraes⁹⁸, lugares de índios, terra muito asperíssima de montanhas. E, na parte norte deste rio, que entra no Maranhão, situa-se Vilcabamba, onde há umas minas de prata pobres, das quais extraem, cada ano, quinhentas barras de prata. Por toda a sua comarca, existem muitos lugares de índios, e, por todas estas províncias, passam mercadores espanhóis,

Vilcabamba

⁹⁸ O autor refere-se ao antigo *corregimiento* de Aymaraes.

uns vendendo mercadorias e outros procurando suas aventuras. A poucos se deixa viver e assentar em lugares de índios, não o permitem os *corregidores* pelos maus tratos que fazem aos índios. A estes mercadores chamam *mercachifles*, e alguns trazem consigo quarenta mil pesos de roupa. Passada a ponte de Apurimac, indo em direcção a Cusco, passa-se por um *tambo*. No alto, fica Mollapata e outros lugares de índios. E vai-se a Limatambo, por aqui vêem-se grandes sinais de sumptuosos edifícios, do tempo em que reinavam os incas. Por estes vales existem terras boas. Fica este *tambo* a nove léguas de Cusco. Daqui vai-se a Sisigana, lugar de índios. Começa-se aqui a entrar em terreno liso, e existem bons campos, onde se colhe abundante trigo e outras coisas. De Lima a Cusco são cento e quarenta léguas, tudo altas montanhas, profundos vales, quebradas, despenhadeiros, encostas para baixo e encostas para cima. E todo o caminho é amplo e está limpo, porque se põe grande cuidado em aderecá-lo, por mor das muitas récuas que por ali caminham e outras gentes.

Limatambo

Sisigana

Trata-se da cidade de Cusco e de outras coisas

A cidade de Cusco foi cabeça de todo o Peru, assento e corte dos poderosos reis incas, que foram os reis mais temidos, respeitados e bem servidos por seus vassallos de quantos em todo o mundo há notícia, pois que faziam obras que parecem coisas impossíveis aos homens. Faziam subir a água por meio de acéquijs mui grandes para montanhas tão altas que só com grande trabalho podem homens subir por elas. Até hoje, vêem-se, por planícies e montanhas, as acéquijs abertas, por onde encaminhavam a água tirada dos rios. Não havia palmo de terra que não estivesse aproveitado. Aplainavam encostas e altas ladeiras das montanhas com uns muros muito grossos, sobre os quais deitavam terra, sobre ela outro muro, e, logo, outros muitos, em jeito de escada, e, sobre cada um deles, faziam uma ampla praça, onde semeavam e tinham muita largura e plantavam em cima árvores ou tudo o que queriam faziam. E, neste tempo, valem estes paredões bom dinheiro a seus donos, pelo proveito que tiram deles.

Como
aplanavam os
montes para
semear

Havendo de descer o rei inca à Província Inferior, que é a de Quito, a quatrocentas e quarenta léguas de Cusco, fizeram-lhe os índios um caminho pelas montanhas, todo igual e direito, subindo vales e descendo montanhas, atravessando rios e aplainando as maiores dificuldades do mundo. Fizeram-lhe o caminho mais insigne, a mais excelente obra de que no mundo se fala, porque aquela famosa muralha que têm os chineses, que os divide dos tártaros, não é mais famosa do que este grande caminho. E, dando o inca volta por Cusco, fizeram-lhe outro caminho pelas planícies, que não é menos admirável que o das montanhas. Vêem-se estes caminhos, hoje em dia, por planícies e serra.

Caminho
insigne

A fortaleza que os reis em Cusco tinham até hoje durou sem lhe faltar uma pedra⁹⁹. Está edificada sobre uma montanha muito alta, que domina toda a cidade, à qual se sobe por uma encosta muito áspera. Tem três muralhas, e, como se eleva o monte, chega a primeira até onde começa a segunda e assim a terceira. E cada uma destas três muralhas não tem mais que três pedras, umas sobre outras, que são tão grandes, que não pode homem nenhum subir, por elas, à alta muralha. Não há dentro dela nenhuma casa. As torres e portas são, cada uma, de uma só pedra, da altura de mais de dez varas castelhanas, estando assentes com tanta subtileza estas pedras, e tão juntas, que se não pode enxergar onde se unem, senão por uma concavidade que nelas fazem, com o que mais formosas e mais fortes as tornam. Acha-se, junto desta fortaleza, uma pedra mui bem talhada e tão grande como uma pequena casa, a que chamam a pedra cansada, porque dizem que os índios a trouxeram desde Quito. É terrível coisa, de grande. Aqui junto da fortaleza, há duas lajes mui grandes e lisas, por onde, por passatempo, resvalam por elas, e, ao pé, jaz uma profunda cova, acerca da qual muitas coisas se contam. Abaixo da fortaleza acham-se os palácios dos incas. Não têm a gentileza de outras obras antigas.

Pedra cansada

Palácios

Situa-se a cidade de Arequipa a oitenta léguas de Cusco, a parte por onde o mar lhe fica mais próximo. Dali traziam todos os dias peixe fresco para a despensa do rei. E deste modo o transportavam: todo o caminho estava cheio de índios, que mais não faziam que passá-lo de mão em mão ou de uma corrida. E assim comiam todos os dias peixe fresco trazido do mar. Todos os índios eram obrigados a trabalhar, pelo que ninguém andava ocioso, nem folgando. Faziam os cegos andar com rodas, os velhos catavam pulgas aos outros velhos e aos cegos e tinham de fazer a tarefa dos piolhos, e, se o não fizessem, levavam muitos açoites. Assim andava o reino bem governado, pois que não havia folgazões como os que há agora neste tempo, razão de haver tantos ladrões e tantos perdidos pelo mundo¹⁰⁰.

Peixe que se
trazia para o
reiComo
trabalham
todos os índiosTemplo do sol
de Cusco

Nesta cidade encontrava-se o templo do sol, tão exalçado e famoso em todo o mundo como uma das maiores grandezas destes reis. Os seus índios tinham ao sol por deus, a quem respeitavam e dirigiam suas súplicas, porque não conheciam a primeira causa que criou e move o sol. Este templo é hoje mosteiro de frades da ordem de Santo Domingo. São as suas paredes da altura de uma lança de vinte e cinco palmos, construídas

⁹⁹ A fortaleza inca mencionada é Sacsayhuamán. Situada no topo de um monte e com uma vista sobre a cidade, tem uma situação defensiva privilegiada.

¹⁰⁰ Várias crônicas da época, como as de Polo de Ondegardo e Cieza de León, referem a existência de um tributo cobrado em piolhos àqueles que não tinham possibilidade de o pagar. As fontes referem esta medida como tendo um caráter essencialmente disciplinador, embora não se deva colocar de parte a possibilidade de esta ter uma função sanitária.

com aquelas lindas pedras com que faziam os índios suas obras, as mais lindas e bem lavradas que se pode imaginar. E, entre cada uma destas pedras, nas suas junções, em lugar de cal e areia, há prata fina, de guisa que alguns curiosos ou cobiçosos partem as pedras por alguma parte, pondo a prata a descoberto. É verdade infalível estarem estas paredes alicerçadas sobre prata fina, e tão unidas e tão bem assentadas que se lhes não vê junção nem se pode entender onde se unem, senão por uma pequena concavidade que talharam nelas, por maior galanteria. Sobre tais fundamentos está todo o convento edificado, e são muitas as paredes e repartimentos destas lindas pedras. É este um famoso e rico convento. Por toda a cidade, vêem-se muitas paredes destas bem lavradas pedras.

Habitam na cidade três mil vizinhos espanhóis e dez mil vizinhos índios, achando-se os índios repartidos por quatro paróquias, com seus padres que os doutrinam e ensinam. E têm um hospital muito rico, e todos possuem muitas riquezas. Envia El-Rei a esta cidade, como *corregidor*, um cavaleiro de grande casa e nome, pois que a cidade é grande e tem muito que governar e mais ainda que aproveitar. Tem outras justiças, bispo com sua igreja maior e seus cónegos e dignidades. Era este o maior bispado que tinha o Peru, a que tiraram grande parte para dar aos bispos de Guamanga e Arequipa, deixando-os com vinte mil pesos ensaiados de renda. Há nele mosteiros das quatro ordens, poderosos e ricos, mosteiros de monjas, uma rica casa de teatinos, muitas paróquias e hospital de espanhóis.

Tem esta cidade duas amplas praças, entre as quais, passa um pequeno rio a que chamam Guatanay. Em ambas as partes do rio há boas casas, com seus portais, portas e janelas abrindo para as duas praças. E todas estas casas e as praças por baixo dos seus portais têm lojas de diversas mercadorias, e sobre o rio, de uma praça à outra, fica a Calle de En Medio e toda cheia de lojas. Esta Calle de En Medio é muito rica. Um pouco mais acima acha-se Calle de los Plateros, onde se lavram muitas correntes de fino ouro de toda a lei, ricas e grandes, e outras muitas jóias e prata infinita. Esta cidade, depois de Lima, é a melhor e de maior trato em todo o Peru. No meio destas praças existem dois *tianges*¹⁰¹, onde sempre assistem índios e índias, vendendo muitas e variadas mercadorias da terra, peças de prata, lindas luvas de seda com ouro para as mulheres, vendem (coca) para os índios e *charques* e coisas de comer, dos quais a terra é bem provida. Na praça que fica a oriente situam-se a igreja maior, a casa dos teatinos e as dos dominicanos e franciscanos. Passam na cidade outros dois *batanays* que são rios pequenos, servindo-lhe estes três rios de

Corregidor
tem 60 pesos
por ano

Bispo

Renda do bispo
20 mil pesos

Praças

Calle de En
Medio

Calle de los
Plateros

Tianges como
mercado

Igreja maior

Rios

¹⁰¹ Termo pré-hispânico de origem mesoamericana derivado da palavra *nahuatl tianquiztli*. No período colonial passou a denominar os mercados de rua, formados em praças das localidades mais importantes e onde eram vendidos produtos das povoações dos arredores.

limpeza. E assim é limpa e sã, e tem mui boas fontes de água e muitas ricas e boas casas de cavaleiros, muitos deles senhores de índios com boa renda. A ocidente está a outra praça, onde se encontram o mosteiro de La Merced, o cárcere da cidade, as casas do *corregidor* e do *cabildo* e todos os escritórios de escrivães.

Dez
corregimientos

Esta cidade tem, no seu distrito, oito ou dez *corregimientos* ricos e poderosos, e a todos provê o vice-rei. Há *corregimientos* que, em três anos, tiram de proveito cem mil pesos. Tem vales ricos e campos férteis. A quatro léguas situa-se o vale de Yucay, o mais abundante e fértil que se pode desejar, porque nele se faz copiosa colheita de marmelos, camoesas, pêsegos, alperces, pêras e açúcar, tudo escolhidíssimo e bom. Daqui levam camoesas e conservas para Potosí e outras partes do reino. Há quinze anos concedeu El-Rei este vale a um cavaleiro com nome e título de Marquesado de Oropesa del Valle de Yucay¹⁰², e casou-o com *La Coya*¹⁰³,

La Coya
índia

uma senhora da casta dos reis incas. Pelo meio do vale corre um caudaloso rio. São infinitas as conservas que se fazem em Cusco, boas e baratas. As conservas de polpa de maçã, de marmelo e de pêsego valem de quarenta a quarenta e oito reais, outra conserva, a que chamam orelhas de pêsego, a melhor que no mundo há, cinquenta e quatro reais, pêras cobertas com açúcar, quarenta e oito. Isto entende-se peso de vinte e cinco libras, a dezasseis onças cada libra. Além destas, há outras muitas conservas e muito que comer, tudo barato. Vinho há muito e bom, embora

Uvas todo
o ano

um pouco caro, porque o trazem das planícies. Todo o ano há uvas frescas, colhidas diariamente das vinhas, pois que, havendo tantos vales no seu distrito, nuns ou noutros sempre se encontra uvas maduras, porque a variedade, temperatura e clima desta terra são muito bons. Outras frutas de Castela e da terra há aqui. Esta é a cidade de Cusco, de grande trato, rica, abundante e estimada de todos. Aqui acodem muitos mercadores para empregar e muitos soldados para jogar, sendo grande o bem que todos aqui alcançam. Por toda a cidade e seu distrito há muitas árvores de camoesas e outras frutas, muito trigo, milho, e mui barato, infinitos gados e aves, e tudo muito barato, chega-lhe peixe seco, e tem tanto sal que pode ir buscá-lo quem quiser, pois é comum a todos. Há grandes alfafas e bons pastos para todos os gados. Muito perto daqui estão os Andes. Partem quatro caminhos desta cidade para as quatro

Quatro
caminhos

¹⁰² O autor pode estar a referir-se a Martín García Oñez de Loyola que casou com Beatriz Clara Coya (1590), filha do inca Sayri Túpac e a *coya* María Cusi Huaracay, ou a Juan Enríquez de Borja, marido de Ana María Lorenza de Loyola Coya, filha dos anteriores. Na verdade, o marquesado de Santiago de Oropesa foi concedido a Ana María, em 1614, três anos após o seu casamento.

¹⁰³ Título atribuído à mulher principal do inca, geralmente a irmã, ou escolhida entre as linhagens principais.

partes do reino do Peru¹⁰⁴. As récuas que aqui chegam carregadas de mercancias tornam carregadas de barras de prata e de ouro, camoesas, conservas, mel de abelhas, amêndoas e arroz dos Andes.

Trata-se de Collao e dos lugares melhores que nele existem até chegar a Potosí

Desta cidade de Cusco até Potosí são cento e sessenta léguas em caminho plano e terras povoadas de muitos e ricos lugares de índios e espanhóis. Chama-se esta terra Collao, porque se situa entre duas altas montanhas¹⁰⁵. Uma das montanhas fica para a parte do mar e das planícies, e a outra, para o lado dos Andes. Por todo Collao há muitos gados e colhe-se muito trigo e milho. Pode-se ir a um lugar a que chamam Las Sepulturas, onde se encontram as mais famosas antiguidades e edifícios de todo o Peru. Aqui vêem-se pedras de tamanha grandeza e tão bem lavradas, que excedem todo o encarecimento em beleza, e são o que mais se deve estimar nestes índios, que não tinham ferro nem aço nem outro metal com que as lavrassem, lavravam e poliam umas com as outras. Nem existia no Peru quantas coisas produz a Europa, assim de frutas, como de trigo e semente, como de gado e aves, porque tudo levaram os espanhóis e o semearam e plantaram, que todas as coisas do Peru são diferentes das deste nosso pólo (Ártico). Se os índios houveram alcançado a arte da arquitectura e de fazer pontes e edifícios, houveram-se avantajado a todas as nações do mundo, conforme vemos que são as suas obras. Em tudo o que vemos que eles fabricavam antigamente, pode-se entender que eram curiosos e de grande engenho. Mas agora, com a comunicação dos espanhóis e com o mau trato que lhes fazem, estão mui acabados e abatidos; e a diferença entre o governo que agora têm para que costumavam ter antigamente destruiu-os e arruinou-os. E assim nunca podem ter boa vontade aos espanhóis, que os têm mui sujeitos e abatidos, e tiram tudo quanto podem ter e ganhar os tristes índios. E o que mais os consome são as minas, onde os obrigam a trabalhar. Servem e amam alegre e honradamente a seus caciques, que há muitos em todo o Peru, respeitam-nos e têm-lhes muita afeição e boa vontade, porque estes eram os senhores que, antigamente, serviam os reis incas como generais, mestres de campo, capitães, e em toda a governança do reino; e ainda agora são os mais deles ricos e poderosos, mas sempre os *corregidores* mandem neles.

Índios não tinham ferro nem aço
Frutas da Europa não havia no Peru
Obras de índios
Mau trato contra os índios

¹⁰⁴ O autor refere-se às quatro divisões que constituíam o império inca ou Tahuantinsuyo: o Chinchaysuyo, o Collasuyo, o Antisuyo e o Contisuyo.

¹⁰⁵ A meseta de Collao é um extenso planalto, ladeado a este pela cordilheira dos Andes, que actualmente se divide entre território do Peru, Bolívia, Argentina e Chile. Para além de todas as riquezas mencionadas, a sua importância estava ainda directamente relacionada com o facto de esta zona representar uma boa via de comunicação situada entre dois sistemas montanhosos.

Carabaya minas de ouro	A quarenta léguas de Cusco, para a parte dos Andes, situam-se as minas de ouro de Carabaya, entre altíssimas montanhas. Desta mina extrai-se, todos os anos, grande soma de ouro. Este ouro está em pepitas, do tamanho de sementes de rabanete e outras como sementes de uvas ou grão ou avelã. É ouro de vinte e três quilates e meio, tendo um quilate acima da lei do ouro. E por todos os rios, que existem muitos e muito
Ouro <i>volador</i>	grandes por estas montanhas, encontra-se ouro <i>volador</i> de vinte e dois quilates. Chama-se <i>volador</i> por ser miúdo. O ouro extrai-se das minas envolto em terra, deita-se numas peneiras, com água, e vai-se lavando e revolvendo, de jeito que saia toda a terra e reste o ouro apenas, do qual, por ser pesado, não se perde nenhum grão; depois, coloca-se em crisóis, derrete-se e fazem-se dele barras e barretas. E também pagam o quinto dele a El-Rei, mas o mais dele passa sem <i>quintar</i> e sem pagar direitos.
Chucuito Renda dez mil pesos Caixas reais tem 100 mil pesos Lagoa de oitenta léguas	Em Collao acha-se a vila de Chucuito, onde vivem muitos espanhóis. Aqui tem El-Rei um governador, a quem dá, cada ano, dez mil pesos ensaiados de renda, tendo mais quarenta mil de proveito. Têm as caixas reais cem mil pesos. El-Rei sempre entrega esta governação a um gentil-homem da sua casa, por ser grande a riqueza desta terra. Tem Chucuito uma lagoa de oitenta léguas de comprido e trinta de largo, onde entram muitos rios, e que não tem mais de um desaguadoiro, a que chamam Zepita ¹⁰⁶ , pouco fundo. Atravessa-se este desaguadoiro por uma ponte de madeira. Há nesta lagoa peixe infinito e muitos pescadores, alguns pescam trezentos mil peixes, que secam e enviam a Cusco, a Potosí e a outros lugares. Ao redor desta lagoa, acham-se muitos lugares de índios.
Juley	Aqui se encontra Juley ¹⁰⁷ , que tem trinta mil vizinhos índios, onde têm os jesuítas três doutrinas, e não podem contar as riquezas que têm. Aqui se
Pomata Collao	encontra Pomata, outro poderoso e rico lugar de índios. Todos os mercadores que tratam nesta província e Collao enriquecem muito.
Chuquiago A cidade de La Plata e província das Charcas Oruro minas de prata	Daqui vai-se à cidade de Chuquiago, onde reside um bispo. É cidade boa, rica e de muitos espanhóis. Em seguida, está a cidade de La Plata, cabeça da província de Charcas, onde há presidente, Audiência Real, bispo e todas as ordens de frades. Charcas situa-se a dezoito léguas de Potosí e a vinte de Oruro. Em Oruro há ricas minas de prata, de onde se tiram todos os anos três mil barras de prata seladas e marcadas. Aqui ficam os vales de Pitantora e Cochabamba, de onde se leva muito sustento

¹⁰⁶ A lagoa referida pelo autor é o actualmente denominado lago Titicaca, situado na fronteira entre o Peru e a Bolívia. À época, este estava incluído no território correspondente à *audiencia* de Charcas. Situa-se numa região onde a grande altitude e a escassez de chuva dificultavam a produção agrícola, o que, desde o início da fixação humana, obrigou à criação de redes de intercâmbio comercial que possibilitassem a existência de aglomerados habitacionais. A pesca desde muito cedo se afigurou como uma das principais actividades, em virtude da riqueza do lago.

¹⁰⁷ Será provavelmente Juliaca.

e regalos para Potosí. Cerca daqui está Copacabana¹⁰⁸, casa de grande devoção, e outras muitas vilas e lugares, tudo terra rica, de grande trato e de gente galharda, devido à riqueza desta província e Collao. Nesta parte situa-se Berengela, que tem minas de prata e uma serra de doze léguas, toda de pedra íman. Ficam próximas as minas de prata de Porco, de onde se tira fina prata todos os anos. Por todo Collao e províncias há infinitos guanacos, e grandes manadas deles vão carregadas de coca e outras coisas de sustento para Potosí. Nesta parte estão Tarija e Santa Cruz de la Sierra, vilas fronteiriças de índios de guerra, que habitam nos Andes. Santa Cruz é governação e Tarija *corregimiento*.

Berengela
minas de prata
Pedra íman
Porco minas
de prata

Relação de Potosí e das suas ricas minas de prata

A imperial vila de Potosí, a mais felice e ditosa de quantas se conhecem no mundo, pelas suas riquezas, tem vizinhada de quatro mil casas de espanhóis e sempre entre quatro a cinco mil homens. Parte deles ocupa-se na exploração das minas e outros são mercadores traficantes, que percorrem todo o reino, uns com suas mercadorias e outros com comestíveis e velas de sebo, das quais se gasta nas minas quantidade infinita todos os dias; outros vivem de suas aventuras e jogos e de serem bravos. Tem um *corregidor*, o mais principal de todo o reino, com dez mil pesos ensaiados de renda ao ano. Frades teatinos, monjas e clérigos não podem faltar, que sempre acodem ao odor da prata e a onde haja muita fartura, pois que esta vila é abastecida de todo o género de sustento e de outras coisas que se trazem de fora, por serem seus arredores muito estéreis e terra muito fria, que quase não produz nada. Nada falta a esta vila, porque, graças à abundância de prata, sobram-lhe todas as coisas. É grande o trato de mercadores nela, e tem grandes e ricas lojas, com toda a sorte de mercadorias. Tem grande correspondência com Lima, e vão daqui muitos mercadores empregar em Lima, no México e em Sevilha, e muitos homens riquíssimos vão daqui viver para Espanha. Moram em torno da vila, em casas de palha, mais de quarenta mil índios, todos destinados a começar a trabalhar nas minas, que acodem todos os meses das suas *ayllos*¹⁰⁹,

Potosí

¹⁰⁸ Pelas palavras do autor, o santuário de Nossa Senhora de Copacabana, situado nas margens do lago Titicaca, teve desde a sua construção no século XVI uma importância em toda a região. Parece haver uma relação entre este santuário e a denominação da conhecida praia situada no Rio de Janeiro, visto que o culto que dá nome ao local teve origem numa imagem levada por mercadores de prata peruanos. Este é mais um bom exemplo da circulação existente entre os territórios americanos de ambas as monarquias ibéricas.

¹⁰⁹ Embora tenha sido identificado no período colonial com um território concreto, o *ayllo* pré-hispânico andino deve ser relacionado com a ideia de uma família extensa com um antepassado comum que, na prática, podia controlar recursos em territórios distantes ou com diferentes características ecológicas.

Cerro de Potosí

que são províncias. Envia-nos os *corregidores*, e levam-nos os *alcaldes* de índios. Comparecem nas suas mitas, conforme os seus *repartimientos*, e assim trabalham, vindo alguns de mais de cento e cinquenta léguas de caminho¹¹⁰. O cerro de Potosí situa-se a um quarto de légua da vila. É a modo de um pão de açúcar ou sino, tem duas léguas de subida, e no mais alto dele estão as bocas das minas. Os índios descem por aqui, por escadas muito largas feitas de vigas fortes, cujos degraus são de couro de vaca, tão firmes e seguros que não quebram por mais trabalho que sustentem. Por aqui vão descendo, e têm seus *repartimientos* como praças, com grandes arcos e abóbadas feitas de pedra e grossas vigas. Vão fazendo estes reparos, uns sob outros, e assim sustenta-se todo o peso daquele alto cerro. Aqui estão os melhores engenhos, máquinas e artifícios que alguma vez se fizeram no mundo. Há vedores e mestres para acudir às reparações e obras deste cerro. E têm todos os senhores de mina mordomos, que também lhes calha fazer reparar as partes que hão mister, e governam e mandam em seus índios, fazendo-os trabalhar; têm salários de mais de quinhentos pesos ao ano, bem como outros proveitos. Todo o cerro está furado por diversas partes, como um crivo. Descem os índios, pelo seu interior, mais de duas léguas por debaixo de terra, levando, cada um, uma vela de sebo acesa numa das mãos, com que se ilumina, e, com a outra, vai-se agarrando às escadas, às costas leva um surrão de couro, onde guarda os metais. Cada índio segue a *beta* do seu amo, a *beta* é como uma penha de onde se extraem os metais de prata, sem que se encontre ninguém lavrando a beta alheia. E talvez sucede seguir a *beta* e ficar o índio atascado e ser mister ajuda para sair, porque estas *betas* são, nalgumas partes, muito grossas e, noutras, finas, e, conforme são, assim se faz o caminho por onde entram os índios. Andam trabalhando desde a manhã até à tarde, e, quando é hora de sair, deitam o seu *quipe* ou surrão com o seu metal às costas. Extraem um *quintal* de metais, e o menos que tiram de um *quintal* de metais de prata limpa são quatro onças, e talvez sucede tirar-se mais de quatro marcos, cada um dos quais tem oito onças. Cada um destes índios reconhece o seu amo, sendo mais de quatrocentos os senhores que têm *betas* nesta mina; e há senhores destes que têm a trabalhar por sua conta trabalham quatrocentos índios, todos os dias. Do cerro vão descendo os metais para os engenhos que estão na via *tarapea*, por caminho de uma légua, mais de sessenta são os moinhos, de diferentes donos que moram na vila. Depois de apurados os metais e extraída a prata limpa, leva-se às casas reais, onde está a fundição das barras, que ali se fazem e se ensaiam, dando a cada uma a lei e o número que tenha, porque muita prata se desvaloriza. E aqui se pagam os quintos a El-Rei. Fazem-se seis a sete mil barras todos os anos, valendo algumas

¹¹⁰ Ver nota 91.

mil pesos; faz-se grande soma de reais e desfaz-se muita prata para louça. Há mais de oitenta anos que se descobriu esta mina, e tem-se extraído dela, e extrai-se cada dia, uma soma infinita de prata, sem nunca se dar em água, por mais que a tenham escavado e cada dia a escavem. Isto é o mais essencial de Potosí e do seu cerro e minas.

Quando estamos em Lima, que se encontra a trezentas léguas de Potosí, e quando o céu está limpo e estrelado, vê-se no céu uma mancha branca como uma nuvem, que todas as noites, como não haja nublados, se vê. Está esta nuvem ou mancha sobre o cerro de Potosí, conforme dizem os naturais do Peru, que em tudo o quis Deus assinalar.

Descrição de Buenos Aires e Tucumán, até chegar a Potosí

Buenos Aires é o Rio da Prata, que tem de boca quinze léguas. Tem alguns bancos de areia, pelo que se entra no rio sondando. A cidade não tem nenhuma força. Terá até quatrocentos vizinhos espanhóis. Está posta e edificada na margem do mesmo rio, e as naus que a ela se dirigem ficam sem se aproximar da margem a um tiro de mosquete, e podem ancorar, que o rio corre mui manso e aprazível. Quase bate a água nas casas do governador. Estas casas têm um pequeno torreão fronteiro ao rio, onde se encontram quatro pequenos canhões de bateria, não havendo nenhuma outra parte que tenha defesa. Para entrar na cidade, por qualquer parte do rio pode sair gente em terra, em barcos ou lanchas, porque o rio corre mui manso por todas as partes e não tem bosque nem monte, toda a terra é plana.

A cidade
La Paz

Tem a cidade três conventos de frades e teatinos, e cada um terá até doze religiosos. Alguns dos vizinhos da cidade são muito ricos de dinheiros. Colhe-se nesta terra muito trigo e frutas, e há grande abundância de carnes, porque são tantos os bois e vacas, que não têm dono. Há poucos índios, e os poucos que há são muito inimigos dos espanhóis.

Desta cidade de Buenos Aires vai-se por terra a Potosí. E até Córdoba são duzentas léguas de caminho despovoado e muito plano, por ser assim plano, percorrem-no os viajantes em carros tirados por bois. Encontram água a cada seis léguas, ali fazendo suas dormidas, mas não é água bastante para muita gente, posto que se pode abrir poços e tirar água deles. Em todas estas duzentas léguas não há mais de duas *estancias* de gado. E por todo o caminho sem dono há infinito gado bravo e muitíssimas éguas e cavalos sem dono. É terra cálida e de grandes pastos.

Córdoba, cidade do Tucumán, tem de vizinhada quinhentas casas de espanhóis. Não tem defesa nenhuma, nem naquela terra se sabe o que é peça de artilharia. Desta cidade vai-se a Santiago del Estero, que são sessenta léguas. É cidade de quatrocentos vizinhos. Toda a terra é plana e sem montes. Esta cidade é banhada por um rio aprazível que por ela

Córdoba
Santiago

passa, e não tem nenhuma defesa. Por todas estas terras há muitos lugares de índios, desviados do caminho real. Saindo desta cidade, vai-se a outra que se chama Esteco, a oitenta léguas, com alguns lugarejos de índios pelo caminho. E em todo o caminho há muito gado e por toda esta terra colhe-se vinho e muito milho e trigo, e há muitas frutas e aves, e todos estes caminhos estão cheios de perdizes. Desta cidade de Esteco vai-se a Potosí, que são cento e sessenta léguas. No meio há dois lugares, um a quarenta léguas de Esteco, a que chamam Gogoi, e o outro no cabo deste caminho. Desde este lugar derradeiro até Potosí é a terra muito fria. Todos estes caminhos têm muita erva muito alta e muitíssimos gados. Comunicam estas planuras com o estreito de Magalhães.

Descrição do Reino do Chile

De Córdoba passa-se por outro caminho a cordilheira, que são as altas montanhas que atravessam todo o Peru até Terra Firme, e entra-se no Reino do Chile, reino abundantíssimo de gado, trigo, milho, vinho e frutas, reino onde há muito (ouro), que dizem de Valdivia¹¹¹. Só de gado caprino matam-se todos os anos mais de cinquenta mil reses para se aproveitarem os couros e o sebo, e queima-se a carne, por não haver gente que possa comer tanta como a que há na terra. Levam-se a Lima estas peles, que é o melhor marroquim que o mundo tem, e leva-se o sebo, do qual se produzem velas que valem, em Lima, cinquenta reais o *quintal*. Se algumas vezes sucede haver falta de trigo no Peru, trazem do Chile naus carregadas dele, sendo cada grão de trigo como um pinhão e muito limpo. Levam naus carregadas de maçãs e de alguns cocos pequenos como nozes, o sabor que têm é como o dos cocos de palmeira. Este reino é a melhor terra que têm as Índias, se não foram as guerras, que duram há mais de setenta anos, sem se chegar nunca a domar nem sujeitar os índios araucanos, que se sublevaram com Lautaro, índio valoroso, em tempo do capitão Pedro de Valdivia. Este capitão Valdivia tinha, para cada dia, mil pesos de ouro de renda, um peso de ouro vale, pelo menos, dezasseis reais. Dizem que a causa de não se poder domar estes índios é não terem cidade, vila nem castelo, com o que não se podem cercar nem

¹¹¹ Pedro de Valdivia foi o primeiro governador castelhano do Chile. Tendo servido com Francisco Pizarro, após a sua chegada à América foi-lhe atribuída a missão de comandar uma expedição até ao Chile, onde, com um número reduzido de soldados, derrotou o exército indígena que lá encontrou. No entanto, apenas alguns anos mais tarde voltaria à região, novamente com o título de governador. Tendo mantido a política expansionista para sul, acabou por ser morto em batalha contra os mencionados índios araucanos. A sua resistência duraria séculos, tendo muitos destes indígenas, mesmo depois da celebração de tratados de paz, nunca aceitado o domínio castelhano e mantido alguns focos de rebelião. Ver nota 87.

capturar juntos em parte nenhuma. Demais, são bravos e animosos, e, com as guerras que sempre têm com os espanhóis, estão mui destros e possuem muitas armas que lhes têm tomado; e cada dia se passam para eles muitos espanhóis. Estes índios chilenos têm seus *bohios* pelos bosques, e onde melhor lhes parece fazem sua casa de freixos coberta com palha, são os *bohios* estas casas. E cortam donde querem do bosque e fazem uma roçada¹¹² e semeiam uma fanega de milho, colhendo, de uma, trezentas. E assim burlam os espanhóis, e tão boas trapaças lhes pregam como as que lhes fazem eles e outras mil befas e burlas. Nunca falta guerra entre os indomáveis araucanos e os belicosos espanhóis. Enfrentam-nos com firmeza, alcançando tudo o que querem, e apertam muitas vezes com os castelhanos, de maneira que os fazem morrer de fome.

A cidade principal do Chile chama-se Santiago, e nela assiste um bispo, o governador de todo o reino, a Audiência Real e todos os ofícios pertencentes ao governo secular e eclesiástico. Outra cidade chama-se a Imperial e outra chama-se a (orno) [sic], e muitas outras vilas e lugares de índios. Estas cidades encontram-se longe da guerra. Valdivia, Concepción e outros lugares de espanhóis e índios situam-se nas fronteiras dos índios de guerra.

Santiago
do Chile

Do Chile navega-se até Lima, sempre com o vento pela popa, porque no mar e nas planícies do Peru corre sempre o vento sul, nas montanhas correm outros ventos. Também do Chile se pode passar ao Peru por terra, pela cordilheira, mas toda a extensão são grandes despovoados. Percorrendo a costa do mar, alcança-se Arica, o porto mais próximo de Potosí, Oruro e as demais cidades que se acham em seus contornos. Aqui vêm embarcar as gentes, ouro, prata e outras coisas que vão de Potosí e outras partes para Lima. Também ali chegam todas as mercadorias que vêm de Lima para Potosí e mais partes de cima, todos os vinhos das planícies e muitas outras coisas. Ali vai-se desembarcar tudo para ser levado à montanha e subido. Arica situa-se a oitenta léguas de Potosí e a duzentas e vinte de Lima. É vila de espanhóis e tem sempre por *corregidor* um grande cavaleiro, que El-Rei nomeia por seis anos. O porto é bom ancoradouro e muito bom, estão aqui os navios mui seguros do mau tempo. Fica-lhe defronte uma montanha, a que chamam morro, muito alta. Desde aqui corre a costa até à cidade de Arequipa, onde há um bispo, um *corregidor* e todos os mosteiros das quatro ordens, teatinos e monjas, que sempre procuram as terras boas. No distrito desta cidade colhe-se muito e bom vinho, do qual se abastecem todas as montanhas e que também se leva a Lima. Aqui, nesta cidade, rebentou um vulcão de fogo pelos anos de seiscentos, tirou de si tanta pedra e cinza, que alcançou a cinza o Chile e a Terra Firme, e por todo o Peru não se podia comer fruta nem verdura, senão lavada, pois que tudo estava coberto da cinza que andava pelo ar,

Arica

Arequipa

Vulcão de fogo

¹¹² «Roçada» no original, possível lusitanismo.

condensada como névoa. A cidade esteve muitos dias em trevas, e os navios no mar não acertavam a seguir viagem, com a escuridão e névoa que a cinza fazia. Em mais de dez anos, as suas vinhas não deram vinho, e toda a sua quimpa [sic] deu pouco fruto. Em Lima e em todas as planícies ouviam-se os estrondos que o vulcão fazia. Neste tempo, havia saído Dom Beltrán de la Cueva, general de Callao, em busca de um navio de ingleses que entrou pelo estreito de Magalhães, e as gentes de Lima cuidavam que os estrondos que saíam do vulcão eram peças de artilharia que se disparavam no mar contra os ingleses, e são mais de cento e sessenta léguas de Lima a Arequipa. Ao fim tomou-se o navio inglês, que navegou sempre e foi o melhor em seu tempo naquele Mar do Sul, os ingleses foram entregues à Inquisição e levados em auto público, alguns com sambenitos. Passando desta cidade a Chequyto [sic], encontra-se o vale de Moquegua, fértil e regalado. Esta cidade tem um bom porto. Situa-se a doze léguas do mar, e ali vão naus carregadas de breu e outras coisas, mercancias e tabaco. Nos lugares onde se colhe vinho faz-se grande soma de cântaros e jarros de barro, que se breiam para neles se deitar o vinho, porque não o deitam em nenhuma outra vasilha. Desta cidade vai-se a Nasca, sempre pela costa do mar, passando-se por alguns lugares de pouca nomeada. Nasca é um vale, onde há muitas vinhas lindas, a quatro léguas situa-se Villa Curi, outro vale. Em ambos se colhem os mais e melhores vinhos que o Peru tem, a que se não avantajam os melhores de Espanha, e apanha-se muita passa boníssima e muitos figos secos. Tem seu porto, a dezoito léguas, que se chama San Nicolás e se acha a setenta léguas de Lima e a vinte e duas de Ica.

Nasca

A seis léguas desta vila de Valverde de Ica, situa-se o seu porto de mar que se chama Puerto Quemado, onde se embarcam todos os seus vinhos, que são muitos e bons. Esta vila tem um vale, que dela toma o nome de Valverde de Ica. Tem este lindíssimo vale seis léguas e todo está plantado das vinhas mais bem traçadas e melhores de quantas no mundo tenho visto; colhe-se grande abundância de regalado vinho, todo branco. As uvas deste vale, depois de penduradas e guardadas em casa alguns dias, sabem a diversas coisas, umas vezes sabem, ao tacto, a amoras e ginjas, outras vezes a maçãs, marmelos, romãs e coisas semelhantes, isto é verdade infalível, porque o experimentei e ouvi outras pessoas que as comiam tratar desta coisa tão particular. Dão estas vinhas muitas e boas uvas, e cada ano se colhem neste vale quinhentos mil odres de vinho de uma arroba cada um, e faz-se muita passa. Todos os senhores de vinhas têm nelas casas e lagares, têm negros, seus escravos, instrumentos e tudo quanto é necessário para cuidar e cultivar suas vinhas. Colhem-se neste vale todas as frutas nomeadas nesta relação, trigo, milho e todas as mais sementes da terra; há nele grande abundância de peixe fresco, que todos os dias se traz do mar; e carne chega-lhe muita de outras terras. Tem esta vila mui grande trato de mercadores, que em ricas lojas vendem cada ano

Ica

grande soma de mercadorias, porque vive aqui gente galharda e se tratam bem. Tem as mulheres mais formosas de vista e de formas que o Peru tem, como é de lindo e extremado clima, criam-se aqui lindíssimas gentes, o mesmo clima do céu torna formosas e brancas a todas as que ali residem. É terra mui sã e correm nela ventos frescos e aprazíveis, é muito limpa de todo o género de bichos, que nem mesmo nígua há nela. É povoação de quinhentas casas de espanhóis, que tem três mosteiros de frades e sua igreja maior, e hospitais de índios e de espanhóis, tem dois *cercados* de índios, onde vivem apartados dos espanhóis, com seus doutrinantes, que os ensinam, tem muitos negros, que andam todos ocupados no benefício das vinhas, tem um *corregidor*, pessoa de valor, nomeado por El-Rei por seis anos, tem aguazil-maior e outros ministros de justiça, e nunca faltam mercadores forasteiros, que trazem mercadorias para vender.

Passa por meio deste vale um rio, cujas águas se repartem por todos os pagos [sic] de vinha e terras, através de grandes acéquias de água que se extrai do rio. Este rio começa a crescer em Dezembro e não tem água bastante para regar todo o vale que muito se deixa de cultivar por falta de água.

Há alguns lugares de índios em seu distrito, como são San Juan e San Martín, e muitos índios vivem nas cercanias da vila, tendo todos suas vinhas e terras, a que chamam *pegujales*, por serem pequenas, e casas onde habitam. E, para que se entenda a traça das casas de todos os índios das planícies, onde não chove, é de saber que mais não fazem senão pegar em canas bravas, de que há muitas em todos os rios das planícies, e cravá-las direitas na terra, e, juntas umas com as outras, vão envolvendo cada uma com um delgado cordel, e atam-nas por baixo, pelo meio e por cima, fazendo assim as suas divisões, por cima colocam outra *barbacoa* feita das mesmas canas, e, sem nenhuma outra coisa nem matéria, fazem do dito a sua casa, onde vivem. São suas camas uma destas *barbacoas* com uma esteira por cima, colchão creio que nenhum o tem, pois que, por não fazer frio e por serem eles pouco regalados, não procuram ter melhores camas. Nem têm adornos em casa, somente uma caçarola sem valor, algumas cabaças onde comem e uns *quero*, a modo de copo feito de pau, por onde bebem. Em querendo mudar a casa e mesmo todo o lugar, arrancam as suas canas, põem-nas às costas e passam-se para onde lhes dá gosto. Estes índios nunca recolhem o vinho nem o guardam, vendem-no todo em mosto a mercadores que lho compram. Alguns têm as casas construídas com paredes feitos de terra, e têm dinheiros muito bons, mas não querem mais arreo nem adorno de casa. Os índios das montanhas têm casas diferentes, onde se defendem das águas e dos frios. Estes serranos vestem mais toscamente que os índios das planícies, porque estes índios das planícies vestem uma camiseta de algodão, calção de pano de cor e, por capa, uma manta feita de algodão. Manta e camiseta são mui pintadas de várias cores. A esta chamam roupa de bebedeira. Vestem

Casa de índios

outra roupa lisa de algodão roxo, outra leonada, ricos veludos e finas telas de ouro, e gastam rendas muito ricas. E as índias das planícies que vivem entre os espanhóis tratam-se muito bem, o menos que vestem são fraldelins de pano azul, verde e escarlate, tamanete de Milão e raxas¹¹³ de cor da Florença. Trazem lliquidas [sic] de cetim, de damasco e de tecidos de ouro, e, as pobres, de pano, é um modo de manto, que se prende com uns colchetes de prata grandes junto à garganta, à frente. Trazem muitos medalhões de prata ao peito por galanteria. São estes medalhões redondos como um real de oito e com um pé largo. Na cabeça, usam os cabelos entrançados, e, sobre eles, um lenço de cambraia com pontas brancas, solto. Outras índias, que não querem ou não têm que gastar, vestem um *anaco* de algodão, fechado dos pés ao pescoço e de ruim cor, sem mais camisa, nem calçado, nem touca, nem coisa semelhante. Andam com os pés no chão e o cabelo solto ao vento, que parecem uns diabos. Todas as mulheres índias, na sua maior parte, são feias e pequenas de corpo, e os índios são feios, pequenos e sem barba, e alguns têm caras de macacos, eles e elas são todos de cor amulatada. Têm muitas línguas, e uma que chamam a geral¹¹⁴, que quem esta sabe e entende entende e sabe todas as outras línguas que há no Peru. É língua mui graciosa e fácil de entender. Alguns índios, assim da montanha como das planícies, que são mais principais, vestem-se como os espanhóis. Nas planícies há muitos índios incas, que se prezam de ser da casta real dos reis incas, e há índios destes de muita idade.

Língua

A quatro léguas de Ica, a oriente de El Sol quando se vai à montanha, jaz um vale que se chama Tinges, onde não chove nem há [rio] nem água nenhuma. Nele criam-se e colhem-se os melhores grãos-de-bico que o Peru tem, vinho, milho, algodão e outras frutas, muitas e muito grandes melancias, a que se chama melões de água, havendo algumas tão grandes que delas se extrai água com que se faz a comida, e, abrindo-se uma, farta-se um cavalo de água com o que dentro tem, e sobra. Vivem aqui muitos índios e colhem frutos com que passam a sua vida. Segue por aqui um caminho para as montanhas, que passa por um lugar que se chama Córdova, a doze léguas de Ica, desde onde se dirige para Lucanas, província e *corregimiento* de índios. Caminham por aqui muitas récuas,

¹¹³ «Raxas» no original, possível lusitanismo.

¹¹⁴ De uma maneira geral, os europeus denominaram «língua geral» a língua franca *runa simi* utilizada no Tawantinsuyu ou império inca, que impôs a sua aprendizagem nas várias províncias. Durante os séculos XVI e XVII esta política teve continuidade, porque o seu uso favorecia a evangelização e as relações políticas e económicas com as comunidades indígenas. Apesar das *ordenanzas* reais que obrigavam a ensinar e evangelizar os indígenas em castelhano, continuaram a publicar-se gramáticas e vocabulários em quéchua, criou-se uma cátedra na Universidad de San Marcos e compuseram-se várias obras literárias. Actualmente, estima-se que entre oito e dez milhões de pessoas falem quechua, principalmente em países como o Peru, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Equador.

que vêm de Lima e vão para a cidade de Cusco. O Peru tem dois caminhos reais, o das montanhas, que é o que vai direito a Cusco, e o das planícies, que passa por esta vila de Ica e por Nasca. E, por toda a costa do mar até Arica, todos os mais caminhos são travessias, caminhos pouco seguidos. Desta vila sai um caminho para Guamanga e outro para Chocolococha e Huancavelica, dali voltando ao vale de Xauxa e outras partes. Porque é mister que os vinhos deste alegre e abundante vale sejam transportados por montanhas e planuras. Também se levam estes vinhos por mar à Guatemala, ao Realejo, à Nicarágua, à Guatemala e a Sonsonate. De jeito que este vale é de importância. Transvasam-se os vinhos em Setembro e Outubro, nestes meses vão mercadores de outras terras comprá-los. Deita-se o mosto em tonéis grandes de setenta a oitenta arrobas, e daqui se transvasa em odres a que se chama *piruleras*, que levam uma arroba cada uma. Todos estes odres se fabricam neste vale, onde há grandes oficinas e negros mestres nelas, que se estimam, cada um, em quatro mil pesos. Há no vale muita lenha de guarango para cozer os odres e tonéis. Situa-se esta vila a cinquenta léguas de Lima e a doze de Pisco. Em meio deste caminho, a seis léguas de Ica, há muitos *mahamares*, que são prados onde há água, sendo tudo o mais por aqui terribilísimos areais. Têm estes *mahamares* uma coisa, é que, quando o rio de Ica tem muita água e vai muito caudaloso, estes prados secam, e, quando o rio vai mingando e com pouca água, acha-se nestes prados água em abundância. A duas léguas daqui e a quatro de Pisco, há umas fossas, que são, entenda-se, assim como lagoas que estivessem cercadas de terra por todas as partes, sendo elas mais fundas. Nestas fossas não há rio nem água, nem chove. Chamam-se Villa Uri e estão no meio de vastos areais. Há aqui vinhas muito lindas e muitas figueiras, de tal propriedade e natureza que, durante seis meses no ano, dá figos a metade destas figueiras que se encontra a oriente, e, nos outros seis, dá-os a outra metade, a ocidente. Isto é coisa certa, pois que a variedade de coisas que se encontram no Peru, por planícies e montanhas, é muita.

Daqui vai-se a Pisco, porto de mar, porto bom e bom ancoradouro, onde os navios estão seguros e ficam a meia légua da praia ou terra. Sempre aqui, pela tarde, corre um vento forte da terra, a que chamam *paracas*. Do lado esquerdo da vila, para a banda de Arica, a três ou quatro léguas do porto de Pisco, situam-se a ilha de San Gallán e a ilha de Pájaros. A vila é toda aberta e a costa rasa e muito limpa. Este lugar é de quatrocentos vizinhos espanhóis, e tem muitas casas de índios e muitos negros que trabalham nas suas vinhas e terras. Fora da vila há um mosteiro de frades franciscanos descalços. Este lugar está sujeito a Ica, e aqui tem o *corregidor* seu tenente. Desviado de Pisco uma légua, corre um rio grande de água. Todo este vale se chama Conder, e estende-se por quatro léguas até Umay, lugar de índios. Há por todo o vale muitas e boas vinhas, onde se colhe tanto vinho como em Ica, é vinho mais forte, muito trigo,

Pisco

milho, frutas e outras coisas. Por Umay, passa o caminho a Chococochoa, onde há minas de prata, cidade que se encontra a vinte e seis léguas de Pisco. No cimo desta montanha, a meio do caminho, passa-se por Pauranga, *estancia* onde há infinitos gados, vacas, ovelhas e éguas, e casas de índios que guardam estes gados; outras *estancias* há pelo caminho. Pisco tem todas as suas adegas na praia do mar, e nelas guardam-se os vinhos que hão-de navegar por mar para outras terras. Por este vale de Conder há casas e adegas muito boas, onde se vive e se guardam os vinhos, e todos aqui são muito ricos.

São seis léguas de Pisco até Chincha, lugar de índios onde há um bom porto de mar. Para aqui trazem de Huancavelica os mercúrios em carneiros, e aqui os embarcam para Arica, e dali levam-nos a Potosí e a outras minas. Os guanacos que transportam os mercúrios até Chincha vão a Pisco e a Ica, são carregados com vinho e com ele tornam à montanha. Em Chincha e por todas as planícies e faldas das montanhas, há grandes edifícios e antigualhas do tempo dos incas, e tantos casarios e lugares desfeitos, que não têm número, todos sem telhados. E vêem-se, por estes caminhos e campos, *guacas* e enterros de índios, onde se vêem os corpos inteiros com o couro e a carne comida. É coisa certa que, quando os espanhóis conquistaram estes índios, eles, com medo, enterravam-se vivos, assim em *guacas* como nuns paredões muito grossos que faziam, ocos no meio, e ali metiam consigo vestidos de algodão, milho, potes cheios de *chicha*, que é a sua bebida, e algumas peças de ouro e prata. E cada dia se vão descobrindo e achando estas coisas, e tão frescas e sãs como se naquele dia as houvessem ali metido, já que, como tudo é areia, não tem a terra corrupção, pelo que se conserva tudo quanto nela entra. O ar é muito húmido e dana muitas coisas, em particular as de ferro.

Os índios chamavam ao mar *cocha* e à espuma *vira*; e assim chamaram aos espanhóis *viracocha*, como se dissessem *filhos da espuma do mar*, pois que, quando viram gentes tão estranhas, nunca vistas nem imaginadas por eles, entenderam que brotavam do mesmo mar e que da sua espuma se haviam criado. E o que mais os atemorizou foi vê-los disparar os arcabuzes, porque entendiam que eram relâmpagos e trovões, e, vendo coisas para eles nunca vistas nem imaginadas, foi fácil vencê-los, e entendiam que o homem e o cavalo eram tudo uma mesma peça.¹¹⁵ Também neste tempo foram subjugados os índios do Chile. Todavia, depois que os índios chilenos os conheceram e entenderam as suas coisas, levantaram-

¹¹⁵ O historiador Matthew Restall defende que estas imagens, que aludem à relação dos espanhóis com o deus Viracocha, à sua vinda por mar ou à confusão criada pelas armas e cavalos trazidos pelos europeus foram intencionalmente transmitidas por crónicas castelhanas, com o objectivo de transmitir a ideia de que os índios viam os espanhóis como seres divinos. Por oposição à ingenuidade e crueldade dos indígenas, enfatizaram com estes textos a superioridade dos europeus, tanto na sua capacidade tecnológica como no seu uso da razão. (*Seven Myths of the Spanish Conquest*, New York, Oxford University Press, 2003).

-se contra eles, e vão-lhes fazendo guerra, mantendo-se fortes perante eles e defendendo-se animosamente.

Chincha tem campos muito bons, onde se colhe trigo e milho em abundância, e muitos gados ovinos, dos quais se produz grande cópia de queijos. Daqui vai-se a Cañete, que são nove léguas. Antes de se chegar a Cañete, encontra-se o seu grande e caudaloso rio, que vem da *puna* de Pariacaca. Pela margem deste rio acima, a quatro léguas de Cañete, há um lindo e alegre vale, que se chama Lunaguana, fértil e abundante em toda a sorte de frutas, que são as melhores que se levam a Lima. As melhores são uvas, romãs e marmelos, estas três frutas são tão boas e de tão deleitoso sabor, que não se pode imaginar outras melhores. Também se colhe aqui um mui primoroso vinho, trigo, milho, batatas, maçãs e todas as frutas da terra. Nunca aqui se sente frio nem calor, alcançam esta parte alguns aguaceiros muito brandos, causados pelo muito que chove na montanha. Há alguns lugares de índios, entre os quais vivem alguns espanhóis. O vale é tudo o que se pode desejar de bom. Volvendo rio abaixo, a caminho de Cañete, há, junto do rio, umas terras baldias, por falta de água, que noutro tempo se cultivaram, o rio quebrou a acéquia de água com que se regavam estas terras e diz-se, como coisa certa, que, se tiveram estas terras água com que se regassem e aproveitassem, eram bastantes para sustentar Lima e outras terras de trigo. Porém, pelo pouco saber e frouxidão desta gente, não se conserta a acéquia.

Cañete

Cañete é uma vila de espanhóis, que terá trezentos vizinhos, muitos índios e negros, mosteiros, *corregidor* e tudo o tocante à sua governação. Para que se entenda quão simples são os índios e, por outro lado, quão traidores, contarei o que aqui sucedeu com uns índios. E foi que, indo um mercador desta vila a Lima, deu-lhe o *corregidor* uma espada, para que ali lha mandasse adereçar. Este mercador levava em sua companhia quatro ou cinco índios. Estes índios mataram-no à traição pelo caminho, enterraram-no na areia e tiraram-lhe os dinheiros que levava e também a espada do *corregidor*, de tal maneira que ninguém sabia deste feito nem da morte que os índios haviam dado ao mercador. Deu-se, por este tempo, uma festa, e saíram os índios em danças a celebrá-la. E o índio sacou a espada do *corregidor* e foi dançando com ela nua na mão. Não faltou quem conhecesse a espada e dissesse ao *corregidor* que, com dar assim sua espada tão estimada a um índio, para que dançasse com ela, a deitaria a perder. O *corregidor*, para saber a verdade, chamou o índio e perguntou-lhe quem lhe tinha dado aquela espada. Respondeu-lhe, Eu, senhor, sou valente, porque matei o espanhol, fiquei-lhe com a espada e enterrei-o na areia na costa de Asia. Desta sorte confessou, sem tormento, averiguou-se o caso, prenderam os índios e enforcaram-nos a todos cinco onde haviam matado o pobre espanhol. Assim que com os índios não se pode ninguém descuidar, porque são muito traidores, e à traição mataram muitos homens por se fiarem neles.

Saindo de Cañete para Lima, a meia légua da vila, sobre umas rochas que estão cerca do porto de mar de Cañete, acham-se uns edificios em jeito de castelo, onde não vive gente, são antigualhas de índios. Daqui passa-se, pela praia de mar, ao *tambo* de Asia, dali a Mala, onde há *estancias* e *chácaras* de senhores de Lima, e, de Mala, a Chilca, lugar de índios. Aqui semeiam o milho e metem um grão na cabeça de uma anchova, que são sardinhas pequenas, e, sem água, cria-se e colhe-se em grande abundância. Aqui há lindos pepinos da terra, doces como mel. São dez léguas desta Chilca a Lima e seis a Pachacama, com que temos dado fim à nossa cosmografia e descrição e relação do Peru. A honra e glória do Senhor do Mundo e serviço de Vossas Senhorias &^a.

Neste capítulo trata-se dos negócios e navegações de Lima a diversas partes e das mercadorias que lhe chegam do México e outras partes

A Cidade dos Reis tem navegação para toda a costa da Nicarágua, Guatemala, Sonsonate e outras. Partem as naus carregadas de vinho e tornam ao Peru carregadas de breu, tabaco, cochinchilha, anil, cacau, cera amarela, mel de abelhas, muito bálsamo e outras coisas de galanteria da terra, como são mates e cocos pintados, por onde se bebe o chocolate.

Navega-se até ao porto de Acapulco, porto principal do Reino do México, que se situa a oitenta léguas da cidade do México. Aqui vão empregar muitos mercadores, levando muitas barras de prata e de ouro, muitos caixotes de reais e coisas semelhantes, que empenham em mercadorias da terra e da China, de que todos os anos vão de três a quatro naus carregadas para Lima. Para Lima partem pelos meses de Outubro e Novembro. As mercadorias que vão do México ao Peru são panos dezoi-tenos azuis, verdes e outras cores e pardos e pretos, e vão vintequatrenos, mesclas, sedas, tafetás pretos duplos, muito bons, e alguns de cor, *gorbiones* realçados, entorchados e azevichados, tercianelas, *recillos*, *gorgoranes*. Todos estes são tecidos de seda, pretos, com lindos e diversos lavoures, dos quais se veste a gente mais grave de Lima, aveludados, muito bons, e alguns de cor. Muitos golpes para gibões, de ouro e prata fina, e muitos outros cortes folcos, mantos de *gorbión* para mulheres viúvas, outro tafetá preto simples, que serve para ligas e para véus de monjas, grande quantidade de passamanes de seda, prestos e de cores, de finos pêlos. Passamanes de ouro e prata finos para mulheres, muitas toucas com seda e prata, muitos chapins, grande quantidade de sedas torcidas e frouxas, beneficiadas no México, muitas sedas de pesponto e meio pesponto de Mezteca, província do México, estas sedas são melhores que as de Granada, levam lindas rendas e dobras para freios, que se dizem de *Guajaca*, *guamucas* e cintas do mesmo, e muitas outras coisas. Todas as sedas do México são as melhores que se usam no Peru, porque têm um bom preto e são sãs e fortes.

Mercadorias que chegam ao México de Lima, e que do México vão ao Peru

Das mercadorias que vêm da China para o México, a cada dois anos, levam-se ao Peru grandes remessas de tafetás e *gorgoranes*, uns enrolados e outros de librete, damascos comuns e damascos mandarins, são os mandarins os senhores de vassallos da China, a quem se pagam estes damascos e outras sedas em tributo, pelo que todos os damascos que se chamam mandarins são os melhores que vêm da China, rasos de várias sortes, particularmente muitos de lustre, brancos, de lanquim, picotes e azevichados muito lindos, veludos simples e bordados, pretos e de cores, grande diversidade de colchas e sobrecamas bordadas, de muito variadas cores, grandes remessas de cates de seda, torcidas brancas, de *ucheo*, *chaguey* e lanquim, muitos cates de seda frouxa e de matizes de cores, toucas de seda para mulheres e *tocones*. Leva-se almíscar, algália, âmbar preto, muitas e finas porcelanas e outros mil primores. Tudo é roupa com a qual todos ganham, vende-se bem e com ela se vestem os pobres, porque são sedas baratas. Trazem-se muitas mantas de lanquim, que são panos de tela feita de algodão, brancas e azuis¹¹⁶.

Lima é uma cidade rica e regalada, a melhor da América, abastecida de quantas mercadorias se beneficiam e lavram debaixo do céu.

Do porto de Callao de Lima navega-se para o Panamá, cidade de Terra Firme

É navegação de Callao de Lima ao Panamá de catorze a vinte dias. Os navios, sempre com vento pela popa, passam pelas ilhas de Rey e pelas ilhas de Taboga, nestas ilhas vivem negros e índios, que as cultivam. Chegando ao porto de Perico, que é o porto do Panamá, dão fundo as naves. Este porto, abrigado por uma ilhota, é mui formoso e seguro, e podem nele entrar e sair os navios sempre, porque têm muito fundo de água. Do porto está duas léguas da cidade, e, quando a maré está baixa, fica uma légua em seco e com muito lodo. Sói a maré crescer com tanta força, que as embarcações dão nuns penhascos que estão arrimados à cidade, pelo que se toma cautela com eles. Toda a cidade é aberta e a praia é rasa desde Perico até Panamá, com alguns bosques por junto da praia do mar, e por todas as partes pode saltar gente em terra. As casas reais estão sobre estes penhascos. Levanta-se, nesta parte, um monte, onde se encontram algumas peças de artilharia e o cárcere dos presos. Situam-se estas casas defronte de Perico, e nesta parte fica o porto, por onde entra um rio e carregam-se as mercadorias que se levam aos navios

¹¹⁶ Ver nota 79.

a Perico para levar ao Peru, e descarregam o tesouro que vem do Peru para levar a Portobello e, de lá, a Espanha.

Esta cidade do Panamá é governada por um presidente, que é capitão-general no Panamá, Portobello e todo o seu distrito. Nesta cidade há Audiência Real, com todos os ministros da Justiça a ela pertencentes. Aqui têm bispo e sua igreja catedral, e mosteiros de frades e teatinos. É cidade de mil vizinhos espanhóis, as mais das casas são de tábuas. Há aqui mercadores muito ricos, que têm grande trato para Espanha e Peru. E da província da Nicarágua trazem-se valentes mulas por terra e tem muitos vizinhos negros. Há muitos habitantes negros que vivem pelos arredores da cidade, em casas de freixo e palha. Toda a gente e vizinhos desta cidade são soldados, que acodem com as suas armas quando se ouve algum rumor de guerra. Esta não é gente de soldo nem a quem obriguem a estar de guarnição ou presídio, nem é gente belicosa nem esforçada, porque o deleite e natureza da terra os torna frouxos e de pouca força, assim não pegam em armas senão obrigados por alguma necessidade. E têm-se aqui por mui seguros, graças à fortaleza de Portobello e ao mau caminho que há dali ao Panamá. Chove e troveja muito nesta terra e faz muito calor, porém, com todas as suas incomodidades, nela habitam gentes muito regaladas e estão muito contentes nela.

Das cidades e vilas de Peru, Truxillo e Sana, vão ao Panamá navios carregados de farinha, açúcar, mel de cana, conservas e algumas frutas verdes, como são marmelos, romãs, maçãs e uvas. Porque toda esta Terra Firme não produz, nem se quer criar nela nenhuma coisa de Espanha, porque se tem feito a experiência, a grande humidade e grossura da terra não o consente. O que aqui há em grande abundância é muito milho: de uma fanega que se semeia, colhem-se duzentas. Há grande soma de gado, bois e vacas e vitelas, e valem muito barato, de carne de vaca e de vitela fazem-se muitas variedades de comidas, mui deleitosas e saborosas. Colhem-se muitas e grandes bananas, goiabas e *mameyes*, estes não há no Peru nem se querem criar nele, há muitos abacates que são o que se chama no Peru *paltas*, batata-doce que são as batatas, colhem alguns melões e alfices. Têm muitas galinhas e peixes frescos. Têm vindos de Espanha boa azeitona, amêndoas, tâmaras e outras frutas. O melhor que há, e de mais importância, é a pesca de pérolas, de que todos os anos se saca uma boa soma. Também se colhe muito arroz. Os negros que os vizinhos do Panamá têm por escravos servem-nos e ocupam-nos como arrieiros que vão daqui a Portobello com réguas de mulas, outros andam no rio de Chagre em barcos, e uns e outros carregam as mercadorias que passam de um lugar ao outro. Mais caras são as mercadorias ao passar de Portobello ao Panamá, do que de Sevilha a Lima. E deste caminho saem muito mal tratadas, se não se tem grande conta com elas, porque o calor e a humidade fazem nelas grande estrago, e, como lhes toca alguma água, apodrecem, se logo não se acode a enxugá-las. Para defendê-las da água

Pesca de
pérolas

criou Deus nesta terra umas folhas que se chamam bigau [sic], muito grandes e fortes, envolvem-se os fardos com estas folhas, com uns cordéis de fio de vela, e sobre elas se põe uma serapilheira, de jeito que, por muito que chova, não se molham.

Do Panamá a Portobello são dezoito léguas. As récuas andam-nas em quatro dias, e os que querem caminhar com cuidado em dois dias as percorrem. A primeira jornada é de seis léguas, até ao rio de Chagre, e passam o rio a vau. Daqui vai-se à *venta* de Carrasco, e passa-se o rio Pequeni, que desce das montanhas de Capira. Aqui, nesta jornada, está o forte de San Pablo, que, com oitenta homens e quatro peças de artilharia, deteve a passagem de Francisco Draqueh, que, não podendo seguir avante, voltou a Nombre de Dios, onde morreu¹¹⁷. Noutra jornada, vai-se à *venta* de Caño, faz-se a maior parte do caminho por dentro da corrente de um rio, água acima, alcançando-se a *venta*. Depois sobe-se um pequeno monte fragoso, desce-se e entra-se noutra rio, que este entra na baía de Portobello. Por estes dois rios anda-se mais de sete léguas, sendo o melhor caminho de todas as dezoito, porque nelas há grandes lodos, muitos maus passos, algumas encostas e muitos rios que crescem com grande celeridade. E, em apanhando em meio as récuas, têm elas lugar onde podem desviar-se e esperar que desçam os rios, os quais, com a presteza com que crescem, tornam a baixar, pois que a sua corrente vem de muito perto, e talvez sucede afogarem-se algumas mulas e homens. Todo o caminho é de bosques, de cedros e carvalhos altíssimos e muito grossos, que sempre têm as suas folhas verdes. Tanta é a humidade destes bosques, que se não pode andar por eles, e o sol mal alcança a terra, por serem muito cerrados. Há, por este caminho, muitas savanas, que são prados onde andam muitas vacas pastando. Por estas partes há muito poucos índios. Os passageiros que por aqui caminham levam vestida a sua camisa e depois uma camiseta, calção, meia de canhamação e as suas alpergatas, e levam outro vestido como o dito percebido, porque sempre chegam molhados às pousadas, onde se despem e vestem o que levam enxuto. Numa parte entre o mar e este caminho, fica um lugar que se chama Lugar Nuevo, que é todo de negros. Sublevaram-se estes negros em tempos passados, e os espanhóis não os podiam domar e El-Rei perdoou-os, fê-los livres a todos

¹¹⁷ Em 1595, Francis Drake inicia a sua derradeira viagem marítima, tendo como objectivo atacar algumas posições castelhanas nas Antilhas e no Panamá. Após um ataque falhado a San Juan de Porto Rico, em que a sua frota foi severamente danificada, optou por rumar ao Panamá, tendo fundeado na vila de Nombre de Dios, a partir de onde tentou chegar por terra à Cidade do Panamá. No entanto, a «marcha» foi detida por uma guarnição existente no referido forte de San Pablo, que obrigou as tropas enviadas por Drake a regressar. Apesar da decisão de partir em direcção a outros locais da costa americana, uma tempestade levou os navios a fundear novamente perto de onde haviam partido, em Portobello, onde Francis Drake acabaria por morrer, e não em Nombre de Dios, como o autor menciona.

e concedeu-lhes esta parte, onde fizeram o seu lugar e onde vivem¹¹⁸. Situa-se a quatro léguas de Portobello. Por Janeiro é Verão nesta terra, e sempre por ela se pode caminhar melhor nestes meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Todos estes caminhos estão peçados de macacos, e não faltam por aqui serpentes, ainda que não façam dano.

Outro caminho sai do Panamá para Portobello. Toma-se a ala esquerda, sai-se junto do hospital dos espanhóis e do mosteiro dos franciscanos, e vai-se à Casa de Cruces, a seis léguas. É jornada de nove horas. Passa-se por uma quebrada, por onde corre um pequeno rio, e vai-se por ele abaixo por duas léguas. E sucede a crescer o rio, afogando algumas mulas. Posto que seja um caminho áspero, não o é tanto como o outro referido. A Casa de Cruces está na margem do rio Chagre, é toda de tábuas, com muitos armazéns onde se recolhem as mercadorias que vêm de Portobello pelo rio de Chagre acima, em embarcações muito grandes. Saem de Portobello e vão cabotando até chegarem à boca do rio de Chagre, logo sobem navegando pelo rio até Legatún, que se encontra entre os dois rios Chagre e Pequení, e por Chagre, que é o rio da banda direita, vão a Cruces. Cada uma destas embarcações leva pelo menos doze valentes negros, que, com alavanca e a remos, fazem subir os barcos. O menos que tardam em chegar a Cruces são nove dias, porque o rio tem muitos caudais por onde corre muito e muitas crescentes e algumas árvores que as águas trazem e estão nas partes fundas, não se vendo, com o que se perdem alguns barcos. Junto deste rio cria-se e colhe-se muita e muito boa salsaparrilha, e por isto dizem que a água deste rio Chagre é lindíssima e sã para beber. Neste rio andam muitos caimões e iguanas, que são os que se chamam lagartos de água, são da cor da mesma água, saem à terra, põem muitos ovos e trepam pelas árvores. E os negros comem estas iguanas e seus ovos, que são tão grandes como os de galinha. Todo o rio está coberto de bosques muito altos, verdes e cerrados, sobre os quais andam muitos macacos e micos, de muitas e diferentes espécies. Quando querem passar de uma parte do rio à outra, procuram as árvores que mais juntas se encontram, seguram-se às caudas ou rabos uns dos outros e, deixando-se pendurar das árvores e dão-se um vaivém, o que está à frente agarra-se à árvore, e assim vão passando todos os que querem, sem se largarem até que se achem a salvo. E fazem mil burlas e momos às gentes que por ali navegam, atiram-lhes paus, e é tanto o estrondo e os gritos

¹¹⁸ Portobello, no istmo do Panamá, foi o centro distribuidor de escravos, oriundos na sua maioria da costa da Guiné, na vertente pacífica da América espanhola. Muitos conseguiram fugir ao tráfico, estabelecendo-se na região e misturando-se com a população nativa. Depois de protagonizar diferentes levantamentos desde a segunda metade do século XVI, na década de 70 do mesmo século aliam-se a Francis Drake, fornecendo-lhe informações estratégicas sobre o transporte de ouro. Em 1579, como refere o autor, os cimarrões chegaram a um acordo com a Coroa, aceitando acabar com a ajuda aos ingleses a troco da obtenção de um certo nível de autonomia e do estabelecimento no mencionado Lugar Nuevo.

que dão, que parece que afundam aqueles bosques, muitos ladram como cães, e há alguns tão grandes como burricos. Também por aqui andam alguns porcos javalis, e, andam por cima das árvores, muitos papagaios. Grande cuidado se põe em aprestar esta jornada do Panamá a Portobello. Paga-se, por todas as mercadorias, meio por cento para arranjo do caminho, também se paga este meio por cento as barras de prata e ouro que por ali passam.

Portobello é uma povoação com trezentos vizinhos espanhóis e alguns negros. Todas as casas são de tábua, está edificada junto do mar. Tem um mosteiro de frades mercedários e outras igrejas, e tem casas reais, onde se recolhe o tesouro que vem do Peru para Espanha. Soía esta terra ser muito doente e aqui morria muita gente da que vinha de Espanha. De vinte anos a esta parte, está muito sã e morre nela pouca gente, pois que foram desbastados muitos bosques e, com o tempo, todas as coisas mudam. Diz-se que aqui um corpo humano é comido em vinte e quatro horas, tal é a força da terra que o consome. Em chovendo nesta terra, converte-se a água em sapos, e são tantos e tão grandes que não têm conta, mas logo morrem e desaparecem.

Tem Portobello uma baía de duas léguas, muito funda e segura para as naus. Aqui entram as frotas carregadas com suas mercadorias, e fazem-se pela margem do mar muitas barracas, onde se vão descarregando e entregando a seus donos. Aqui vêm muitos comerciantes do Peru e do Panamá empregar, e trazem muitas barras de prata e caixotes de reais e tejos de ouro, que empregam em mercadorias. Esta é a melhor feira que o mundo tem, porque aqui, em quinze dias, se despacham mais de dez milhões de mercadorias, conforme são as frotas. E, em não havendo aqui frotas ou galeões, a maior parte da gente vai para o Panamá, ficando a terra muito despovoada. Do Panamá vem todo o seu sustento, todavia os vinhos que chegam aqui e ao Panamá vêm de Espanha, por não consentir El-Rei que entrem nesta terra vinhos do Peru, para que se não perca o comércio de Espanha. Nesta terra bebe-se muito chocolate, e por toda ela há muita laranja, limões e cidras. Também aqui vêm algumas fragatas da lagoa de Maracayo, umas carregadas de farinha e outras de anil e cochinilha. As frotas e galeões deixam-na sempre bem provida de coisas de comer de Espanha. Na entrada da baía há, de cada lado, um forte, arrimado à cidade, que se chama San Felipe de Portobello, numa encosta, está outro forte, à entrada do rio Chagre, um em cada banda, estão outros dois fortes, em Lagatún, que se situa entre os rios Chagre e Pequeni, há outro forte. Todos os seis fortes têm artilharia e soldados de guarnição. Isto é o mais essencial que esta terra tem.

Daqui a Cartagena são oitenta léguas. Vai-se sempre cabotando à vista de altos montes e de verdes e frondosos bosques, e entra-se pela baía de Cartagena, que tem, à entrada, boas fortalezas. As naus fundeiam a mais de meia légua da cidade, em parte muito funda e segura. A cidade é

melhor e maior que a de Panamá. Tem muito boas casas de pedra, ruas muito boas, igrejas e mosteiros muito ricos, lojas de mercadores e muitos ranchos de negros. Tem um governador, mui grande cavaleiro, que a governa. É terra muito farta, pois pelo mar se traz muito sustento, tem muitos gados, muitos perus, galinhas e muito peixe fresco, come-se aqui carne de tartarugas, que é como carne de vaca, muita banana, laranjas e outras frutas da terra. Por estes bosques acham-se umas árvores que dão umas maçãs miúdas, muito lindas e olorosas, e quem as come, por as não conhecer, morre, e quem sob estas árvores se deita incha e vem a morrer. Esta cidade tem muito bálsamo, que se traz de Tolud, a nove léguas de Cartagena. Tem, por toda a parte do mar, muralhas muito boas, e por aqui é o mar tão baixo, que se pode entrar por ele mais de um tiro de mosquete sem cobrir um homem. Andam por aqui muitos caimões. Corre nesta cidade uma prata, em pedaços pequenos, de muito baixa lei e dão peso de dez reais desta prata por um real de a oito. Tem-se aqui esta prata assim baixa para que a não levem a Espanha nem a outras partes, ficando a cidade sem dinheiros e sempre se dá esta prata por peso. Aqui acorrem muitos navios, trazidas por mercadores da Guiné, carregados de negros, e vêm também comerciantes do Peru comprá-los¹¹⁹. Esta é uma cidade muito rica, muito boa e muito sã, correm, todas as tardes, muito aprazíveis brisas, que mitigam os calores muito fortes que aqui fazem.

Havana

Daqui vai-se a Havana, que são trezentas léguas de travessia. Havana é uma cidade mui formosa. Tem, à entrada da baía, o morro, que é o melhor forte que têm as Índias. Todo está sobre penhascos, onde bate o mar, e tem muita artilharia, por ser a chave de todas as Índias. Logo à frente, há outro forte e as naves entram por meio de entre ambos e não podem entrar mais do que uma só nave e cerra-se com uma corrente. A baía é muito ampla, muito funda, limpa e segura de tempestades, com uma montanha à beira-mar que a defende de tormentas. Dentro da cidade há outra fortaleza. Na praia da baía, mais adiante, encontra-se a cascata, que é uma fonte de muita água e boa, com que as naus fazem provisão de água. A cidade tem casas, ruas e lojas de mercadores mui formosas. É uma cidade muito farta e abundante em comestíveis. Eu vi aqui frotas e galeões, e sempre a praça estava pejada de frutas, galinhas, perus e muitas lojas de conservas e confituras mui ricas. Tem grande provimento de biscoito e farinhas, que se trazem por mar de outras províncias. Colhe-se nesta ilha, a que se chama Cuba, muito milho, muito açúcar, melões grandíssimos, grande cópia de bananas muito boas e muitos ananases, que se

¹¹⁹ A divisão do mundo decorrente do Tratado de Tordesilhas significou para a monarquia hispânica a impossibilidade de aceder directamente ao comércio de escravos africanos. Assim, o transporte e venda eram assegurados na quase totalidade por mercadores portugueses, numa das poucas excepções à tentativa da Coroa espanhola de assegurar o monopólio comercial com os territórios americanos.

fazem em conserva. Colhem-se aqui, em abundância, *capallos*, que são umas cabaças amarelas, com que se fazem boas provisões para os navios. Cria-se grande quantidade de porcos, que dão carne muito sã, e todas as naus carregam muitos para que os comam as gentes. Em conclusão, aqui fazem-se boas provisões, muito abundantes em biscoito, conservas, aves, ovos, frutas, chocolate, peixe, carne de vaca seca, arroz, grão-de-bico e muitas outras e diversas coisas, boa água e bom vinho. Aqui se faz a carenagem dos navios, e carrega-se muito açúcar, muito cobre, madeira de cedro e pau de mogno. Aqui manda El-Rei fazer muitos navios, sendo a madeira de que as constroem tão forte e tão boa, que, ainda que lhe dêem muitos golpes de peças de artilharia, passa a bala ao largo, sem a madeira levantar lascas. A cidade é toda aberta, sem muralhas, não tendo mais do que as três fortalezas referidas e, nelas, muita artilharia, bons soldados, capitão-general e governador, que governa a cidade e suas fortalezas. Pela ilha dentro há alguns lugarejos de pouca importância e muitas *estancias*, onde se colhem muitas coisas e se criam muitos gados.

Com isto, temos concluído a nossa história das Índias. À glória e honra de Deus e serviço de vossas senhorias, a quem ele seja servido de aumentar e fazer senhores de grandes reinos e senhorios. Tudo para o seu santo serviço e bem de vossas senhorias &^a.

Memória de todos os géneros de mercadorias necessárias no Peru, sem as quais não se pode passar, pois que se não fabricam na terra

Pó carmim, de Valência, 4 peças.

Panos tamenetes carmesins, de Milão, 20 peças.

Golpes pretos e de cores, de Florença.

Panos de Segóvia vintequatrenos e vintedozenos pretos.

Panos de Segóvia vintequatrenos mesclados e pardos.

Panos finos pretos, da Holanda.

Panos de cores e mesclados, da Holanda.

Panos finos de Inglaterra.

Burel preto, de cores e carmesim, e fradescos, dos largos e dos estreitos.

Sarjas Imperiais e de Senhoria, pretas e de cores, das mais finas.

Sarjas de Nimes, de cores e pretas.

Picotes fradescos e de cores.

Estopas de cores, pretas e brancas.

Lãs finas, pretas e largas.

Anascotes pretos e alguns brancos.

Camelotes ondulados, do Levante e Flandres.

Baetas pretas, azuis, verdes, carmesins, roxas, brancas e alaranjadas, de cem fios.

Almofadas e tapetes turcos.

Buracafes de cores, bordados e brancos.

Mogajares de cores, do Levante.

Meias de lã finas, para homens, mancebos e meninos.

Meias de estopa, de cores e pretas.

Meias de fio e calcetins de malha.

Sedas Veludos lavrados, de fundo liso e de fundo frisado, lavores miúdos.

Veludos lisos carmesins, verdes e azuis.

Veludos de Itália, de cores e pretos.

Cetins pretos e de cores, roxo sobre carmesim, verde, pardo, azul, de Valência, em Espanha, ou Luca, em Itália.

Cetins entrançados e pespontados no tear.

Damascos de cores, carmesim, preto, verde e azul, e damascos de duas cores, alegres à vista e de lavores miúdos.

Tafetás de cores, encarnado, rosado, carmesim, amarelo, alaranjado, azul, verde, pardo e roxo.

Telas de ouro fino e prata, de Milão e Florença.

Golpes para gibão de ouro e prata fina, de Milão e Florença.

Telas de ouro e prata falsa, e golpes para gibão, de Milão e Sevilha.

Passamanes de ouro e prata finos, de Milão, Veneza e Florença.

Galões, molininhos, sevilhanetas e pentes de ouro fino, de Veneza, Florença e Milão.

Passamanes, galões, sevilhanetas e *caracolillos* de prata e ouro falsos.

Botões de ouro e prata fina, de toda a sorte.

Botões de toda a sorte, de seda, de Pisa e Ligorne.

Passamanes de seda pretos e de todas as cores, e galões muito finos. São os melhores da Calábria e Itália.

Faixas de seda e colónias de todas as cores, de Veneza e Nápoles.

Meias de seda de cores, de Nápoles e Milão.

Alamares de seda de uma e duas cores, de ouro e prata.

Cintas guarnecidas, de cores, de Veneza e Nápoles, das que se dizem de armar.

Cordões e tranças de seda, guarnecidos, de cores sortidas, para coletos, de Veneza e outras partes.

Cordões de seda e de fio compridos, guarnecidos, para gibões de mulher e para os toucados.

Peças de cintas de malha de cores, de Luca e Veneza.

Cintas guarnecidas, da Holanda.

Sedas de cores torcidas, para coser e para franjas.

Sedas torcidas de pesponto e meio pesponto, para fazer botoeiras, pretas e de cores.

Sedas frouxas carmesins, azuis e verdes, e sedas matizadas, que vem da China.

Fio de ouro e fio de prata fina, de Milão, Florença e Veneza.

Fio de ouro e fio de prata falsos.

Fio de seda, entrançado, canudilho e folhos, tudo de ouro e prata falsos.

Toda a sorte de cintas de ouro e prata falsa, que se diz de resplendor, para toucados de mulher, da Holanda e de Itália.

Trançadeiras ou cintas de cores e de fio branco, que se dizem de Belduque, finas, das da Holanda, algumas com fimbrias de cores e algumas estreitas, e das adamascadas.

Malha de holanda sortida.

Fios ou linhos mui brancos e finos, de toda a sorte, para fazer lavores em cambraia e holanda.

Fio azul, fio caseiro branco e fios de todas as cores, para coser em pano e em lenços grossos.

Fio de carta, fio de velas, fios para arrieiros e para atar fardos.

Fios de ferro para ourives, fio para cardar e fio de emborrar.

Fio dourado, fio de coelho, fio para *citoras*, branco e dourado.

Cambrais e holandas de toda a sorte.

Estopilhas de Cambrai sortidas.

Holandas finas, peças de 50.

Holanda de arcabuzejo, de 20.

Gazes da Índia e *melaguantillos*.

Bofetás, baroches, canequis e simianas, da Índia.

Ruães de fardo, *blancartes*, floretes, longos e estreitos.

Ruães de cofre finos. Todos estes vêm de Ruão, e é o género que entra em maior abundância no Peru, pois todos fazem deles camisas.

Navais floretes e navais não batidos.

Bretãs largas e estreitas.

Mélanges, floretes, *cotenses*, *humaynas*, *brin de lin*, *beauforts*, *brins*, toda a sorte de lenços crus bons e de França.

Creas finas de Lion, de França, das de uma vara de largo e de outras sortes.

Pontas de fio fino, da Holanda, de todas as sortes.

Rendas e encaixes de fio fino.

Pontas de fio de duas cores ordinárias, para panos e outras coisas.

Pontas de ouro e prata fina, de Veneza.

Camisas de *crea* e camisas de Ruão, para homens.

Calções de *crea*, ruão e *mélange*.

Panos de mão com pontas de fio branco e asijado [sic].

Fruteiros lavrados com sedas de cores.

Cintas ou trançadeiras de todas as cores e de duas cores, de Holanda.

Mantéis adamascados finos de 12/4.

Roupa interior

Lenços adamascados, duas peças para uma de mantéis.

Mantéis mais que de *marquilla* de 12/4.

Mantéis de *marquilla* de 12/4.

Mantéis comuns de 12/4.

Mantéis de 10/4.

Mantéis de 8/4.

Mantéis de 6/4.

2 peças de mantéis, digo 2 peças de lenços para 1 de mantéis.

Ripas de mantéis e lenços soltas, cada uma por si.

Lenço de linho caseiro fino.

Telilhas com ouro falso para gibões.

Telilhas de toda a sorte, com seda e fio, que sejam boas.

Motillas e borlões para gibões.

Touquinhas de Lion, de França, para chapéus, de número 8 até 22.

Trançados de seda bons, para chapéus.

Cordões de seda, prata e ouro fino, para chapéus.

Cordões de ouro e prata falsos, para chapéus.

Barretes para a cabeça, ornados e lavrados de preto.

Barretes para a cabeça carmesins.

Balonas com pontas de cambrai e holanda, para mulher e homem.

Toucas de linho, para mulher.

Toucas de rainha, de Bolonha, e toda a sorte de toucas de seda de Sevilha, posto que as façam também em Lima, com sedas que vão da China.

Panos de sedaço de seda, para peneirar a farinha.

Bocacis e esterlins finos, da Alemanha.

Especiarias

Cravinho, canela de Ceilão, pimenta, noz-moscada.

Açafrão que seja virgem. Há-de levar-se em vasilhas de cobre de 50 libras. Estas vasilhas devem ser estanhadas por dentro, juntar-se-á ao açafrão um pouco de azeite, muito claro, o melhor que se achar, e selar-se-á logo a vasilha com sua tampa de cobre e vedar-se-á de guisa que não saia azeite nem entre vento. Desta sorte irá bem.

Estoraque calamita, de Veneza.

Mejoim com amêndoa, da Índia.

Almíscar, algália e âmbar cinzento.

Lacre da Índia, para selar cartas.

Plumas festivas de cores e brancas, para soldados e cavaleiros, da Berberia.

Coral redondo fino, lavrado e sortido, de Ligorne.

Coral de sevadilha ou canutilho.

Figas de azeviche douradas, de que há muitas em Sevilha e Madrid.

Sortilhas e outras coisas de alquimia, da Alemanha.

Granates finos, da Alemanha, de números de 7 até 20, que se chamam de sevadilha.

Escovinhas, cabos de marfim e de vaqueta.

Cepilhos dourados, para limpar a roupa.

Machados para cortar lenha, azuelas de carpinteiros, machetes de uso doméstico.

Cinzéis, formões, escopros, compassos, serras e todas as coisas pertencentes ao mester dos carpinteiros.

Serras grandes para serrar toros.

Ferro, platina, aço fino, estes três géneros são muito necessários no Peru.

Ferragem mular e ferragem asnal, da Biscaia.

Ferragem cavalariça, não tanta, pois que se gasta menos que da mular.

Cravo para ferragem. Há-de ser de Biscaia, que de outra parte não serve, ou, pelo menos, da feição do cravo e ferragem de Biscaia.

Cravo de faixa e meia faixa.

Cravo de barrote e estoperol.

Cravo de *tillado* ou meio *tillado*.

Cravo de almude ou meio almude.

Tachas sortidas.

Tachas para sapateiros.

Cravos dourados e tachas douradas, para selas de mulas e cadeiras.

Cravos prateados e tachas prateadas, para o mesmo fim.

Toda a sorte de cravos, que são muito importantes, todos estes cravos são conhecidos na Biscaia por estes nomes.

Cerdas para sapateiros.

Dedais para sapateiros e de alfaiate.

Dedais de latão, para mulheres.

Dedais de marfim, com que as mulheres fazem seus labores.

Almofadas para as mulheres lavrarem, das que se fazem na Holanda.

Agulhas de aço para arrieiros.

Agulhas de vela e agulhas para fazer colchões.

Agulhas para fazer fardos e agulhas para coser botões.

Agulhas para sapateiros.

Agulhas capoteiras para coser vestes de negros.

Agulhas finas de alfaiate, de orlar e de bainha. São boas as de Paris, e as de Toledo são as melhores de todas.

Alfinetes de números 30, 15 e 8, prateados. Os de Paris são bons.

Limas para ourives, sortidas.

Limas para ferreiros, sortidas.

Alicates e buris para ourives.

Atincar e alnocate para o dito.

Solimão cru e cardenilho.

Todo o género de esmalte, para ourives.

Alvaiade, que se chama *esviaca*.

Ferros para cintos e talabartes, de caixa e meia caixa, finos, pavonados, dourados e prateados.

Cintos dos que se fazem na Holanda.

Espadas e adagas da marca, feitura e guarnições da Biscaia.

Bons coletes de tapir.

Bacias de acofar, poucas, pequenas.

Ferrolhos de estanho.

Seringas grandes de latão.

Seringas pequenas, para barbeiros.

Bacias de barbeiros, de alcofar.

Guizos de falcão e meio falcão, para dançarinos.

Guizos grandes para arrieiros e para petrais de cavalos.

Chocalhos e *isquilas* sortidas, para as récuas, bois, carneiros e todo o gado.

Campainhas pequenas, para escritórios e para récuas de mulas.

Ouropel, máscaras e carantonhas para os índios.

Pentes de buxo, de Paris.

Pentes lavrados de buxo.

Pentes de marfim e pentes para barbeiros.

Abalorio preto e de cores, de Veneza.

Águas marinhas, azuis, verdes, brancas e de outras cores, de Veneza.

Contas amarelas, que se dizem de âmbar.

Carcillos de cristal, de pérolas falsas e de outras sortes, para mulheres, de Veneza.

Cutelos de magarefe, de cabos amarelos, sortidos. São os melhores os de gume em âncora arredondada e os de arpão, tais são as marcas.

Cutelos de Belduque.

Cutelos romanos e cutelos de Inglaterra.

Cutelos boémios, de cabos de cores, para cortar as uvas.

Cutelos de cortar plumas e toda a sorte de cutelos.

Escrínios para mulheres, com ferragens, dourados e prateados.

Escrínios para homens, com boas ferragens.

Almáciga e incenso.

Óleo de amêndoas doces e amargas, e óleo de mata, linhaça e *ajojoly*.

Todo o género de drogas de medicinas, para os boticários.

Todo o género de matérias para fazer tintas, para tingir sedas e outras coisas.

Trinchetes para sapateiros.

Tesouras de sapateiros e tesouras de alfaiate.

Vasos ou copos para beber, dourados e lavrados, de bom estanho.

Estanho lavrado, pratos e escudelas, sortidos, dos finos.

Pias de estanho, com suas bacias, para lavar as mãos.

Luvras de *polvillo*, de Roma ou Veneza.

Luvras de cordovão.

- Luvas de cã.
- Luvas de toda a sorte.
- Espelhos de números 10 e meio, 10 e quarta, e sota quarta.
- Espelhos de cristal lavrados a ponta de diamante e guarnição de ébano.
- Espelhos dourados de toda a boa sorte, de Veneza e Paris.
- Colchetes estanhados e negros.
- Navalhas e tesouras finas, para barbeiros.
- Escrínios, com todas as alfaias, para barbeiros.
- Lancetas para sangrar.
- Escrínios, com todas as alfaias, para cirurgiões.
- Cadeados redondos, sortidos, e cadeados com duas chaves.
- Cadeados grandes, para portas.
- Ferrolhos estanhados, com fechadura e chave, para portas.
- Fechaduras boas, com chaves, para cofres e arcas.
- Aldrabas para portas e janelas.
- Crisóis para ourives.
- Freios ginetes para cavalos.
- Freios, bridões e *concopas* dourados.
- Freios de mula envernizados, dourados e prateados, e toda a sorte de freios.
- Estribos da brida e estribos ginetes.
- Almofaças.
- Escrivaninhas com ferragem fina guarnecidas com cordões.
- Tinteiros grandes, soltos.
- Escrivaninhas de assento, com ferragem fina.
- Plumas ou canhões de prata, que sejam bons para escrever.
- Trementina de *beta*.
- Pós azuis, finos.
- Goma arábica.
- Folha de *cem*, boa e fresca.
- Folhas de lata, dobradas e simples.
- Marcos para pesar, de 16 libras, e de 8, 4, 2, 1 e meia.
- Balanças para pesar seda e ouro.
- Balanças para pesar especiarias, e toda a sorte de balanças.
- Pesos de balança, grandes, mui finos e bem ajustados, com cordões, para pesar barras e prata lavrada.
- Peças para estes pesos, de 50 libras, 25 e 12/5, para os mais pesos servem os marcos.
- Romanas boas, grandes e pequenas.
- Podões para podar as vinhas e parras.
- Foices para segar o trigo e a alfafa.
- Grelhas para arar a terra com bois.
- Podadeiras para mondar as vinhas e limpar a terra.

Pás para cavar as vinhas e a terra.

Barretas e almadanetas para as minas e para quebrar pedras.

Bocetas pintadas, de 12 em torno, de 10, 8 e 6.

Óculos de cristal e de toda a sorte.

Cordas de viueta, finas, da Alemanha, Pisa, Florença e Roma.

Flautas e apitos para tanger.

Trompas de Paris, em maços de 10 dezenas.

Caixas ou arcas pequenas, lavradas com ébano e marfim, que se dizem de Tarasca.

Contadores de marfim e ébano.

Escritórios da Alemanha.

Cofres ou baús de vaqueta vermelhas e com tachas douradas, onde vão as mercadorias e se vendem bem, não sejam muito grandes.

Chapins valencianos de tauxia ou meia tauxia, de 4 *corchos* até 10.

Chapins sevilhanos para mulheres.

Ferramentas para ferrar mulas e cavalos, martelos, tenazes e puxavantes.

Sabão de Espanha. Posto que se faça muito no Peru, não é tão bom, porque o fazem com sebo.

Pez destas partes também se leva algum, que é melhor que o da Nicarágua, em particular é necessário *pez* grego.

Mel de abelhas, virgem e bom.

Cera branca em pão, que é um género muito importante para as Índias.

Cera lavrada, de uma libra e meia e de quarto de libra.

Cera em *lebrillos*, de meia libra e de uma libra, branca.

Cera em candelilha, para alfaiates, para encerar coisas de seda.

Papel de Génova, muito fino.

Livros brancos de papel, encadernados.

Azeite para comer.

Amêndoas secas. Hão-de secar-se bem num forno quente e ser metidas em vasilhas bem secas, que serão bem vedadas, de jeito que nelas não entre vento nem humidade.

Algumas escopetas boas, rodelas, escudos e broquéis. Tudo se vende bem e de tudo há necessidade no Peru.

Todas as coisas curiosas que nesta terra há para mulheres e para adorno da casa se gastam bem.

Alcaparra em sal, da mais miúda.

Alcaparra em vinagre, sem ser cozida em água, somente em sal e vinagre será boa.

Também se leva alguma azeitona de Sevilha, das gordas.

Avelãs. Estima-se lá que sejam boas.

Todas as sedas da China, tecidos e sedas torcidas se gastam bem no Peru.

A ordem que se há-de guardar para que vão as mercadorias bem acomodadas e não recebam dano

Os cutelos e coisas de ferro, como se passem por óleo de linhaça, não se danam.

Toda a ferragem que for muito fina e agulhas, como lhe deitem alvaiade em pó, não se tomará [sic].

Todas as coisas de ferro hão-de ir em caixotes, como são freios, estribos e tudo o mais. Deite-se-lhes aluzema, por outro nome *aspliego*, e alecrim, que se chama *rosmaninho*, que, como são coisas miúdas, entram por entre a ferragem, e é tépidos e não dão lugar a que enferruje, e vai bem encaixada. Custam esta aluzema e este alecrim no Peru 4 reais.

As sedas, como são veludos guarnecidos e lisos e aveludados, hão-de ir em caixotes da sua altura dos veludos, e não se hão-de apetar, por que se lhes não esmague o pêlo.

Cetins, damascos, tafetás e outras sedas, telas de ouro e passamaneria de ouro, todas estas sedas e telas devem ir bem empapeladas e cobertas por uma capa de baeta branca, que as conserva muito, para que não sejam manchadas.

Os passamanes de ouro sejam envolvidos em estopas de linho, que lá valem bom dinheiro, pois que não as há.

Todos os fardos de panos e todas as mercadorias de lã hão-de levar uma serapilheira de cânhamo, sobre ela uma coberta ou uma sarja de lã e, em cima, outra serapilheira de cânhamo, todas bem apertadas e cosidas, e não hão-de levar cordas que maltratam as mercadorias, nem os fardos hão-de ter de peso mais de 6 arrobas. Assim irão acomodados para os poder carregar qualquer besta, sem lá se ter o trabalho de desfazê-los.

A *lencería* envolve-se numa peça de *melingé* ou lenço cru e suas *arpilleras*, e assim não receberão dano.

Ao papel colocam-se, dos lados, umas tábuas de cortiça e *corchos* raspados, dos que serve para chinelas, ata-se estes *corchos* ao papel com uns cordéis, com as *arpilleras* por cima, e assim se leva. E não se dispensam no Peru os *corchos*, que servem para muitas coisas e não as há ali.

Todas as vasilhas hão-de ir enceradas e com esteiras de esparto ou com *cañamazos*.